

2025

**PAULO JORGE  
FRADE ALVES**

**(E.LO) FORÇA NAS CANETAS – UM PLANO  
DE COMUNICAÇÃO MULTIMÉDIA PARA UM  
EVENTO DE DESPORTO POPULAR: A  
SUBIDA DA RAMPA DO VALE DE SANTO  
ANTÓNIO**



2025

**PAULO JORGE  
FRADE ALVES**

**(E.LO) FORÇA NAS CANETAS – A SUBIDA DA  
RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO**

Projeto apresentado ao IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Multimédia realizado sob a orientação científica do Doutor Thomas Behrens, Professor auxiliar do IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia.

Dedico este trabalho a todas as Coletividades, lugares de partilha, de ligação, de criação de memória passada, presente e futura.

Ulteia



## agradecimentos

Cumpro agradecer ao MIRANTENSE F.C. e à ADR “O Relâmpago” pela forma altruísta como o projeto foi acolhido.

Ao senhor Rui Tomaz, ao Raul, ao senhor Luis, à Paula, ao senhor António Lucas, ao António Freire, ao senhor Vitor, ao Eupremio, ao Vasco, ao senhor Carlos, ao Masud, à Silvana, ao Jorge, à Michele. A todos, o meu bem-haja por fazerem da Rua do Vale de Santo António um Lugar de Memória.

À Professora Marta Nestor e ao Professor Thomas Behrens. Pela assertividade. Pelo desafio. Pelos seres humanos que são.

Ao Ângelo, ao Filipe, ao Hugo, ao Pedro. Pelo vosso espírito crítico, humanismo, sensibilidade. Por me fazerem ir mais além.

Ao João Clemente. Tu que me deste a conhecer a Rampa.

Ao Bruno. Pela caminhada que temos feito.

Ao Alberto. Abraço com impacto cardíaco. Gosto de ti.

Ao César. Mesmo do outro lado do atlântico, sempre presente. Pelas tuas palavras e pela tua visão do Mundo.

À Titi, à Ana, à Inês, à Carla, à Bety. Pelas Mulheres extraordinárias que são. Pelo vosso tempo precioso.

Aos meus pais. Tenho orgulho em vocês. Bem-hajam por tudo aquilo que fizeram por nós. Pelas memórias de uma vida preenchida.

À Leonor, à Clara. Filhas a quem deixo também memórias.

Rosalina, o Ti Álvaro havia de gostar daquela rua mágica. Imagino-o a tocar acordeão à porta do Mirantense.



## palavras-chave

coletividades; arquivos digitais; comunicação; *website*; comunidade.

## resumo

**(e.lo) força nas canetas** é um plano de comunicação multimédia para um evento de desporto popular que tem lugar em Lisboa: a Subida da Rampa do Vale de Santo António. Assume relevância o facto da sinergia de duas associações terem feito renascer, em 2021, o evento realizado entre 1941 e 1954.

O objetivo principal do projeto é preservar a memória coletiva, fragmentada em recortes de jornais e em memórias. A recolha de testemunhos, a captura de retratos, de fotografias do evento em 2023 e 2024, a presença no *Instagram @1170.3xx*, a construção do website *rampadovale.pt*, a criação do cartaz e a exposição multimédia que teve lugar na sede do Mirantense F.C., tudo isto contribuiu para dar voz à memória coletiva do bairro, mostrando como a Rampa transcendeu a dimensão competitiva para se tornar um elemento central na identidade local.

Com recurso a metodologia de investigação aplicada e entrevistas, o projeto foi adquirindo robustez enquanto estudo qualitativo e reforçou o papel do desporto popular na vida das comunidades, consolidando a Rampa não apenas como uma corrida de bicicletas, mas como um símbolo vivo da resiliência, da identidade e da união do bairro. A lição mais importante é que uma comunicação eficaz, focada nas pessoas e na sua história, é a chave para transformar um evento num legado duradouro.

**(e.lo) força nas canetas** é uma homenagem a estas Coletividades que, ao longo dos anos, foram e continuam a ser agregadoras de gentes das mais variadas faixas etárias, das mais variadas origens.

Passado, presente e futuro.



**Keywords**

collectivities; digital archives; communication; website; community.

**abstract**

"(e.lo) força nas canetas" constitutes a multimedia communication strategy for a popular sports event held in Lisbon: the *Subida da Rampa do Vale de Santo António*. Of particular relevance is the fact that the synergy between two associations enabled the revival, in 2021, of an event originally organized between 1941 and 1954.

The main objective of the project is to preserve collective memory, fragmented across newspaper clippings and personal recollections. The collection of testimonies, the capturing of portraits and photographs of the event in 2023 and 2024, the presence on Instagram @1170.3xx, the development of the website rampadovale.pt, the design of the poster, and the multimedia exhibition held at the headquarters of Mirantense F.C.—all of these contributed to giving voice to the neighborhood's collective memory, demonstrating how the *Rampa* transcended its competitive dimension to become a central element of local identity.

Through the use of applied research methodologies and interviews, the project gradually acquired robustness as a qualitative study and reinforced the role of popular sport in community life, consolidating the *Rampa* not merely as a bicycle race but as a living symbol of neighborhood resilience, identity, and cohesion. The most significant lesson to emerge is that effective communication - centered on people and their histories - constitutes the key to transforming an event into a lasting legacy.

"(e.lo) força nas canetas" constitutes a tribute to the neighborhood associations that, over the years, have been - and continue to be - spaces of aggregation for people of diverse ages and backgrounds.

It is simultaneously an evocation of the past, an affirmation of the present, and an investment in the future.

## Índice geral

<b>Índice de figuras</b> .....	vi
<b>Índice de gráficos</b> .....	vii
<b>Índice de abreviaturas</b> .....	viii
<b>1. Introdução</b> .....	1
1.1. Enquadramento .....	3
1.2. Problema da investigação .....	4
1.3. Objetivos da investigação .....	5
1.3.1. Objetivos gerais .....	5
1.3.2. Objetivos específicos .....	5
1.4. Estrutura do projeto .....	6
<b>2. Revisão da literatura</b> .....	7
2.1. Introdução .....	7
2.2. Sociedade em rede .....	9
2.3. Associativismo .....	11
2.3.1. Associativismo em Portugal .....	11
2.3.2. Comunicação das Associações .....	14
2.4. A Bicicleta e a Comunidade .....	16
2.5. Lugares de memória .....	18
2.5.1. Memória individual .....	18
2.5.2. Memória coletiva .....	19
2.6. Identidade comunitária .....	20
2.6.1. Mirantense F.C. ....	22
2.6.2. ADR “O Relâmpago” .....	24
2.6.3. A Rampa do Vale de Santo António .....	27
2.7. Conclusão .....	29
<b>3. Metodologia</b> .....	30
3.1. Pressupostos .....	31
3.2. Instrumentos e técnicas .....	33

3.2.1. Pré-evento .....	33
3.2.2. Durante e pós-evento .....	35
3.3. Abordagem geral .....	37
3.4. Conclusões .....	39
<b>4. Análise e discussão de resultados .....</b>	<b>40</b>
4.1. Passado .....	42
4.1.1. Arquivo 1941-1954 .....	42
4.1.2. Era Moderna - 2021 até ao presente .....	44
4.2. Presente .....	45
4.2.1. <i>Website</i> .....	45
4.2.2. <i>Instagram</i> .....	48
4.2.3. Testemunhos .....	51
4.3. Futuro .....	52
4.3.1. Exposição Multimédia .....	52
4.3.2. Declaração de intenções .....	59
<b>5. Conclusões e Recomendações .....</b>	<b>60</b>
5.1. Conclusões finais .....	60
5.2. Contribuições do estudo .....	60
5.3. Limitações do estudo .....	61
5.4. Recomendações para estudos futuros .....	62
<b>6. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>64</b>
<b>7. Apêndices .....</b>	<b>68</b>
<b>8. Anexos .....</b>	<b>69</b>
Fotografias da exposição .....	69
Retratos & Testemunhos - Transcrições de áudios (21 a 24 de abril de 2025) .....	93
Entrevista do autor à Radio Relâmpago, por Sara Figueiredo Costa .....	137
<i>E-mail</i> de 18 de fevereiro de 2025 .....	142

## Índice de figuras

Figura 1. <i>Comemoração dos 90 anos do Mirantense F.C. 01.05.2025</i> .....	23
Figura 2. <i>Assembleia aberta sobre a Rampa de 2025 11.05.2025</i> .....	25
Figura 3. <i>Um dia Sobre a Rampa no Mirantense F.C.</i> .....	25
Figura 4. <i>I Subida da Rampa do Vale de Santo António</i> .....	28
Figura 5. <i>I Subida da Rampa do Vale de Santo António</i> .....	29
Figura 6. <i>MEMÓRIA 1941-1954</i> .....	43
Figura 7. <i>Notícia</i> .....	44
Figura 8. <i>História da Rampa, no website, até 11 de maio de 2025</i> .....	45
Figura 9. <i>Instagram 1170.3xx</i> .....	49
Figura 10. <i>Ambiente de edição Photoshop 2025</i> .....	52
Figura 11. <i>Cartaz da exposição “Rampa do Vale de Santo António”</i> .....	53
Figura 12. <i>Fotografias para a Exposição</i> .....	54
Figura 13. <i>Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 - Mirantense F.C. ..</i>	55
Figura 14. <i>Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 - Mirantense F.C. ..</i>	56
Figura 15. <i>Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 - Mirantense F.C. ..</i>	57
Figura 16. <i>Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 - Mirantense F.C. ..</i>	58
Figura 17. <i>Folha de Sala - Exposição</i> .....	69
Figura 18. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	70
Figura 19. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	71
Figura 20. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	72
Figura 21. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	73
Figura 22. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	75
Figura 23. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	76
Figura 24. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	78
Figura 25. <i>Rampa do Vale de Santo António 2023</i> .....	79
Figura 26. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	81
Figura 27. <i>Rampa do Vale de Santo António 2023</i> .....	82
Figura 28. <i>Rampa do Vale de Santo António 2023</i> .....	83
Figura 29. <i>Rampa do Vale de Santo António 2023</i> .....	84

Figura 30. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	85
Figura 31. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	86
Figura 32. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	87
Figura 33. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	88
Figura 34. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	89
Figura 35. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	90
Figura 36. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	91
Figura 37. <i>Rampa do Vale de Santo António 2024</i> .....	92
Figura 38. <i>Rui Tomaz - 22.04.2025</i> .....	93
Figura 39. <i>Raul Salvador - 22.04.2025</i> .....	95
Figura 40. <i>Luis Madeira - 21.04.2025</i> .....	98
Figura 41. <i>Paula Lopes - 22.04.2025</i> .....	102
Figura 42. <i>António Lucas - 22.04.2025</i> .....	104
Figura 43. <i>António Freire - 23.04.2025</i> .....	108
Figura 44. <i>Vitor Santos - 22.04.2025</i> .....	110
Figura 45. <i>Eupremio Scarpa - 23.04.2025</i> .....	116
Figura 46. <i>Vasco Alves - 23.04.2025</i> .....	119
Figura 47. <i>Carlos Alves - 21.04.2025</i> .....	122
Figura 48. <i>Masud Majumber - 22.04.2025</i> .....	124
Figura 49. <i>Silvana Duarte - 24.04.2025</i> .....	126
Figura 50. <i>Jorge Brenha - 24.04.2025</i> .....	129
Figura 51. <i>Michele Faro - 24.04.2025</i> .....	132
Figura 52. <i>Rádio Relâmpago</i> .....	137

### **Lista de gráficos**

Gráfico 1. <i>Novos associados Mirantense F.C e ADR “O Relâmpago”, por ano, desde 2021 ...</i>	26
Gráfico 2. <i>Número de publicações da época no novo website</i> .....	43

## **Lista de abreviaturas**

ACCL	Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa
ADR “O Relâmpago”	Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago”
AFL	Associação de Futebol de Lisboa
INATEL	Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores
Mirantense F.C.	Mirantense Futebol Clube

## 1 - Introdução

Descobri a Subida da Rampa do Vale de Santo António no dia 15 de outubro de 2023. Lembro-me de ter chegado à Rua do Vale de Santo António, via Rua dos Sapadores, num dia chuvoso. O que iria ser daquele evento (para mim desconhecido) numa rua que tem calçada e com uma inclinação que chega aos 16% em alguns pontos?

Viveram-se momentos dignos das Clássicas da Primavera que acontecem entre fevereiro e abril na Flandres, nas Ardenas, no norte de França ou ainda em Itália, com o público a gritar de emoção à passagem dos ciclistas, a apoiá-los nos momentos mais difíceis, junto ao cruzamento com a Rua da Bela Vista à Graça e com a Rua do Mato Grosso onde está a faixa “FORÇA NAS CANETAS”, a ajudar com um empurrão, a correr paralelamente aos ciclistas com mensagens de apoio, mas sentiu-se também algo de diferente, genuíno, autêntico, algo que o Senhor António Lucas tão bem descreve no seu testemunho.

Toda a Rua do Vale de Santo António se enfeitou para a ocasião. As varandas foram decoradas com faixas de apoio aos ciclistas e ao Mirantense F.C., através das muitas camisolas do clube penduradas em estendais. A presença de seres humanos de todas as idades. Um ambiente ímpar.

Nesse dia, no primeiro contacto que tive com a sede do Mirantense F.C., observei a sua memória. Um clube de bairro com 88 anos na altura e todo o orgulho espelhado nas paredes, nas estantes, nos troféus. Fotografias gastas pelo tempo. Memórias. Recordações. Muita vida a efervescer. Perceberia o porquê posteriormente.

Até à edição seguinte, a quarta da “*Era Moderna*”, que aconteceu a 20 de outubro de 2024, tentei saber um pouco mais sobre a história daquele evento, quem estava por detrás do mesmo, quem seriam os seres humanos que, numa união conjunta, davam vida a todo este acontecimento social, cultural, desportivo. “*Desporto popular*”.

No decorrer do Mestrado em Comunicação e Multimédia, que teve início após a Rampa do Vale de Santo António de 2024, foi quase impossível deixar de lado a ideia de dar a conhecer a história

deste evento. Alguns artigos referiam recortes de jornais de época, na posse de uma antiga dirigente do Mirantense F.C., circulavam fotografias de diversos autores em plataformas como o *Facebook* ou o *Instagram*, mas sem qualquer ligação entre eles, e ainda alguns vídeos na plataforma *YouTube*. Uma ideia começava a ganhar robustez. “E se?”

De que modo a criação de um arquivo documental e multimédia (integrando fotografias de época, recortes de imprensa, testemunhos orais da comunidade local e uma exposição na sede do Mirantense F.C.) poderá contribuir para a preservação, valorização e acessibilidade da memória coletiva em torno da Subida da Rampa do Vale de Santo António?

Com base na questão acima formulada foi esboçada uma ideia como plano de comunicação e, dia 18 de fevereiro de 2025, foi dada a conhecer ao Mirantense F.C. e à ADR “O Relâmpago” através de *e-mail*.

Como foi referido anteriormente “muita vida a efervescer” deve-se ao facto da ADR “O Relâmpago” ter desafiado o Mirantense F.C. a trazer de volta a Subida da Rampa do Vale de Santo António, evento que decorreu entre 1941 e 1954 nessa mesma rua.

Esta união de esforços, este elo, esta ligação do presente ao passado tem sido motivo de orgulho para moradores, participantes da subida, público, comércio local.

A ideia do plano de comunicação foi prontamente recebida pelo Vasco Alves, tesoureiro e pelo Eupremio Scarpa, presidente da ADR “O Relâmpago”. Michele Faro, presidente do Mirantense F.C., delegou em ambos a tarefa de intermediários com o clube.

O primeiro encontro teve lugar na sede do Mirantense F.C. dia 21 de março de 2025. Criaram-se imediatamente sinergias, uma vez que uma ideia semelhante já estava consolidada pela ADR “O Relâmpago”. A falta de tempo e de meios humanos impediram que o *website* oficial da prova tivesse sido reformulado e apresentasse apenas informações das edições da “*Era Moderna*”, como lhe chamam desde 2021, e apenas três fotografias de época: edições dos anos entre 1941 e 1954.

Ao longo das próximas páginas serão percorridas várias etapas. Capítulo 1, Introdução, objetivos e questões da investigação. Capítulo 2, Sustentação do projeto com base na revisão de literatura que abordará Comunicação, Sociedade em rede, Associativismo, A Bicicleta e a Comunidade, Lugares de memória e Identidade comunitária. Capítulo 3, Metodologia. Capítulo 4, Análise e discussão de resultados: passado, presente, futuro. Conclusões e recomendações no Capítulo 5.

Em anexo, contam as 21 figuras que fizeram parte da exposição de 11 a 31 de maio de 2025 na sede do Mirantense F.C., os testemunhos e os retratos dos 14 seres humanos que fazem parte da identidade do bairro, a entrevista do autor do projeto **(e.lo) força nas canetas** à Rádio Relâmpago e o *e-mail* que deu a conhecer a proposta de plano de comunicação às coletividades envolvidas.

No dia 1 de junho de 2025, as fotografias da exposição foram doadas ao Mirantense F.C. tendo o clube decidido manter a exposição de forma permanente, com a ressalva de itinerância (ver declaração de intenções).

### **1.1. Enquadramento**

A Subida da Rampa do Vale de Santo António, em bicicleta, é um símbolo da memória coletiva e uma referência da identidade comunitária de todo um bairro. A sede do Mirantense F.C., no número 33 da Rua do Vale de Santo António, 1170-376 Lisboa, é o epicentro de uma comunidade que tem conseguido, desde que foi fundada a 1 de maio de 1935, manter o elo entre os moradores e outras coletividades. De 1941 a 1954, o desporto popular viu ser escrita uma história que, passados 80 anos desde a primeira edição, voltou a emergir com a parceria da ADR “O Relâmpago” a 17 de outubro de 2021.

Este projeto, **(e.lo) força nas canetas**, pretende, através de um plano de comunicação, preservar, divulgar e dignificar ainda mais a Subida da Rampa do Vale de Santo António.

Após recolha de informação impressa de época (1941 a 1954), fotografias da Era Moderna (desde 2021 até 2024), testemunhos de moradores, membros das coletividades e comércio local,

conseguiu-se perceber o impacto que um evento de desporto popular tem a nível local para a construção e manutenção da identidade comunitária e memória coletiva.

O resultado deste plano de comunicação traduziu-se na criação de:

- conta de *Instagram* **1170.3xx**;
- *website* do evento **rampadovale.pt**;
- cartaz para a exposição multimédia;
- retratos e testemunhos áudio de representantes do comércio local, representantes das associações e moradores num total de 14 registos.
- exposição multimédia na sede do Mirantense F.C. de 11 a 31 de maio de 2025;

Para o dia 11 de maio de 2025 a ADR “O Relâmpago” convocou uma assembleia aberta, na sede do Mirantense F.C., englobada numa ação chamada “Um dia sobre a Rampa” na qual se inseriu a inauguração da exposição multimédia e a apresentação do novo *website*. Tudo isto fez parte do programa de comemoração dos 90 anos do Mirantense F.C., que decorreu durante todo o mês de maio de 2025.

**(e.lo) força nas canetas** é mais que um lema, é um reflexo de resistência de uma Lisboa em transformação e que tem sido pouco favorável ao associativismo popular. Quase como polos de resistência, estas associações são o pulso dos bairros.

Este trabalho, através de um plano de comunicação multimédia, é uma homenagem a estas Coletividades que, ao longo dos anos, foram e continuam a ser agregadoras de gentes das mais variadas faixas etárias, das mais variadas origens. Passado, presente e futuro.

## **1.2. Problema da investigação**

Implementar um plano de comunicação multimédia para um evento de desporto popular, a Subida da Rampa do Vale de Santo António.

## **1.3. Objetivos**

### **1.3.1. Objetivos gerais**

- Qual o significado da Rampa do Vale de Santo António, enquanto evento de desporto popular, no contexto do bairro, passado, presente e futuro?
- De que forma a organização e a vivência da Rampa do Vale de Santo António contribuíram para a formação da memória coletiva dos moradores?
- Qual o papel do evento na construção e manutenção da identidade comunitária do bairro?
- Como o ciclismo popular se tornou um elemento agregador e de distinção local?

### **1.3.2. Objetivos específicos**

- Contribuir para a compreensão do fenómeno do desporto popular e do seu impacto social e cultural, para além da dimensão meramente competitiva;
- Enriquecer os estudos sobre memória coletiva e identidade urbana, utilizando um caso específico que ilustra o cruzamento de fatores históricos, sociais e culturais na formação do imaginário de um bairro;
- Resgatar e preservar a história de um evento e de uma comunidade, dando visibilidade a práticas e memórias que podem estar em risco de esquecimento, especialmente num contexto de aceleradas mudanças urbanas;
- Oferecer *insights* para futuras iniciativas de revitalização comunitária e promoção do desporto como ferramenta de coesão social em contextos urbanos.

## 1.4. Estrutura do projeto

Para atingir os objetivos propostos e resolver o problema de investigação, o plano de comunicação multimédia deve ser estruturado como um projeto que integra pesquisa, produção e divulgação. O projeto será dividido em três fases: Pesquisa, Produção e Divulgação/Exibição.

### Fase 1: Pesquisa

Esta fase inicial é a base para a recolha de dados que responderão aos objetivos gerais e específicos. O foco será na investigação qualitativa, utilizando uma variedade de técnicas para captar a essência da comunidade e do evento.

- Revisão de Literatura através do estudo de conceitos como "sociedade em rede" (Castells), "memória coletiva" (Halbwachs), "lugares de memória" (Pierre Nora);
- Entrevistas em Profundidade com a realização de entrevistas com moradores, organizadores (das associações Mirantense F.C. e ADR “O Relâmpago”) e representantes do comércio local. Estas entrevistas visam obter testemunhos e histórias de vida que revelem o significado do evento e o seu impacto social e cultural.

### Fase 2: Produção

Nesta fase, os dados recolhidos são transformados em conteúdo multimédia para serem exibidos nas diversas plataformas. A produção será centrada na criação de narrativas visuais e auditivas que contam a história do evento.

- *Website* do Evento com diversas secções, nomeadamente:
- "Memória" e “Bairro”: Apresentação de um arquivo de fotografias de edições passadas e atuais do evento, com espaço para testemunhos em áudio;
- "O Hino" e "O Troféu": Conteúdo multimédia que explora os símbolos e as tradições do evento, como o hino e a história do troféu;
- "As Varandas": Narrativa visual e escrita sobre a participação e o papel dos moradores que decoram as suas varandas;
- "Sobre Nós": Informação sobre o Mirantense F.C. e a ADR “O Relâmpago”, destacando a cooperação interassociativa e ainda sobre o projeto **(e.lo) força nas canetas**;

- Redes Sociais (*Instagram 1170.3xx*) com publicações diárias de fotografias de retratos e eventos para manter a relevância do evento na memória fluida da sociedade em rede. Partilha de hiperligação para os testemunhos áudio, com a fotografia do entrevistado, para humanizar a história;
- Materiais Físicos como a produção de um cartaz com design visualmente atraente para divulgação local;
- Criação de uma exposição na sede do Mirantense F.C. com os retratos, os testemunhos áudio e as fotografias das edições de 2023 e de 2024 e ainda dos 14 retratos, transformando a memória digital numa experiência tangível para a comunidade.

### Fase 3: Divulgação e Impacto

Ênfase na distribuição do conteúdo e na avaliação do seu impacto.

- Lançamento do *Website* e das Redes Sociais com o início das campanhas de comunicação *online*;
- Divulgação física com a colocação de cartazes (com um *QR Code* a remeter para a conta *Instagram 1170.3xx*) em locais estratégicos do bairro;
- Exposição multimédia com a realização de um evento para inaugurar a exposição, convidando a comunidade;
- Avaliação através da monitorização do engajamento nas redes sociais e do *feedback* da comunidade na exposição para avaliar o impacto do plano.

## 2. Revisão da Literatura

### 2.1. Introdução

O estudo da "sociedade em rede" revela um paradoxo: apesar da fluidez e da predominância das interações digitais, a necessidade de *pertença, solidariedade e identidade* em espaços físicos persiste. Esta revisão de literatura demonstra como um evento comunitário como a Subida da Rampa do Vale de Santo António, promovido por associações locais, é a resposta a esse paradoxo.

A teoria da "sociedade em rede", segundo Manuel Castells (2013), sugere que as nossas vidas são moldadas por conexões fluidas e efémeras. Contudo, esta fluidez não preenche o vazio deixado pela falta de interações físicas e de um sentimento de pertença. É aqui que eventos como a Subida da Rampa do Vale de Santo António ganham relevância. Ao reunir fisicamente a comunidade, o evento oferece um ponto de ancoragem no mundo real, um espaço de encontro e solidariedade que as redes sociais, por si só, não conseguem replicar. As interações digitais podem divulgar o evento, mas a sua verdadeira essência (o reencontro, a alegria e o apoio mútuo) só se materializa no espaço físico.

A resiliência e a vitalidade do associativismo em Portugal são a prova de que a nossa sociedade valoriza as estruturas de apoio e a identidade coletiva. O Mirantense F.C. e a ADR "O Relâmpago" não são apenas organizadores do evento; são pilares vivos que mantêm a identidade da comunidade. A cooperação interassociativa entre elas é crucial. Através da sua união, do seu elo, conseguem mobilizar recursos, partilhar conhecimentos e amplificar o impacto do evento, mostrando que a colaboração fortalece a comunidade.

A bicicleta, no contexto da Subida da Rampa, é mais do que um meio de transporte ou desporto. É uma ferramenta poderosa que constrói comunidades e fortalece laços sociais. O evento promove a interação, o trabalho em equipa e a celebração, que são a essência da "memória coletiva" de Halbwachs e dos "lugares de memória" de Pierre Nora.

A própria Rampa do Vale de Santo António e a sede do Mirantense F.C. tornam-se "lugares de memória". Estes espaços, através das edições passadas do evento, acumulam significado e história, transformando-se em símbolos que unem o passado e o presente da comunidade. O elo.

As histórias, os testemunhos e as fotografias partilhadas nas redes sociais e na exposição multimédia do evento contribuem para a "memória coletiva" do bairro. A memória não é individual, mas sim um constructo social que é continuamente redefinido e reforçado através destas experiências partilhadas.

A identidade comunitária é o resultado final de todo este processo. O evento não só celebra o passado e o presente, mas também constrói o futuro do bairro. A Subida da Rampa do Vale de Santo António, com o apoio das associações, cria um espaço onde a solidariedade, a colaboração e a memória se manifestam, reafirmando que, mesmo numa era digital, o valor das conexões humanas e do sentimento de pertença a um lugar físico continua a ser insubstituível.

## **2.2. Sociedade em rede**

A Sociedade em Rede, segundo Castells (2013), caracterizada pela fluidez das conexões e a predominância de interações digitais, não anula a necessidade de espaços e ações de pertença e solidariedade no mundo físico. O Movimento Associativo Popular, apesar dos desafios contemporâneos, emerge como um pilar fundamental para fortalecer laços comunitários e contrariar as tendências de individualismo e gentrificação.

Uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias da informação e comunicação baseadas em microeletrónica e processadas digitalmente. Entendo as estruturas sociais como as disposições organizacionais dos seres humanos em relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder, expressas numa comunicação significativa codificada pela cultura. (Castells, 2013, p. 24, tradução nossa)

Penso que a própria maneira como a cidade de Lisboa está neste momento, com toda esta crise da habitação, com toda esta... bem... com esta gentrificação brutal e super acelerada, eu penso que a prova veio, de alguma forma, também colmatar ali uma coisa que eu acho que, infelizmente, está a desaparecer. As pessoas usufruírem do espaço público sem qualquer, sem fins comerciais. As pessoas vêm para a rua para desfrutar dos seus vizinhos,

da sua rua e eu penso que isso também é umas das razões que tem trazido tanta popularidade à prova. (Alves, comunicação pessoal, 23 de abril de 2025)

A crítica de Vasco Alves sobre a gentrificação em Lisboa e a perda do uso não comercial do espaço público "as pessoas usufruírem do espaço público sem qualquer, sem fins comerciais" encontra um contraponto direto na atuação das associações. A prática de "desfrutar dos seus vizinhos" descrita por Vasco Alves é precisamente o que o movimento associativo se propõe a fazer. Exemplos como a organização de eventos ("a Rampa do Vale de Santo António", "os Santos Populares"), a criação de equipas desportivas ou jantares de confraternização, conforme relatado por António Freire, demonstram a capacidade dessas coletividades em criar momentos e locais de convívio genuíno.

Fazemos vários eventos, como a Rampa do Vale de Santo António, temos duas equipas de futebol, está-se a pensar para o ano também ter uma equipa de futebol feminino, para além disso fazemos os Santos Populares. O jantar do Dia da Mulher é muito importante porque são as velhotas aqui do bairro, que algumas têm que se ir buscar de carro, têm alguma dificuldade em virem para aqui. (Freire, comunicação pessoal, 23 de abril de 2025)

Essa atuação vai além do recreio e do desporto. A essência do movimento associativo, como sublinham Nunes et al. (2024), reside em "manter a essência, melhorar as condições, continuar a influenciar a sociedade no aprofundamento da liberdade, democracia e participação." Essa "essência" é tangivelmente exemplificada na solidariedade e no apoio social, como nos lembra Vitor Santos ao referir-se à ajuda às "pessoas mais pobres do bairro" através de "cabazes." Tais ações revelam um papel que transcende o lazer, posicionando as associações como agentes de apoio direto e de coesão social em territórios específicos.

Os desafios que se colocam atualmente ao Movimento Associativo Popular são de natureza e dificuldades várias, mas, no fundamental, há três pontos chave: manter a essência,

melhorar as condições, continuar a influenciar a sociedade no aprofundamento da liberdade, democracia e participação. (Nunes et al., 2024, p. 208)

O Mirantense sempre ajudou as pessoas mais pobres do bairro, sempre, enquanto eram nos natais, dava prendas aos filhos dos sócios, ajudava as pessoas com - eu lembro-me - com cabazes, com coisas, pessoas que não tinham o que comer, que não tinham o que comer, isto era muito difícil, era muito difícil. (Santos, comunicação pessoal, 22 de abril de 2025)

A capacidade de agregar centenas de coletividades, conforme mencionado por Botão (2025), sublinha a dimensão e o impacto da rede associativa.

Numa sociedade onde as interações digitais podem ser superficiais, as associações populares reafirmam o valor do contacto direto e da participação cívica no mundo real. Elas contrapõem a fluidez da rede digital com a solidez das relações de proximidade, provando que a construção de comunidades fortes ainda passa, e talvez mais do que nunca, pelo encontro físico, pela solidariedade e pela partilha de um espaço comum.

## **2.3. Associativismo**

### **2.3.1. Associativismo em Portugal**

O associativismo em Portugal é mais do que um conjunto de organizações; é uma estrutura viva que molda a identidade das comunidades e atua como um pilar de apoio social e de resistência. Com mais de 30.000 associações, cerca de seis milhões de associados e uma vasta rede de dirigentes voluntários (Nunes et al. 2024), esta “família” associativa é um dos maiores alicerces da economia social do país.

As associações de cultura, recreio e desporto constituem, atualmente, a maior “família” associativa existente em Portugal – e também a maior “família” da economia social. São mais de 30 000 associações, com cerca de seis milhões de associados e 300 000 dirigentes associativos voluntários e benévolos. (Nunes et al., 2024, p. 185)

Os testemunhos revelam um movimento que se enraíza na história e na cultura das comunidades. O exemplo do Mirantense F.C., destacado por Eupremio Scarpa, ilustra o modelo ideal de uma associação de bairro: uma entidade de "ligação com a comunidade, proximidade, entreaajuda." Este papel não se limita a atividades de lazer, mas abrange um compromisso profundo com o bem-estar coletivo, conforme sublinha António Lucas: "ensinar os mais jovens, apoiar os mais velhos, dar vida ao bairro." As associações são espaços de dedicação e esforço, onde os diretores voluntários sacrificam a sua vida pessoal e profissional para manter a coletividade a funcionar.

Ainda hoje faz as suas funções para as quais as coletividades têm o dever de a fazer: ensinar os mais jovens, apoiar os mais velhos, dar vida ao bairro, dar dignidade às pessoas que entram para as direções, que não é fácil ser diretor de uma coletividade, não é fácil, porque tem a sua vida familiar, tem a sua vida profissional e, depois, ainda tem que ter a vida da própria coletividade. (Lucas, comunicação pessoal, 22 de abril de 2025)

A capacidade destas organizações de criar laços e definir identidades é crucial. Martins (2021) descreve as representações coletivas como um trabalho contínuo onde as comunidades "se constituem e dão conta da sua existência," lutando para "delimitar territórios e pertenças, ou seja, para definir identidades." Esta busca por identidade e sentido de pertença é fundamental num mundo cada vez mais fragmentado. A história da Subida da Rampa do Vale de Santo António serve como um poderoso exemplo da resiliência do associativismo. A sua interrupção em 1954, por ser vista como uma forma de resistência ao regime autoritário, demonstra o seu potencial de subversão e a sua importância como instrumento de expressão popular.

Obra da memória, as representações coletivas são, sobre a realidade social, de estruturas e processos, o incessante trabalho através do qual as comunidades humanas simultaneamente se constituem e dão conta da sua existência. Estruturas e representações refletem, no entanto, realidades homólogas: numas e noutras se exprimem objetivos, lutas, tentativas apaixonadas para delimitar territórios e pertenças, ou seja, para definir identidades. (Martins, 2021, p. 22)

O associativismo, portanto, não é apenas um reflexo da sociedade, mas um agente ativo de mudança. Como afirma Coelho (2008), ele contribui para a "consolidação e dinamização do tecido social" e é um "importante factor de transformação e inovação social." A missão da ACCL, focada em elevar o associativismo a um patamar de relevância social para "favorecer o florescimento do espírito comunitário", Botão (2025) reforça esta visão. Em tempos de incerteza, as associações populares reafirmam o seu papel vital na promoção do bem-estar, na construção de laços e na manutenção de uma identidade coletiva que se expressa na proximidade, na solidariedade e na capacidade de adaptação.

A Subida da Rampa do Vale de Santo António era o orgulho do Mirantense, da sua gente dos seus moradores; realizou-se até 1954, quando a cidade começou a mudar, as ruas tornaram-se domínio dos carros e do “progresso”, e o desporto popular e as coletividades foram silenciadas, consideradas perigosos instrumentos de resistência ao poder autoritário da época. (Scarpa, 2024)

Promoção do associativismo da nossa Cidade a um patamar de relevância social que contribua para o engrandecimento das próprias Colectividades e, conseqüentemente, o elevar do nível de bem-estar das comunidades da Cidade, favorecendo assim o

florescimento do espírito comunitário que tanto sentido continua a fazer nos tempos conturbados que se vivem. (Botão, 2025)

### **2.3.2. Comunicação das Associações**

A comunicação das associações é um desafio complexo, que vai muito além dos canais formais. Rocher (1992) revela que, por ser um "produto imaterial", o projeto associativo é difícil de representar. A sua comunicação depende da "ambiência, de impressões justas ou falsas", e é construída pelos seus membros e pela sua estrutura. Isso sublinha a importância de uma comunicação baseada na proximidade, no envolvimento e na história.

Essa comunicação informal, mas poderosa, é a base da identidade das associações. O testemunho de Raul Salvador sobre o "Mirantense" como "família" e a importância de "olharmos uns pelos outros" capta a essência da comunicação associativa no seu formato mais puro. Não se trata de um comunicado de imprensa, mas de uma sensação de pertença e de um compromisso mútuo que se transmite através das relações pessoais e da ajuda diária, um espírito que António Lopes resume na ideia de "oferecer algo aos moradores."

Estamos aí também a tentar fazer de alguma forma diferente, vamos ter aí no dia 11 de maio uma conversa com os amantes da Rampa, na tentativa de procurar também soluções, porque também parece injusto que haja gente que todos os anos tenta participar e não consegue, e nós não nos sentimos bem com isso também, há uma coisa que nos preocupa e como tentamos ao máximo, de uma forma democrática, de tentar recolher os contributos de quem participa e de quem beneficia da prova que neste momento já não é do Mirantense, já não é do Relâmpago, nem do bairro.. é da cidade de Lisboa! (Faro, comunicação pessoal, 24 de abril de 2025)

A prova criada em 1941 apagou-se com o tempo mas no seu auge os jornais da época davam conta do entusiasmo da população que se acotovelava nos passeios para ver passar os ciclistas. Também com o apoio d'A Voz do Operário e outras coletividades, em 2021, voltou em força como prova de que o associativismo e o desporto popular continuam vivos na cidade de Lisboa. (A Voz do Operário, 2024)

Contudo, a comunicação associativa não pode viver apenas do passado ou da tradição. Leitão et al. (2009) destacam que, para vencer os desafios atuais, o movimento deve "sem que tal signifique recusa da modernidade" incorporar "novas tecnologias, novos modelos organizativos e mais e melhor comunicação" e manter "intactos os valores e a identidade deste movimento social". A Rampa do Vale de Santo António, por exemplo, que ressurgiu com o apoio de coletividades como a ADR "O Relâmpago," demonstra como a memória e o entusiasmo do passado podem ser revitalizados no presente. A busca por um modelo mais democrático e participativo, com o envolvimento dos "amantes da Rampa" e a utilização de novas tecnologias e métodos de comunicação para "recolher os contributos," ilustra uma transição crucial. A prova, que já "não é do Mirantense," mas "da cidade de Lisboa" como refere Michele Faro, expande o seu alcance através de uma comunicação que se projeta para além do bairro.

São muitos os desafios que se colocam ao Associativismo Popular. Mas estes desafios só serão justamente vencidos mantendo intactos os valores e a identidade deste movimento social, sem que tal signifique recusa da modernidade, consubstanciada no recurso a novas tecnologias, novos modelos organizativos e mais e melhor comunicação. (Leitão et al., p. 38)

Finalmente, a comunicação das associações está intrinsecamente ligada à construção de redes. Nunes et al. (2024) salientam que as redes associativas, através da "cooperação interassociativa," permitem a "multiplicação dos meios". A colaboração entre diferentes coletividades para um evento ou projeto fortalece o movimento como um todo, expandindo a sua voz e a sua capacidade

de influência na sociedade. Assim, a comunicação associativa navega entre a informalidade e a estrutura, entre a tradição e a modernidade, para garantir a sua relevância e a sua capacidade de unir comunidades.

Durante estes sete meses de existência, o Relâmpago teceu relações e organizou algumas atividades com o Mirantense FC, A Voz do Operário, GD Operário, GD da Graça, GD da Mouraria, CCP Santa Engrácia, Maria Pia SC, Associação Maldatesta, Associação Pintarolas, Praça da Alegria FC, a Fúria Azul, Associação Efeito Dominó, ClipRD. (ADR “O Relâmpago”, Relatório de Atividades 2021)

#### **2.4. A Bicicleta e a Comunidade**

A bicicleta, para além de um simples meio de transporte, emerge como uma ferramenta poderosa para a construção de comunidades e o fortalecimento de laços sociais. A sua relação com o indivíduo e a coletividade é destacada em diversas fontes, revelando um papel que vai além do desporto ou do lazer.

Há igualmente que dar crédito à bicicleta pela reinserção do ciclista na sua individualidade própria, mas também pela reinvenção dos elos sociais amáveis, leves, eventualmente efémeros, mas sempre veiculadores de uma certa alegria de viver. Existe além do mais, sem dúvida, uma relação entre a redescoberta de uma certa presença de nós mesmos e a da presença dos outros. (Augé, 2010, p. 34)

Augé (2010) e as Nações Unidas (2018) salientam a capacidade da bicicleta de promover uma "redescoberta de uma certa presença de nós mesmos e a da presença dos outros." Ao contrário da experiência isolada do carro, a bicicleta proporciona uma "consciência imediata do ambiente local" e do tecido social, fomentando o contacto e a criatividade. Esta interação direta com o espaço e as

peças é a base para a "reinvenção dos elos sociais", que podem ser leves, mas são sempre "veículos de uma certa alegria de viver."

A Rampa foi um sucesso não tanto pela prova em si, desportiva, mas porque envolveu o comércio local todo, a comunidade, os vizinhos, portanto foi uma festa muito bonita, e com o passar dos anos aumentou sempre mais em participantes, em envolvimento da comunidade, voluntários, tanto que chegamos em 2024 a ter mais de 100 voluntários a participar na organização da prova. E quero sublinhar também, também teve uma menção honrosa em um prémio de voluntariado da Confederação Portuguesa do Voluntariado, isso é uma coisa muito importante, porque é um prémio que muitas vezes está ligado a atividades e tipo de voluntariado um bocado existencialista, paternalista, e nós fomos lá mostrar uma coisa muito mais comunitária, participativa, e foi um prémio, acho muito bonito, merecido. (Scarpa, comunicação pessoal, 23 de abril de 2025)

Este conceito ganha vida no exemplo da Rampa do Vale de Santo António. Eupremio Scarpa descreve como a prova, organizada por coletividades como o Mirantense F.C. e a ADR "O Relâmpago", foi um sucesso não apenas desportivo, mas como uma "festa muito bonita" que envolveu o "comércio local todo, a comunidade, os vizinhos." O evento tornou-se uma plataforma de democracia participativa, com mais de 100 voluntários a cada ano, recebeu inclusivamente um prémio de voluntariado, demonstrando que a iniciativa comunitária pode ser mais do que paternalista; pode ser um motor de participação e de ajuda genuína.

A autonomia do movimento associativo é sinónimo de liberdade de escolha aliada à verdadeira democracia, a democracia participada. A vida associativa mostra que é possível conciliar liberdade e democracia com capacidade de dar resposta às necessidades de um

coletivo abrindo esperanças para um mundo diferente, mais solidário, mais justo e mais próximo das pessoas. (Nunes et al., 2024, p. 205)

A força desta mobilização vai ao encontro do conceito de "democracia participada" defendido por Nunes et al. (2024). A vida associativa mostra que é possível "conciliar liberdade e democracia com capacidade de dar resposta às necessidades de um coletivo." No caso da Rampa, essa capacidade de resposta e a autonomia do movimento foram essenciais para que as associações se reapropriassem da rua, como destaca Eupremio Scarpa, reafirmando que "o seu bairro, a sua gente se reapropriou do que é deles, a rua." Esta "teimosia" das coletividades, como descrita por Castro (2022), representa um ato de resistência contra a gentrificação e a especulação, preservando a "alma do bairro."

A organização de um evento desta escala exige, como sublinhado por António Lucas, um profundo conhecimento e relacionamento com as autoridades e a própria comunidade. Esta necessidade de coordenação e diálogo reforça o papel da bicicleta e das associações como facilitadores de um "mundo diferente, mais solidário, mais justo e mais próximo das pessoas." Em essência, a bicicleta torna-se um símbolo da autonomia e da capacidade das comunidades de se organizarem para preservar a sua identidade e construir um futuro mais participativo e solidário.

## **2.5. Lugares de memória**

### **2.5.1. Memória individual**

Para Nora (1984), um Lugar de Memória (ou *lieu de mémoire*) não é apenas um local físico, mas qualquer objeto, evento ou tradição que se torna um repositório da memória coletiva de uma nação ou grupo. Eles surgem quando a memória "real," fluida e viva, começa a desaparecer, dando lugar a uma memória artificial, solidificada em símbolos. A memória, que antes era transmitida de forma natural e ininterrupta, precisa agora de ser conscientemente resgatada e preservada.

O testemunho de Raul Tomaz, "Lembro-me desde miúdo de vir à janela ver a Rampa do Vale de Santo António," representa a memória individual e vivenciada. Essa lembrança pessoal, quando partilhada e ouvida por outros, junta-se a outras memórias de moradores. Conforme Oliveira (2017) explica, a memória individual é o alicerce da memória coletiva, pois é através da socialização e da linguagem que estas lembranças se tornam um património comum do grupo.

A afirmação de António Lucas de que a Rampa é o "ato mais significativo que o Mirantense oferece ao bairro" transforma o evento desportivo num símbolo. A Rampa deixa de ser apenas uma corrida de bicicletas para se tornar um elemento que define a identidade e o significado do bairro e da sua comunidade. É essa atribuição de importância e de simbolismo que eleva o evento ao estatuto de um Lugar de Memória.

Portanto, a Rampa do Vale de Santo António, através das memórias pessoais e do significado que lhe é atribuído pelos moradores, atua como um verdadeiro Lugar de Memória, unindo o passado ao presente e solidificando a identidade do bairro.

### **2.5.2. Memória coletiva**

Os testemunhos fornecidos, ao resgatarem a memória individual e ao atribuírem um significado coletivo à "Rampa do Vale de Santo António," contribuem diretamente para o enquadramento do conceito de Lugares de Memória de Pierre Nora.

Se a memória coletiva extrai a sua força daquilo que tem para sustentar um grupo de pessoas, são, no entanto, os indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Desta massa de memórias comuns, que se apoiam umas nas outras, nem todas aparecerão com a mesma intensidade para cada um deles. Diríamos, de bom grado, que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda de

acordo com o lugar que ocupo nela, e que esse lugar, por sua vez, muda de acordo com as relações que mantenho com outros lugares. (Halbwachs, 1950, p. 23, tradução nossa)

As palavras de Maurice Halbwachs em "A Memória Coletiva" (1950) e o conceito de "Lugares de Memória" de Pierre Nora (1984-1992), embora autores de épocas diferentes, complementam-se de forma fundamental. O trecho de Halbwachs ajuda a explicar a "matéria-prima" dos Lugares de Memória de Nora.

A principal contribuição de Halbwachs é a ideia de que a memória individual é inseparável da memória coletiva. Ele argumenta que nos lembramos de eventos não de forma isolada, mas através das lentes do nosso grupo social. Como ele diz, "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva." Isso significa que a nossa lembrança de um evento é moldada por onde estamos no grupo e pelas nossas relações com os outros.

É aqui que o conceito de Nora entra em jogo. Enquanto Halbwachs explica como a memória coletiva é construída (através da interação das memórias individuais), Nora descreve o que acontece quando essa memória viva e orgânica começa a desaparecer.

A Rampa, tal como muitos outros eventos e tradições, corre o risco de ser esquecida com o tempo. A sua ressurreição, e a valorização através dos testemunhos, mostram a necessidade de solidificar a memória para que ela não se perca. O projeto de comunicação, ao registrar e divulgar essas vozes, atua como o processo que Nora descreve para "cristalizar" a memória em um lugar simbólico, garantindo que o seu significado e a sua história sejam preservados para as futuras gerações do bairro.

## **2.6. Identidade comunitária**

As associações ADR "O Relâmpago" e o Mirantense F.C. contribuem de forma exemplar para a identidade comunitária, alinhando-se diretamente com os conceitos de convivência, solidariedade

e participação descritos por Escudero et al. (2021). A união das duas coletividades em torno da Rampa do Vale de Santo António mostra como esses princípios se traduzem na prática.

Segundo os autores, a identidade comunitária nasce do sentimento comunitário, que é inseparável da convivência e da solidariedade. As associações fornecem a estrutura e a oportunidade para que esses elementos se manifestem. O Mirantense F.C., ao ser um "ponto de encontro das gentes do bairro" há 90 anos, é um espaço de convivência constante. A solidariedade manifesta-se no apoio mútuo, enquanto a causa comum é a própria sobrevivência e celebração da comunidade. A ADR "O Relâmpago", ao surgir para "resgatar o espírito associativo", demonstra a movimentação em torno de uma causa compartilhada: manter viva a tradição e a participação social.

A construção de uma identidade coletiva passa pelo processo de participação, constituído pela experiência dos sujeitos em grupo, para além de suas condições sociais, económicas, políticas e culturais. Trata-se de uma intersecção entre as histórias individuais desses agentes comunicacionais com a do grupo de convivência, criando-se assim um canal para o reconhecimento identitário. (Escudero et al., 2021, p. 13)

O segundo conceito-chave é que a identidade coletiva se constrói através da participação, que é a experiência dos indivíduos em grupo. A coorganização da Rampa do Vale de Santo António é o exemplo perfeito dessa intersecção. O evento une as histórias individuais dos moradores — as memórias da Rampa original, a paixão pelo ciclismo, a dedicação ao voluntariado — com a história do grupo. Através da participação na organização, no desporto e no convívio, as pessoas reconhecem-se como parte de algo maior. O esforço conjunto na revitalização da Rampa cria um "canal para o reconhecimento identitário", como referem os autores, onde a identidade do bairro é reforçada a cada edição.

Em suma, a ADR "O Relâmpago" e o Mirantense F.C. não promovem apenas atividades; elas fornecem a plataforma para que a comunidade se organize, conviva e atue em torno de objetivos comuns. A Rampa do Vale de Santo António, neste contexto, não é apenas um evento, mas a

materialização do sentimento comunitário, onde a história e a ação de cada indivíduo se entrelaçam para construir e fortalecer uma identidade coletiva que se expressa na rua, no desporto e nas relações humanas.

### **2.6.1. Mirantense F.C.**

O Mirantense F.C., fundado a 1 de maio de 1935, situa-se atualmente na Rua do Vale de Santo António, número 33, 1170-376 Lisboa. Fundado na Rua do Mirante, o Mirantense Futebol Clube é, há 90 anos, um dos grandes bastiões associativos da Freguesia de São Vicente. Popularizou-se nos primeiros anos pela prática do ténis de mesa e futebol até que, em 1941, organiza pela primeira vez a Rampa do Vale de Santo António. Esta íngreme artéria, no bairro onde o clube se insere, tornou-se o palco de uma das mais carismáticas provas de ciclismo da cidade de Lisboa, com dezenas de ciclistas a competir e milhares de adeptos e moradores à beira da estrada, até à sua extinção em 1954.

A atividade desportiva e social do clube manteve-se sempre presente até aos dias de hoje, na qual para além da coorganização da Rampa (que já vai para a sua 5ª edição da Era Moderna, no próximo domingo 19 de outubro de 2025), conta também com duas equipas de futebol sénior (AFL e INATEL) e uma secção de Pesca Desportiva. Para além de tudo isto, continua a ser o ponto de encontro das gentes do bairro.

**Figura 1.**

*Comemoração dos 90 anos do Mirantense F.C. 01.05.2025*



Angariação de 138 novos associados desde 2021 até 27 de julho de 2025 num total de 300 associados com quotas em dia.

### 2.6.2. ADR “O Relâmpago”

Em meados de 2019, entre um grupo de amigos, surgiu a ideia de recuperar o espírito das antigas coletividades populares. Inspirados na fugaz existência do Relâmpago Futebol Clube, uma extinta agremiação desportiva do leste lisboeta, decidiram homenageá-lo, batizando este projeto de Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago”.

Através da recuperação da memória de um clube, pretenderam resgatar também o espírito associativo fulgurante de outros tempos, de menor timidez na participação social. Ao mesmo tempo, o simbolismo do “relâmpago” está ligado à espontaneidade da associação popular, tal como sucedia nos inícios do futebol, e do desporto em geral. Este grupo de amigos com interesses e valores similares juntou-se e criou uma associação ou clube, começando no futebol e outras modalidades, que depois se estende a uma presença social e a um papel comunitário muito mais completo.

A Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago” aparece como uma ferramenta coletiva de fomento do Desporto Popular, alavancando a sua prática para a integração e interação social, também por via da participação comunitária a vários níveis.

Em Outubro de 2021, a secção de Ciclismo da Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago” convenceu o Mirantense F.C. a coorganizar o seu primeiro evento conjunto: *A Subida da Rampa do Vale de Santo António*, a reedição de uma famosa corrida lisboeta dos idos anos 40 e 50. Querendo, desta forma, que o desportivismo e o convívio associativo e comunitário volte em força às ruas da cidade de Lisboa.

No que diz respeito às referências à Rampa do Vale de Santo António, existem no *website* da associação, com link para o *website* da Rampa do Vale de Santo António, também está presente no *YouTube* com o “Hino da Rampa do Vale de Santo António” e na conta de *Instagram*, onde a comunicação é mais frequente.

**Figura 2.**

*Assembleia aberta sobre a Rampa de 2025 11.05.2025*



**Figura 3.**

*Um dia Sobre a Rampa no Mirantense F.C.*

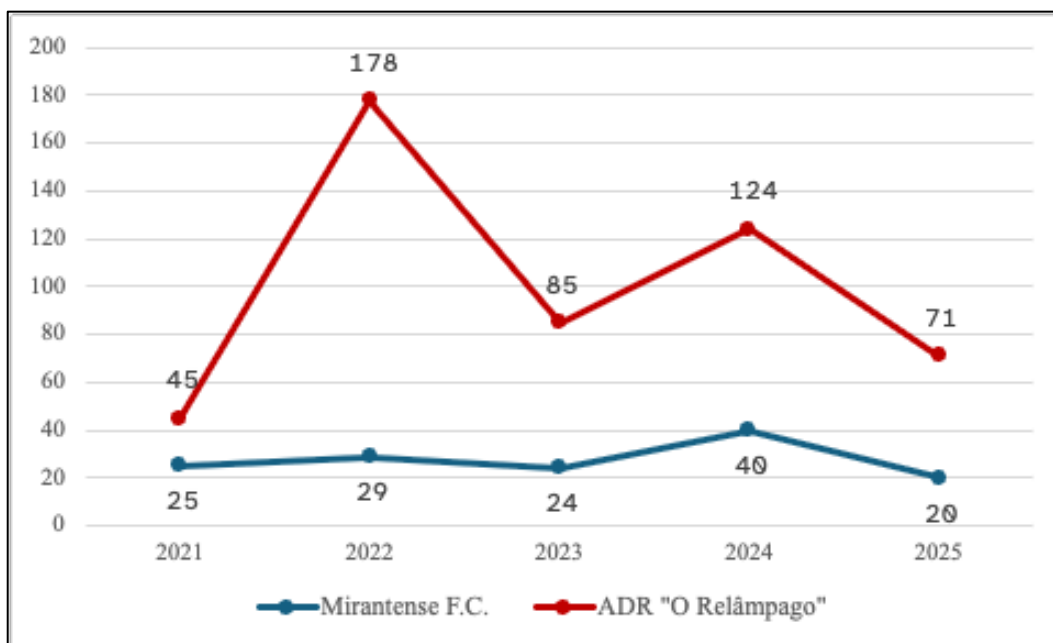


*Nota. Instagram ADR “O Relâmpago”, 6 de maio de 2025*

Desde 1 de maio de 2021 até 21 de julho de 2025 foram angariados 503 novos associados. O grande aumento de novos associados deve-se ao aumento de modalidades. Enquanto que em 2021, nos seus primeiros sete meses de existência, a ADR “O Relâmpago” tinha para oferecer aos seus associados as modalidades de Futebol, Futsal, Ciclismo e Desportos de Combate, a partir de 2022 abriu as modalidades de Atletismo, Futsal Feminino e Futebol de Caricas. Paralelamente, criava relações com outras associações ou Grupos Desportivos.

### Gráfico 1.

*Novos associados Mirantense F.C e ADR “O Relâmpago”, por ano, desde 2021*



### **2.6.3. A Rampa do Vale de Santo António**

O que vamos contar é uma história que fala de desporto, de bicicletas, de Lisboa, de um bairro e da sua comunidade, de uma coletividade quase nonagenária e de uma outra coletividade recém-fundada cheia de entusiasmo e valores vincados. Eis a grandiosa Subida da Rampa do Vale de Santo António! (Scarpa, 2024)

A Subida da Rampa do Vale de Santo António foi um dos mais importantes e famosos acontecimentos desportivos da Cidade de Lisboa nos anos 40 e 50. O ciclismo português estava nas suas décadas áureas: a Volta a Portugal e dezenas de outras corridas realizavam-se em todo o país, arrastando multidões a acompanhar os heróis sobre duas rodas. As escaladas tinham perdido fôlego e provas no calendário velocípede português. A última corrida deste género foi disputada em 1937, por iniciativa de “Os Sports”, num percurso traçado na Rua do Alvito, em Alcântara. Depois dessa prova, não voltou a realizar-se nenhuma outra da mesma natureza e até da própria “Volta a Portugal” desapareceu o “Prémio da Montanha”. Havia a subida da Glória, que foi extinta em 1926. Desta forma, os trepadores "puros" tinham pouquíssimas provas para mostrar o seu valor. A subida da Rampa do Vale de Santo António veio colmatar este vazio. O Mirantense F.C., popular coletividade alfacinha com o apoio do jornal “Os Sports”, lançou o desafio no final de outubro de 1941. A prova estava marcada para o dia 9 de novembro. O entusiasmo foi geral, logo foi fácil o apoio do comércio local e das autoridades e muitos foram os convites às coletividades da cidade de Lisboa. A prova de aproximadamente 800 metros iria ser disputada desde a Rua dos Caminhos de Ferro até à Rua dos Sapadores.

Figura 4.

*I Subida da Rampa do Vale de Santo António*

UMA INICIATIVA INTERESSANTE

---

**O MIRANTENSE**

---

organiza, no dia 9 de Novembro, com o concurso de «OS SPORTS», uma corrida de bicicletas denominada

**«I SUBIDA DA RAMPA DO VALE DE SANTO ANTONIO»**

Há muito tempo já que não se efectuava uma prova de rampa com organização própria, isto é, sem estar integrada em qualquer outra competição.

A última corrida deste género foi disputada há quatro anos, por iniciativa de «Os Sports», num percurso traçado na Rua do Alvíto, e Alcantara.

Depois dessa prova, que alcançou o mais assinalado êxito, não voltou a realizar-se

nenhuma outra da mesma natureza e até da própria «Volta a Portugal» desapareceu o «Premio da Montanhas».

Este ano, porém, registou-se de novo a simpatia dos organizadores pelas subidas com prémios especiais e foi assim que se incluiu um prémio para o melhor trepador no «Circuito da Ma'veiras» e estava prevista

(Continua na 2ª página)

Nota. Os Sports 27.10.1941

## Figura 5.

### *I Subida da Rampa do Vale de Santo António*



Nota. Os Sports 10.11.1941

## 2.7. Conclusão

A presente revisão de literatura e sua análise revela que o movimento associativo popular em Portugal se mantém como uma força vital e resiliente, atuando como um contraponto essencial à fluidez e, por vezes, à superficialidade da sociedade em rede. Longe de ser um vestígio do passado, o associativismo prova ser um pilar central para a construção e manutenção de comunidades fortes e coesas.

A sua essência reside na capacidade de criar laços no mundo físico, oferecendo espaços de convívio, solidariedade e entajuda que a vida digital não consegue replicar. As associações não são apenas clubes de lazer, mas sim agentes de transformação social que dão vida aos bairros, apoiam os mais vulneráveis e defendem a "alma do bairro" contra a gentrificação e o

individualismo. O exemplo da Rampa do Vale de Santo António, revigorada pela colaboração e pela participação comunitária, demonstra como o desporto popular e a bicicleta podem funcionar como catalisadores para a reapropriação do espaço público e para a afirmação da identidade coletiva.

A comunicação associativa, por sua vez, navega entre a tradição e a modernidade, baseando-se nas relações de proximidade e na história, mas incorporando novas tecnologias para ampliar o seu alcance e o seu impacto. A sua força não está em comunicados formais, mas na sensação de "família" e no espírito de entreatajuda que se transmite através do esforço voluntário e da participação democrática.

Em suma, o movimento associativo popular é um modelo de democracia participada, onde a liberdade e a solidariedade se unem para dar respostas concretas às necessidades dos coletivos. A sua relevância, hoje mais do que nunca, reside na capacidade de construir e fortalecer a identidade das comunidades, provando que, num mundo cada vez mais conectado digitalmente, a construção de um futuro mais justo e solidário ainda passa pelo contacto humano, pela partilha de um espaço comum e pela defesa de um sentido de pertença enraizado no território. O associativismo, assim, não apenas resiste, mas floresce, oferecendo um caminho para comunidades mais resilientes e humanas.

### **3. Metodologia**

Através da metodologia utilizada, investigação aplicada, pretendeu-se combinar a produção de conhecimento com a resolução de problemas práticos em contextos reais mediante planeamento, ação, observação e reflexão, tudo isto num estudo cíclico para a melhoria contínua do processo.

Desde o primeiro momento do projeto, pretendeu-se, entre outras coisas, recolher testemunhos de moradores, representantes do comércio local e membros das associações. Se, inicialmente, a ideia era captar imagens e criar pequenos documentários, a realidade fez com que rapidamente se optasse pela recolha áudio possibilitando, desta forma, uma maior aproximação. Os testemunhos

recolhidos são, em si mesmos, “lugares de memória” (Nora, 1984) quando o elo comum é o Bairro, a Rampa, o Clube. É através deles que conseguimos extrair informação, fazendo, cada um deles, parte de um grande puzzle - o elo que une, que identifica, que acrescenta.

### **3.1. Pressupostos**

A investigação qualitativa insere-se hoje em perspectivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interactivos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas. (Aires, 2011, p. 13)

A citação de Aires (2011) é o ponto de partida ideal para um plano de comunicação multimédia, pois estabelece uma ponte direta entre a investigação qualitativa e a criação de conteúdo autêntico. A sua perspectiva, que defende o uso de uma vasta gama de técnicas de recolha de informação, traduz-se diretamente na forma como um projeto de comunicação pode e deve ser estruturado.

A essência é que a investigação qualitativa não se limita a um único método; é um ecossistema de técnicas. Num plano de comunicação multimédia, isso significa que não podemos depender apenas de um formato. Em vez disso, devemos abraçar a diversidade para capturar a riqueza das histórias da comunidade.

Estes materiais empíricos são a base para a criação de retratos e testemunhos sobre os moradores, voluntários e organizadores do evento. Eles permitem ir além da superfície e revelar as motivações e os sentimentos por trás da participação.

A observação direta do evento, combinada com a recolha de materiais visuais (fotografias e vídeos), é a essência da cobertura multimédia. Estes elementos documentam as "rotinas, crises e significados na vida das pessoas", capturando a atmosfera e a emoção do evento em tempo real. O estudo de caso, os textos históricos e os materiais interativos podem ser a base para o conteúdo do *website* ou das redes sociais. Por exemplo, uma *timeline* interativa da história do bairro ou um mapa digital do percurso do evento são formas de usar a investigação para criar uma experiência rica e imersiva.

Aires (2011) justifica a utilização de diversas fontes de informação (vídeos, fotos, entrevistas, textos) como materiais empíricos válidos para a comunicação. Ao recorrer a estas técnicas de investigação, o plano de comunicação abandona a abordagem puramente promocional e adota uma abordagem narrativa. Em vez de apenas anunciar o evento, ele conta a história do evento e da sua comunidade, tornando o conteúdo mais envolvente e significativo.

A ideia de que as perspetivas teóricas coexistem também se aplica à comunicação. O plano de comunicação deve utilizar uma variedade de plataformas e formatos (*website*, redes sociais, *podcasts*, etc.) para que a mensagem atinja diferentes públicos e seja consumida de diferentes formas, tal como a investigação qualitativa utiliza uma diversidade de técnicas.

Em suma, Aires fornece o enquadramento teórico necessário para justificar que um plano de comunicação multimédia eficaz deve ser, na sua essência, um projeto de investigação qualitativa. Ele deve procurar e utilizar uma variedade de "materiais empíricos" para descrever os "significados na vida das pessoas", construindo assim uma narrativa autêntica e poderosa que ressoa com a comunidade.

## 3.2. Instrumentos e técnicas

### 3.2.1. Pré-evento

A principal vantagem das entrevistas em profundidade é que elas fornecem informações muito mais detalhadas do que as disponíveis por meio de outros métodos de coleta de dados, como pesquisas. Elas também podem proporcionar uma atmosfera mais descontraída para a recolha de informações - as pessoas podem sentir-se mais à vontade para ter uma conversa consigo sobre o assunto, em vez de preencher um questionário. (Boyce & Neale, 2006, p.3, tradução nossa)

A citação de Boyce e Neale (2006) é fundamental para um projeto de comunicação multimídia de um evento comunitário, pois realça que as entrevistas aprofundadas são uma ferramenta poderosa para captar a essência e a riqueza da experiência humana. Num contexto de bairro, isso permite ir além dos dados superficiais e criar uma narrativa autêntica e envolvente. A comunicação multimídia não deve apenas informar, mas também criar o elo entre as pessoas.

A comunicação de um evento de bairro não se faz apenas com cartazes e redes sociais. Ao integrar os testemunhos, o projeto de comunicação multimídia ganha uma nova dimensão. O que resulta destas entrevistas não são apenas peças promocionais; são testemunhos vivos da comunidade, destacando moradores, representantes do comércio local, representantes do Mirantense F.C. e da ADR “O Relâmpago” criando uma ligação emocional com o público.

As entrevistas aprofundadas também servem para recolher *feedback* qualitativo. Os comentários e as sugestões detalhadas dos participantes são inestimáveis para a melhoria contínua do evento, oferecendo uma visão que os dados de um inquérito nunca poderiam proporcionar. Quando as pessoas se veem representadas de forma autêntica e quando ouvem as vozes dos seus vizinhos, sentem um maior sentido de pertença. As histórias partilhadas criam uma narrativa coletiva que reforça a identidade do bairro e o valor do evento, conferindo-lhe credibilidade.

A captação de retratos de representantes da comunidade para complementar os testemunhos é um plano de comunicação multimédia extremamente poderoso e eficaz, pois adiciona camadas de autenticidade, emoção e conexão humana que poucas outras abordagens conseguem igualar. Ver o rosto de quem fala cria uma ligação imediata. Um retrato bem captado, que reflete a personalidade e as emoções do entrevistado, humaniza o testemunho. As palavras ganham vida quando associadas a um rosto, permitindo que o público se relacione de forma mais profunda e empática com a mensagem. Um retrato serve como uma prova visual da autenticidade do testemunho. O público percebe que a mensagem não é inventada ou generalizada, mas sim uma experiência pessoal e genuína de alguém da própria comunidade.

As pessoas tendem a identificar-se com os outros. Um retrato inspirador pode levar outros membros da comunidade a querer participar, a partilhar as suas próprias histórias ou a envolver-se mais ativamente no evento. O retrato de Raul Tomaz, sócio número 1 do Mirantense F.C., que recorda ainda as provas da Subida da Rampa de Santo António entre 1941 e 1954, é um exemplo disso. A combinação de uma imagem forte e um testemunho tocante cria uma memória afetiva mais duradoura. As emoções associadas ao rosto e à história do representante ficam gravadas na mente do público. Aqui destaca-se, entre outros, o testemunho de Raul Salvador.

O Retrato é ainda um conteúdo versátil ao poder ser utilizado em diversos formatos podendo destacar alguns como, por exemplo em vídeos: servindo como *b-roll*, como imagem principal enquanto a pessoa fala em *off*, ou como um elemento gráfico para introduzir o testemunho. Nas Redes Sociais: imagens impactantes com citações curtas são altamente partilháveis e geram engajamento. Temos ainda os *Websites/Blogs*: ilustram artigos e *posts*, tornando o conteúdo mais apelativo visualmente. Mais tradicionais, os materiais impressos: cartazes, folhetos e programas do evento ganham um toque pessoal e profissional. Por último, a narrativa visual: os retratos ajudam a construir uma narrativa visual coesa para o evento, mostrando a diversidade e a riqueza da comunidade.

Na questão da identidade comunitária, a captação de retratos de uma variedade de representantes reflete a diversidade do bairro, mostrando que o evento é para todos e valoriza cada voz. Ver os

"rostos" do bairro na comunicação do evento reforça o sentimento de pertença e o orgulho comunitário.

Em suma, integrar retratos de representantes da comunidade com os seus testemunhos é mais do que uma questão estética; é uma estratégia central para criar uma comunicação multimédia autêntica, humana e altamente envolvente, que não só informa sobre o evento, mas também celebra e fortalece a própria comunidade.

Retratos capturados com Leica Q 28/1.7 entre os dias 21 e 24 de abril de 2025.

Visualizações através da plataforma *Instagram* da conta **1170.3xx**

- 25 abril a 10 de maio de 2025 – 4.465 [publicação diária de retratos com ligação para o *website*, separador “/bairro”]

### **3.2.2. Durante e pós-evento**

Os métodos da teoria fundamentada (Grounded Theory) aumentam as suas possibilidades de transformar conhecimento. Tópicos que despertam as suas paixões levam-no a fazer pesquisas que podem ir além do cumprimento de requisitos académicos e créditos profissionais. Entrará no fenómeno estudado com entusiasmo, abrir-se-á à experiência da pesquisa e seguirá o caminho que ela lhe apresentar. O percurso pode apresentar ambiguidades inevitáveis que o lançam no deslocamento existencial da perplexidade. Ainda assim, quando traz paixão, curiosidade, abertura e cuidado para o trabalho, novas experiências virão e as suas ideias emergirão. (Charmaz, 2006, p. 185, tradução nossa)

Charmaz (2006) sublinha que a paixão é o verdadeiro motor da investigação. No contexto de um evento comunitário, isto traduz-se em encorajar as pessoas a explorarem tópicos que realmente lhes interessem. Se a comunicação do evento for capaz de despertar as suas paixões, a participação não será vista como uma obrigação, mas sim como uma oportunidade de crescimento e de descoberta.

As fotografias de um evento comunitário, quando enquadradas num plano de comunicação multimédia, têm um impacto profundo e duradouro no bairro, transformando a forma como os moradores se veem a si mesmos e à sua comunidade. Elas vão muito além de simples registos visuais; tornam-se ferramentas poderosas de construção social. As fotos mostram o bairro a celebrar, a colaborar e a divertir-se. Ver-se representados de forma positiva e unida reforça o sentimento de pertença. As imagens atuam como um espelho que reflete o melhor da comunidade. Estes registos criam um arquivo visual da história do bairro, documentando as suas atividades, as suas tradições e o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Tornam-se assim um recurso valioso para as gerações futuras. As fotografias passam a fazer parte da memória coletiva do bairro. Elas ajudam a perpetuar a história do evento, tornando-o um marco anual esperado e valorizado.

Num plano multimédia, as fotografias partilhadas nas redes sociais, *blogs* e *websites* dão visibilidade ao evento e ao bairro para além das suas fronteiras físicas. Elas podem atrair a atenção de outros bairros, potenciais patrocinadores ou mesmo da comunicação social, mostrando a vitalidade local. As fotos permitem ainda que antigos moradores ou pessoas que se mudaram para longe se sintam ligadas e participem à distância, mantendo a conexão com as suas raízes.

Em resumo, as fotografias de um evento comunitário, quando utilizadas estrategicamente na comunicação multimédia, são mais do que meras decorações. Elas são a força motriz que conecta pessoas, celebra a identidade, inspira a participação e constrói um legado visual que fortalece o tecido social do bairro de forma duradoura.

Fotografias de 15 de outubro de 2023 capturadas com Leica M262 com lente Summicron C-40/2  
Fotografias de 20 de outubro de 2024 capturadas com Sony A9 com lente Sony FE 135/1.8

Visualizações através da plataforma *Instagram* da conta **1170.3xx**

- 11 a 31 de maio de 2025 – 10.914 [período da exposição com publicação diária de uma fotografia pertencente ao projeto]
- 1 a 30 de junho de 2025 – 2.448
- 1 a 31 de julho de 2025 - 2.837

- 1 a 31 de agosto de 2025 - 7.016
- 1 a 15 de setembro de 2025 – 3.658

### **3.3. Abordagem geral**

As entrevistas exploratórias servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas. Trata-se, portanto, de abrir o espírito, de ouvir e de não fazer perguntas precisas, de descobrir novas maneiras de colocar o problema, e não de testar a validade dos nossos esquemas. (Quivy, 1998, p.70).

Depois de tratado o áudio, o material foi transcrito através da aplicação *TurboScribe* e os dados em texto foram comparados manualmente com as gravações para a verificação das falas. O material das entrevistas não sofreu cortes no conteúdo, nem outro tipo de edição. As entrevistas foram efetuadas em áudio e demoraram entre dois e quinze minutos, num total de 90 minutos dos 14 entrevistados.

Bauber e Gaskell (2003) aborda o limite prático do número de entrevistas. Num plano de comunicação multimédia, este ponto é vital. Entrevistar entre 15 e 25 pessoas permite captar um leque diversificado de vozes e histórias da comunidade, evitando que a narrativa se baseie num grupo restrito de pessoas. Isto é essencial para criar um conteúdo que ressoe com o maior número de pessoas possível. Atingir este número de entrevistas permite identificar temas recorrentes e pontos de vista semelhantes. Este processo, conhecido como saturação teórica, garante que os conteúdos produzidos, como retratos e *podcasts*, representem a essência da experiência comunitária.

Por outro lado, creio que se pode argumentar que, em algumas situações de pesquisa, a entrevista em profundidade, como método de investigação principal e talvez único, é o mais apropriado. A utilização de entrevistas em profundidade isoladamente, quando feita

de forma competente, pode evitar tensões que por vezes surgem quando um investigador utiliza múltiplas metodologias. (Seidman, 2006, p. 6, tradução nossa)

A perspetiva de Seidman (2006) é fundamental para defender as entrevistas aprofundadas como o método primário de recolha de informação. Ele argumenta que a entrevista, quando bem executada, pode ser a única ferramenta necessária para a investigação. Num plano de comunicação multimédia, isso significa que optar por entrevistas aprofundadas como a principal técnica de recolha de dados permite que se mantenha o foco na narrativa humana. Isso evita a dispersão que pode surgir ao tentar usar múltiplos métodos, como inquéritos ou grupos focais, que, embora úteis, podem não oferecer a profundidade necessária para um conteúdo verdadeiramente envolvente. Aprofundar cada história individualmente garante que o conteúdo produzido seja rico em detalhes, emoção e autenticidade. São estas narrativas detalhadas que se tornam o coração de uma exposição fotográfica, um artigo ou um podcast, e não dados genéricos.

Guion et al. (2011) sublinha a importância insubstituível da comunicação face a face. Esta é a razão pela qual as entrevistas são tão eficazes na recolha de conteúdo para um plano de comunicação multimédia. O contacto visual e a linguagem corporal que se observam numa conversa cara a cara não podem ser replicados por outros métodos. Esta interação permite ao entrevistador captar nuances e emoções que tornam o testemunho mais genuíno e impactante. A entrevista oferece uma estrutura que garante que a conversa seja produtiva e alinhada com os objetivos da comunicação. Não é apenas uma conversa informal, mas uma ferramenta concebida para extrair a informação necessária para o projeto. A estrutura permite explorar temas específicos (como a história do evento ou o seu significado para a comunidade) de forma organizada.

Silva et al. (2006) destaca que as entrevistas são a melhor forma de obter dados aprofundados sobre o comportamento humano. Num plano de comunicação, isso significa que as entrevistas são o meio ideal para ir além da superfície e explorar as motivações, sentimentos e experiências pessoais que dão sentido ao evento. É através delas que se obtêm os testemunhos que criam uma ligação emocional com o público.

Em suma, as entrevistas aprofundadas são uma ferramenta insubstituível para a recolha de conteúdo, pois oferecem a profundidade e a autenticidade que as outras plataformas não conseguem. As citações justificam a importância de ter um número adequado de entrevistas para garantir a diversidade, o foco na profundidade para evitar a dispersão e a prioridade dada ao contacto humano para capturar a essência da experiência comunitária.

### 3.4. Conclusões

As conclusões da metodologia para o plano de comunicação multimédia do evento revelam que a investigação qualitativa e a diversidade de plataformas foram fundamentais para alcançar os objetivos de forma autêntica e impactante. A abordagem não se limitou a divulgar informações, mas sim a construir uma narrativa rica e humana em torno da comunidade.

A aposta em técnicas de investigação qualitativa, como as entrevistas aprofundadas, foi a espinha dorsal de toda a comunicação. As citações de Aires (2011), Seidman (2006) e outros autores justificaram a recolha de dados que vão além dos números. O resultado - 14 registos de retratos e testemunhos áudio - comprova o sucesso dessa metodologia. Estes materiais empíricos não são apenas conteúdos; são a voz da comunidade, permitindo que a comunicação se baseasse em histórias reais, emoções e experiências, em vez de mensagens genéricas.

Demonstrou que a utilização de diversas plataformas é crucial para atingir diferentes públicos e propósitos. A criação da conta **1170.3xx** com um número significativo de visualizações prova a eficácia de usar o *Instagram* como um local de memória fluida e instantânea, conforme a teoria de Domingues (2021). As publicações diárias de fotografias de retratos e das edições de 2023 e 2024 da Subida da Rampa do Vale de Santo António mantiveram a comunidade engajada e criaram uma presença constante.

A estruturação do *website* em torno de temas como a Memória e o Bairro (justificada pela versatilidade do *WordPress*) e a criação do cartaz garantiram que a informação mais duradoura fosse arquivada e promovida de forma tradicional e acessível.

A exposição física na sede do Mirantense F.C. é a conclusão mais poderosa desta metodologia. Ao levar os retratos e os testemunhos para um espaço físico da comunidade, fechou-se o ciclo: transformou o conteúdo digital, que nasceu da investigação, numa experiência tangível. Esta exposição permitiu que os moradores se vissem e se ouvissem num ambiente familiar, fortalecendo ainda mais o sentimento de pertença e de orgulho comunitário.

#### **4. Análise e discussão de resultados**

O plano de comunicação que foi apresentado ao Mirantense F.C. e à ADR “O Relâmpago” no dia 18 de fevereiro de 2025, via *e-mail* com as seguintes propostas:

- Registrar testemunhos (áudio, fotografia e vídeo) de moradores;
- Criar arquivo fotográfico das edições de 1941 a 1953 e de 2021 até à presente data, ficando as edições de 2025 e posteriores em formato de colaboração participativa (*upload* de fotos e vídeos);
- Promover uma exposição multimédia na sede do Mirantense F.C.;
- Produzir um protótipo de boné;
- Criar plataforma (*website*) para ser a ligação entre passado, presente e futuro.

O resultado deste plano de comunicação traduziu-se na criação de:

- conta de *Instagram* **1170.3xx**;
- *website* do evento;
- cartaz;
- exposição multimédia na sede do Mirantense F.C.;
- retratos e testemunhos áudio de representantes do comércio local, representantes das associações e moradores num total de 14 registos.

Com base na proposta inicial e nos resultados alcançados, é possível estabelecer uma relação direta entre o que foi planeado e o que foi concretizado, mas também identificar as diferenças e adaptações feitas ao longo do percurso do plano de comunicação.

A maioria dos resultados obtidos está diretamente alinhada com os objetivos da proposta inicial, validando a sua relevância e exequibilidade.

A proposta de dinamizar a conta *Instagram* **1170.3xx** foi totalmente cumprida, resultando na criação da conta com um alcance considerável, como indicado pelo número de visualizações.

A proposta de "Registrar testemunhos (áudio, fotografia e vídeo) de moradores" foi parcialmente cumprida, resultando nos 14 retratos e testemunhos áudio. Este ponto foi crucial, servindo como a base de conteúdo autêntico para todo o plano. A opção por áudio e fotografia, em vez de vídeo, foi uma adaptação prática para otimizar os recursos.

A "exposição multimédia na sede do Mirantense F.C." foi concretizada com sucesso, sendo um dos pontos mais visíveis do plano de comunicação. Isso demonstra a importância de ter um elemento tangível e local para a comunidade.

A criação de um "*website* do evento" corresponde diretamente à proposta de "Criar plataforma (*website*) para ser a ligação entre passado, presente e futuro". O *website* foi o principal *hub* para o conteúdo criado, cumprindo a sua função de arquivo e ponto de ligação.

A proposta de "Produzir um protótipo de boné" foi concretizada, mas não teve receptividade junto das coletividades envolvidas. Esta é uma diferença clara que sugere uma priorização do conteúdo digital e da exposição física em detrimento de um elemento de *merchandising*. A ADR "O Relâmpago" referiu que a produção de um item físico não era a prioridade no momento e que o investimento seria melhor alocado noutros aspetos do evento em si.

As diferenças entre a proposta e os resultados mostram a capacidade de adaptação do plano e a priorização de recursos.

A proposta inicial de "formato de colaboração participativa" não é explicitamente mencionada nos resultados finais. Embora o *website* possa ter a funcionalidade para isso, o destaque dos resultados

recaiu sobre o conteúdo original (os testemunhos e retratos) e não sobre a colaboração participativa. Com a edição de 2025 da Subida da Rampa do Vale de Santo António, que terá lugar dia 19 de outubro, pretende-se fomentar essa colaboração participativa.

A proposta inicial não mencionava a produção de um cartaz. Esta adição demonstra uma adaptação à necessidade de ferramentas de comunicação mais tradicionais e eficazes para um evento de bairro, complementando as plataformas digitais.

A análise final demonstra que o plano de comunicação foi robusto e bem-sucedido. O projeto executou os pontos essenciais da proposta, como a criação do *website*, a dinamização do *Instagram* e a exposição multimédia. As adaptações, como o foco em testemunhos de áudio e retratos em vez de vídeo, e a inclusão de um cartaz, mostram um pensamento estratégico e pragmatismo, ajustando a tática para melhor servir os objetivos de comunicação e as necessidades do evento. O resultado final é um conjunto de entregas coesas e de alto impacto que representam o sucesso da metodologia adotada.

## **4.1. Passado**

### **4.1.1. Arquivo 1941-1954**

Pretendeu-se agregar, sob forma de cronograma, diversas notícias de época que fizeram alusão à Rampa do Vale de Santo António, entre 1941 e 1954.

## Figura 6.

### MEMÓRIA 1941-1954

#### MEMÓRIA 1941-1954

Organizada pelo Mirantense F.C. a Subida da Rampa do Vale de Santo António foi um dos mais importantes e famosos acontecimentos desportivos da Cidade de Lisboa nos anos 40 e 50. O ciclismo português estava nas suas décadas áureas: a Volta de Portugal e dezenas de outras corridas realizavam-se em todo o país arrastando multidões a acompanhar os heróis sobre duas rodas.

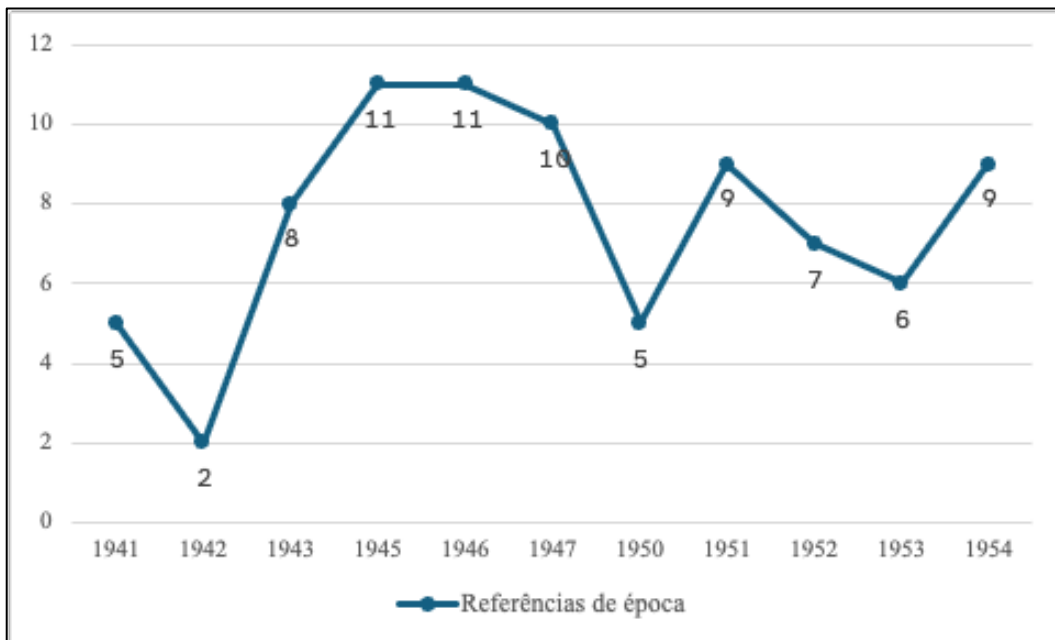
\*A Subida não se realizou nos anos: 1944, 1948 e 1949.



Nota. <https://rampadovale.pt/memoria/>

## Gráfico 2.

Número de publicações da época no novo website

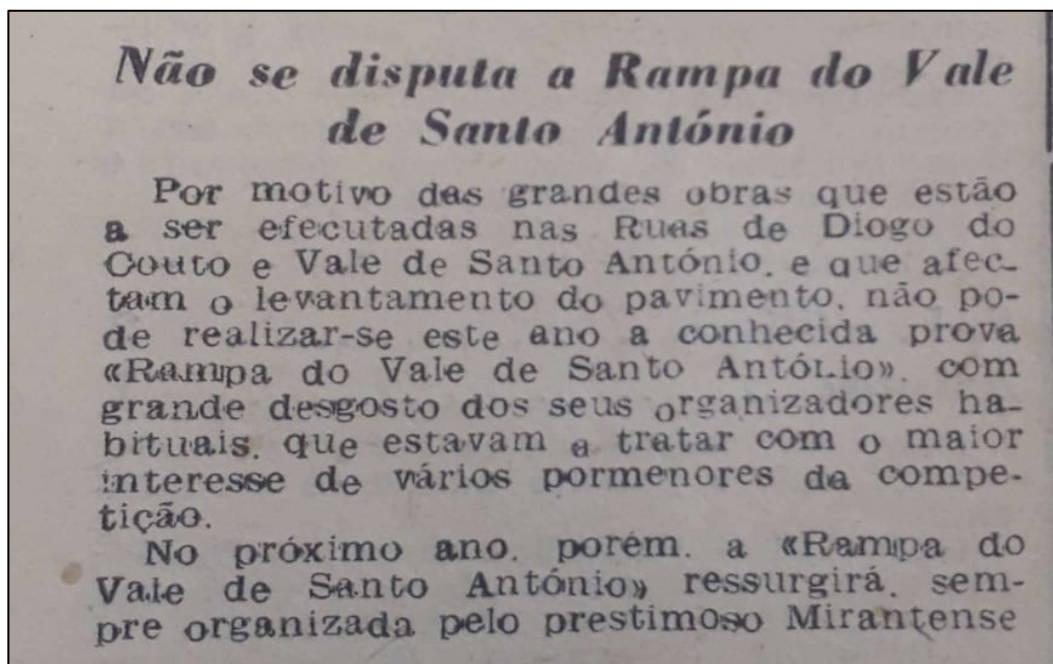


Total de 83 referências da época disponíveis para consulta.

A ADR “O Relâmpago” forneceu a documentação em suporte digital, tendo sido feita a sua seleção e catalogação por ano. No *website* não consta esta informação, que noticia o porquê da não realização da Rampa do Vale de Santo António em 1948.

### Figura 7.

*Notícia*



*Nota.* Mundo Desportivo 13.10.1948

#### 4.1.2. Era Moderna - 2021 até ao presente

As quatro edições da “Era Moderna”, documentadas até à presente data, estruturam-se da seguinte forma: cartaz, *briefing*, classificação, fotos do dia.

Esta estrutura será mantida para a edição de 2025 e seguintes.

## 4.2. Presente

### 4.2.1. Website

Até ao lançamento na nova versão, na sede do Mirantense F.C. a 11 de maio de 2025, o *website* da Rampa do Vale de Santo António tinha como função receber inscrições para a edição de 2024 para além de poderem ser consultados os resultados das três edições anteriores (2021, 2022 e 2023) assim como ligações externas para galerias fotográficas, vídeos ou notícias. O *website* apresentava ainda três fotografias da época. O *website* referia ainda: organização, contactos, patrocínios, apoios e comércio local. O Hino da Rampa do Vale de Santo António estava em destaque.

### Figura 8.

*História da Rampa, no website, até 11 de maio de 2025*



Nota. <https://rampadovale.pt/inicio-inscricoes-2024/>

Em articulação com a ADR “O Relâmpago”, optou-se por criar novo *website* dando, no topo da página inicial, destaque fotográfico para edições da Era Moderna (2021-2024), informação da data

da edição de 2025 (domingo 19 de outubro), uma resumida contextualização da prova, percurso da Rampa do Vale de Santo António com recurso a vídeo e um conjunto de itens (os quais formam a barra de navegação na parte superior direita) nomeadamente:

- MEMÓRIA, Arquivo fotográfico de 1941 a 2024
  - Memória 1941-1954
    - Notícias de época
  - Era Moderna 2021-2024
    - Cartaz | Notícia | Classificações | Galeria Fotográfica
  
- BAIRRO, Testemunhos da nossa rua
  - Código Postal | Testemunhos
  
- O HINO, “É uma rampa que eleva o coração!”
  - Vídeo | Letra | Oriano | Momento
  
- AS VARANDAS, ...Mais bonitas e enfeitadas!
  - A varanda mais bonita e enfeitada | As varandas vencedoras
  
- O TROFÉU, “Empedrado acima vão velozes os ciclistas”
  - A História | No Pódio | o Processo
  
- SOBRE NÓS, O Mirantense FC e o ADR “O Relâmpago”
  - Sobre a Prova | Mirantense F.C. | ADR “O Relâmpago”
  - Sobre este site | (e.lo) força nas canetas

A plataforma utilizada para criação do novo *website* é o *Wordpress* em virtude da ADR “O Relâmpago” utilizar já esta plataforma para o *website* da Rampa do Vale de Santo António. A utilização do *WordPress* para estruturar o *website* de um evento comunitário é uma escolha estratégica que apresenta vantagens e desvantagens significativas.

É uma plataforma intuitiva e amigável. A sua estrutura de blocos e editores visuais (*Gutenberg* ou *Elementor*, por exemplo) facilita a criação de páginas para cada um dos destaques. Mesmo sem conhecimento técnico, é possível organizar e gerir o conteúdo, permitindo que a ADR “O Relâmpago” se encarregue das atualizações. É ideal para um projeto de comunicação multimédia. Permite integrar facilmente fotografias, vídeos, áudios (como os testemunhos do bairro) e documentos. Os *plugins* de galeria de imagens e reprodutores de vídeo são abundantes e fáceis de instalar.

A plataforma é construída para ser amiga dos motores de busca. Com *plugins* como o *Yoast SEO* ou o *All in One SEO Pack*, é possível otimizar cada página para que seja facilmente encontrada por quem procura informações sobre o evento ou o bairro. Sendo a plataforma de gestão de conteúdos mais popular do mundo, o *WordPress* tem uma vasta comunidade *online*. É fácil encontrar tutoriais, documentação e *plugins* para resolver quase qualquer problema ou adicionar uma nova funcionalidade, sem custos adicionais. Embora seja fácil de usar para tarefas básicas, a configuração inicial de um *website* com *plugins* e temas pode ser complexa para quem nunca usou a plataforma. A escolha das ferramentas certas para o projeto exige alguma pesquisa.

O *WordPress* exige atualizações regulares (do próprio *core*, de *plugins* e de temas). Ignorar estas atualizações pode tornar o *website* vulnerável a ataques. Embora existam *plugins* que ajudam a reforçar a segurança, a responsabilidade pela manutenção recai sobre o utilizador. A utilização excessiva de *plugins* pode tornar o *website* lento, comprometendo a experiência do utilizador. É crucial escolher apenas os *plugins* essenciais para as funcionalidades que pretende, evitando ferramentas desnecessárias que possam pesar no desempenho. Embora os *themes* e *plugins* permitam muita personalização, a criação de funcionalidades muito específicas ou de um design totalmente único pode exigir conhecimento de HTML, CSS ou PHP, o que pode ser um obstáculo para quem não tem competências técnicas.

A organização da barra de navegação permite que a comunicação vá além da simples divulgação do evento, construindo uma narrativa rica e emocional sobre a comunidade.

- Memória e Bairro: Estas secções servem para documentar a história e a identidade do local, reforçando a ligação dos moradores e atraindo o interesse de quem é de fora.

- O Hino e As Varandas: Estes destaques celebram a cultura e as tradições do bairro de forma única, mostrando o que o torna especial e autêntico.
- O Troféu e Sobre Nós: Oferecem um lado competitivo e humano ao evento, ao mesmo tempo que explicam a sua missão e os seus organizadores, construindo confiança e transparência.

Em suma, o *WordPress* é uma excelente escolha para um projeto como este devido à sua flexibilidade e capacidade de lidar com conteúdos multimédia. A chave para mitigar os contras é uma boa planificação inicial, uma seleção criteriosa de *plugins* e a adoção de uma rotina de manutenção simples, garantindo que o *website* seja uma ferramenta eficaz para a comunicação e a memória do evento.

Todo o trabalho de criação de páginas e gestão de conteúdo foi desenvolvido entre de 24 de março e 11 de maio de 2025, dia de apresentação do novo *website* no Mirantense F.C. englobado no evento “Um Dia Sobre a Rampa” e no programa dos 90 anos da Coletividade, durante todo o mês de maio.

#### **4.2.2. Instagram**

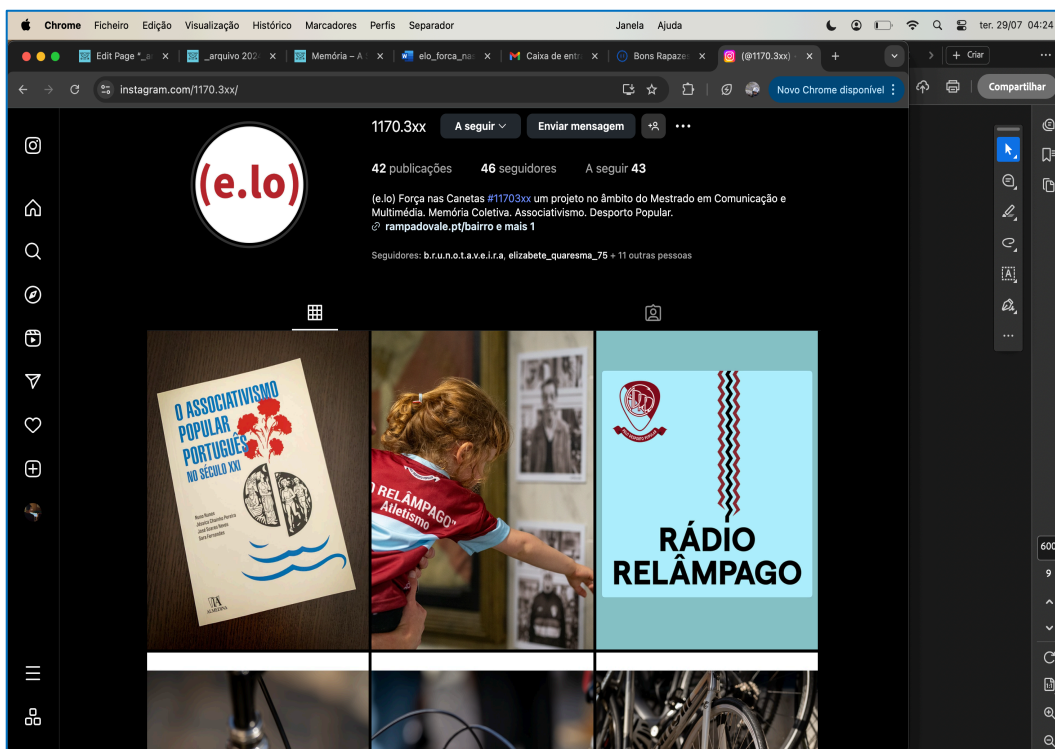
Foi criado, a 14 de fevereiro de 2025, o *Instagram* do projeto **(e.lo) força nas canetas**. O nome “1170.3xx” surge naturalmente após verificar a existência de diversos códigos postais na Rua do Vale de Santo António em que apenas os últimos dois algarismos mudam, consoante a numeração par ou ímpar e sua localização na rua.

- Entre os dias 25 de abril e 8 de maio de 2025, foi publicado um retrato diáriamente;
- No dia 9 de maio foi publicado o cartaz;
- Dia 10 de maio foi publicada a Folha de Sala;
- No dia 11 de maio, dia da inauguração da exposição, foi publicada uma fotografia da mesma;

- De 12 a 31 de maio, foi publicada uma fotografia diariamente, que está patente na exposição;
- No dia 1 de junho foi publicada imagem da Rádio Relâmpago;
- Dia 4 de junho foi publicada uma fotografia.

## Figura 9.

*Instagram 1170.3xx*



Ponderar sobre o Instagram como um lugar de memória em uma sociedade líquido-moderna significa, também, aceitar — ou, pelo menos, tentar compreender — que, sujeitas à lógica da rede, certas memórias são produzidas para serem lembradas/exibidas ou esquecidas/descartadas. Isso quer dizer que as memórias materializadas na forma de fotografia em suporte digital e compartilhadas no Instagram possuem uma outra

durabilidade, que não é a mesma do suporte físico, nem a da vida de quem a publicou.  
(Domingues, 2021, p. 11)

A perspectiva de Domingues (2021) é crucial para entender o impacto do *Instagram* na comunicação de um evento popular. A plataforma não é apenas um arquivo de fotos, mas um local de memória fluida onde as imagens são constantemente criadas, exibidas e descartadas. Com base nesta ideia, a estratégia de publicações diárias de retratos e fotografias do evento popular tem impactos no bairro e na sua comunicação.

O Instagram é uma plataforma de consumo rápido. As publicações diárias de fotografias criam uma memória instantânea do evento, mantendo a comunidade engajada em tempo real. Cada publicação serve como um lembrete vivo e dinâmico do que está a acontecer ou do que acabou de acontecer.

Contudo, como refere Domingues, essa memória digital tem uma durabilidade diferente. As publicações de hoje serão rapidamente sobrepostas pelas de amanhã. O impacto não é criar um arquivo permanente, mas sim manter o evento relevante no fluxo constante de informações, estimulando a participação e a conversa no momento.

Ao publicar retratos e fotografias, o plano de comunicação está a selecionar e a exibir "certas memórias". Isto significa que está a atuar como um curador, escolhendo quais momentos serão lembrados e exibidos para o público.

As fotografias que recebem mais “gostos” e comentários reforçam a sua importância, enquanto outras podem ser esquecidas ou descartadas na linha do tempo. O impacto é que as memórias mais populares do evento são amplificadas e as menos populares podem desaparecer. O plano deve ser consciente dessa dinâmica, garantindo que as imagens selecionadas representem a diversidade e os valores do evento de forma justa.

O *Instagram* oferece métricas de engajamento (gostos, partilhas, comentários). As fotografias do evento popular têm o potencial de gerar uma reação imediata dos participantes, que se procuram nas fotos ou interagem com as imagens de amigos. Este *feedback* instantâneo permite perceber o que mais ressoa com o público e ajustar o plano em tempo real. O impacto principal é a criação de um ciclo de envolvimento contínuo, onde as fotos não são apenas publicadas, mas participam de uma conversa com a comunidade, mesmo depois do evento terminar.

“um convite a pensar a fotografia não só como documento visual, mas como espaço de memória partilhada – uma memória que não se perde, mas que se transforma e se reinventa no digital.” (Marques, 2025, p. 5) define a dimensão da fotografia.

Em suma, a utilização do *Instagram* com publicações diárias de fotografias impacta a memória do evento de uma forma líquida e contínua. O objetivo não é criar um registo imutável, mas sim gerar uma presença constante, visível e interativa que mantém o evento vivo na mente da comunidade, impulsionando a participação e a conversa, mesmo que essa memória seja de curta duração no universo digital.

#### **4.2.3. Testemunhos**

Testemunhos recolhidos entre 21 e 24 de abril de 2025 (transcrições nos anexos)

- Comércio Local: Rui Tomaz (Geraldo Tomaz), Carlos Alves (Electro Pizão), Masud Majunder (Bengal Minimercado).
- Moradores: Luis Madeira, António Freire, Silvana Duarte, Jorge Brenha.
- Mirantense F.C.: Raul Salvador, Paula Lopes, António Lucas, Vítor Santos, Michele Faro.
- ADR “O Relâmpago”: Eupremio Scarpa, Vasco Alves

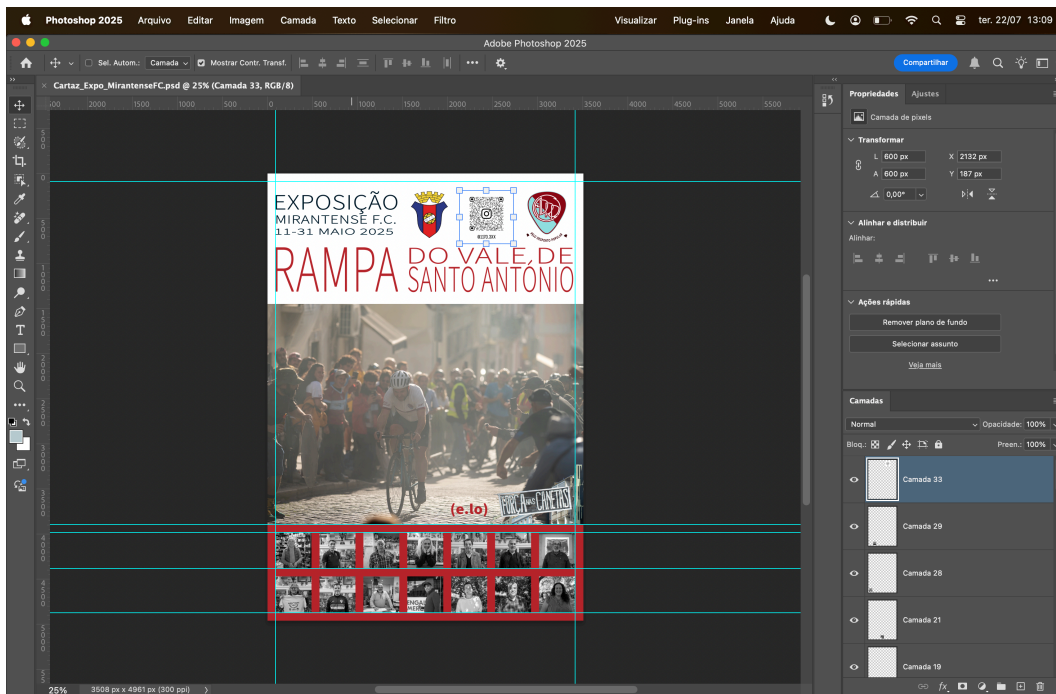
## 4.3. Futuro

### 4.3.1. Exposição Multimédia

Criação de cartaz em *Photoshop* com fotos do autor.

#### Figura 10.

*Ambiente de edição Photoshop 2025*



Página seguinte

#### Figura 11.

*Cartaz da exposição “Rampa do Vale de Santo António”*

EXPOSIÇÃO  
MIRANTENSE F.C.  
11-31 MAIO 2025



@1170.3XX



PELO DESPORTO POPULAR

# RAMPA DO VALE, DE SANTO ANTÓNIO



(e.lo)



## Figura 12.

### *Fotografias para a Exposição*



### Objetos da exposição:

- Folha de sala - 1 - 30x30cm
- Retratos - 14 - 30x30cm
- Fotografias Rampa do Vale de Santo António - 20
  - 30x30cm - 5
  - 30x40cm - 3
  - 40x30cm - 12

Exposição Multimédia | sede do Mirantense F.C. (11 a 31 maio 2025)

**Figura 13.**

*Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 – Mirantense F.C.*



Ficheiro áudio com os 14 testemunhos recolhidos entre 21 e 24 de abril de 2025.

*Website* acessível através do QR Code da Folha de sala, via *Instagram* 1170.3xx

**Figura 14.**

*Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 – Mirantense F.C.*



A fotografia quando compreendida como um suporte capaz de evocar a memória permite estabelecer uma conexão entre a memória e a história, porque carrega ao mesmo tempo, um sentido material, que é a fotografia em si, e os sentidos simbólico e funcional que serão atribuídos pelos responsáveis pela guarda dessas fotografias. (Silva, J., Costa, R., & Silva, L., 2023, p. 141)

**Figura 15.**

*Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 – Mirantense F.C.*



Existem imagens que despertam a memória de uma experiência individual entrelaçada com as experiências coletivas. A conexão das imagens com estas experiências resulta da capacidade em associar mentalmente representações flutuantes, como fotografias que se referem a outras fotografias conhecidas anteriormente. (Nascimben, 2019, p. 69)

**Figura 16.**

*Inauguração da Exposição Multimédia a 11 de maio de 2025 – Mirantense F.C.*



À fotografia foi agregado um elevado status de credibilidade devido à possibilidade de registrar partes selecionadas do mundo “real”, da forma como “realmente” se apresentam. Assim, como a palavra fotografia, que do grego significa a “escrita da luz”, a palavra memória também traz consigo traços de credibilidade, por evidenciar os fatos como se parecem, por mostrar os caminhos da lembrança. (Felizardo, A. & Samain, E., 2007, p. 210)

Todo o material exposto foi doado ao Mirantense F.C. após o período de exposição. A direção do Mirantense F.C. decidiu tornar a exposição definitiva, fazendo agora parte da identidade

comunitária da associação. Salvuaguarda-se a possibilidade de itinerância da exposição “Rampa do Vale de Santo António”.

A Rádio Relâmpago, através de Sara Figueiredo Costa, entrevistou o autor do projeto **(e.lo) força nas canetas** no dia 11 de maio de 2025, durante a inauguração da exposição na sede do Mirantense F.C.. A conversa foi para o ar, na emissão #4, disponibilizada a 1 de junho de 2025 nas plataformas *YouTube, Spotify e Apple Podcasts*.

#### 4.3.2. Declaração de intenções

O projeto **(e.lo) força nas canetas** foi despertando interesse a nível local e nacional.

A nível local, o Atelier da Graça contactou pessoalmente o autor do projeto com a finalidade de expor as fotografias no seu espaço, na Rua do Vale de Santo António 242A, 1170-382 Lisboa. Paralelamente, existe já uma parceria em curso com o projeto “oficina do olhar” (Mestrado em Educação Artística da FBAUL), sendo o mesmo um “*convite para parar, observar e descobrir a Rua com outros olhos - através de fotografia, desenho, partilha e criação comunitária*”. Como parte do seu projeto, a Oficina do Olhar está, de forma comunitária, a produzir a faixa de “META” para edição de 2025 da Subida da Rampa do Vale de Santo António.

A Biblioteca da Penha de França, através da ADR “O Relâmpago” mostrou interesse em receber a exposição no seu espaço, na Rua Francisco Pedro Curado 6A, 1170-139 Lisboa.

A nível nacional, O Museu do Ciclismo Joaquim Agostinho, Bairro Arenas, Hipólito Center Park, fração G, 2560-628 Torres Vedras, através da ADR “O Relâmpago”, mostrou interesse em receber a exposição entre 7 de abril (data de nascimento de Joaquim Agostinho) e outubro de 2026.

## 5. Conclusões e Recomendações

### 5.1. Conclusões finais

O plano de comunicação para o evento "Rampa do Vale de Santo António" demonstrou ser muito mais do que a simples promoção de um evento desportivo. A abordagem adotada, focada em resgatar a história e a identidade do bairro, alcançou os objetivos propostos, revelando o potencial do desporto popular como uma poderosa ferramenta de coesão social e cultural.

A criação de canais de comunicação como a conta de *Instagram*, o *website*, o cartaz e, sobretudo, a exposição multimédia, não se limitou a divulgar a "prova". Estes instrumentos funcionaram como uma plataforma para responder a questões essenciais sobre o significado do evento para a comunidade. Ao registar os testemunhos áudio de representantes e moradores, o plano deu voz à memória coletiva do bairro, mostrando como a Rampa transcendeu a dimensão competitiva para se tornar um elemento central na identidade local. O ciclismo popular, neste contexto, revelou-se um elo agregador capaz de unir gerações e de resistir às mudanças urbanas, como a gentrificação.

Em suma, o plano de comunicação **(e.lo) força nas canetas** provou que é possível utilizar um evento desportivo para atingir objetivos de natureza social e cultural mais amplos. Ao dar visibilidade a práticas e memórias em risco de esquecimento, a iniciativa reforçou o papel do desporto popular na vida das comunidades, consolidando a Rampa não apenas como uma corrida de bicicletas, mas como um símbolo vivo da resiliência, da identidade e da união do bairro. A lição mais importante é que uma comunicação eficaz, focada nas pessoas e na sua história, é a chave para transformar um evento num legado duradouro.

### 5.2. Contribuições do estudo

A iniciativa de resgatar e preservar a história da Rampa, através da documentação e da partilha de memórias, contribuiu diretamente para que os moradores se reapropriassem do seu passado e reforçassem o sentido de pertença. A exposição na sede do Mirantense F.C. é um exemplo disso,

transformando um espaço físico num repositório da história do bairro e reforçando o papel das associações como guardiãs da memória coletiva. Este trabalho não só enriqueceu os estudos sobre identidade urbana, como também forneceu um modelo prático de revitalização comunitária para outras iniciativas.

### 5.3. Limitações do estudo

Embora o projeto de comunicação **(e.lo) força nas canetas** tenha sido um sucesso notável, é importante reconhecer as suas limitações para uma análise completa e para futuras iniciativas.

O projeto concentrou-se na comunidade local e nas redes sociais, o que pode limitar o seu alcance a um público mais amplo. A dependência do entusiasmo e do esforço voluntário dos envolvidos pode não ser sustentável a longo prazo sem um plano de financiamento e uma estrutura dedicada. Além disso, a manutenção contínua do *website*, da conta de *Instagram* e da exposição exige recursos e tempo, que nem sempre estão disponíveis em associações com quadros maioritariamente voluntários.

A avaliação do sucesso do projeto baseou-se principalmente em resultados qualitativos, como a consolidação da memória coletiva e o reforço da identidade. Embora estes sejam objetivos essenciais, o projeto não apresenta dados quantitativos detalhados sobre o seu impacto. Por exemplo, não se menciona a forma como o aumento da participação de voluntários se traduziu num impacto social mais amplo, ou se o projeto de comunicação atraiu um público novo e mais diversificado para o evento.

O plano de comunicação, embora bem-sucedido, focou-se em plataformas digitais como o *Instagram* e um *website*. Isso pode criar uma barreira para os membros da comunidade que não têm acesso ou não se sentem confortáveis com essas tecnologias, como os residentes mais velhos, que são um pilar da história e da identidade do bairro.

O sucesso do projeto está intrinsecamente ligado à rica história da Rampa e ao forte sentido de comunidade do bairro. A replicação deste plano noutros contextos urbanos que carecem de uma memória coletiva tão enraizada ou de uma tradição de associativismo tão robusta pode não produzir os mesmos resultados. O projeto funcionou porque ativou uma história já existente, não a criou do zero.

Em suma, as limitações do projeto **(e.lo) força nas canetas** estão ligadas à sua dependência de recursos voluntários, à falta de métricas quantitativas e à especificidade do seu contexto. Reconhecer estes pontos não diminui o sucesso do projeto, mas sim enriquece a sua análise e ajuda a preparar o caminho para iniciativas futuras mais resilientes e de maior alcance.

#### **5.4. Recomendações para estudos futuros**

Considerando as limitações identificadas no projeto de comunicação **(e.lo) força nas canetas**, os estudos futuros poderiam focar-se nas seguintes áreas para aprofundar a compreensão do impacto do associativismo e da comunicação em contextos comunitários:

Futuros estudos devem ir além da avaliação qualitativa e incorporar métricas quantitativas para medir o impacto social dos projetos de comunicação.

Investigar a relação entre o investimento em comunicação e o retorno para o comércio local. A mensuração do aumento de vendas ou do número de visitantes em eventos associativos pode justificar a procura de financiamento e parcerias.

Analisar como as associações podem criar modelos sustentáveis para gerir o voluntariado e os recursos, reduzindo a dependência de esforços individuais. O estudo de casos de sucesso na captação de financiamento e na formalização de estruturas de gestão pode servir de exemplo para outras coletividades.

Desenvolver metodologias para quantificar a participação de diferentes grupos demográficos (por exemplo, através de inquéritos ou ferramentas de análise de dados das redes sociais) para avaliar o quão eficaz o projeto é na sua capacidade de atração e envolvimento.

Para superar as barreiras digitais, é fundamental explorar modelos de comunicação que combinem o digital com o analógico.

Investigar a eficácia de estratégias que utilizam, simultaneamente, plataformas digitais (redes sociais e *websites*) e ferramentas tradicionais (cartazes físicos, jornais de bairro, programas de rádio comunitária). A análise deve procurar determinar a melhor forma de segmentar o público e adequar a mensagem a cada canal.

Desenvolver projetos-piloto de capacitação digital para membros mais velhos da comunidade, mostrando como o uso de tecnologias pode melhorar a sua participação na vida associativa. O estudo do impacto dessas iniciativas pode ajudar a colmatar a exclusão digital nas comunidades.

É crucial entender se o plano de comunicação **(e.lo) força nas canetas** pode ser replicado em outros bairros e cidades.

Realizar um estudo comparativo entre o projeto da Rampa e um evento similar num bairro com características distintas - por exemplo, um bairro sem uma tradição de associativismo tão forte ou com um perfil demográfico diferente. O objetivo seria identificar os fatores críticos de sucesso e as adaptações necessárias.

Desenvolver uma metodologia para ajudar outras comunidades a identificar os seus próprios "ativos" culturais ou históricos (como a Rampa) que possam ser utilizados como ponto de partida para projetos de comunicação e coesão social.

A investigação nestas áreas irá não só fortalecer o movimento associativo, mas também fornecer ferramentas e conhecimentos práticos para a construção de comunidades mais resilientes e participativas no futuro.

## 6. Referências Bibliográficas

A Voz do Operário (2024). *Enchente para ver a subida da Rampa do Vale de Santo António*.

<https://vozoperario.pt/jornal/2024/11/14/enchente-para-ver-a-subida-da-rampa-do-vale-de-santo-antonio/>

ADR “O Relâmpago” (2021). *Relatório de Atividades | Relatório de Contas | 2021*.

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/2028>

AML (2021). *Recomendação 145/02 (2ª 7ª cp) sobre o relatório de acompanhamento das coletividades de cultura, recreio e desporto*. Assembleia Municipal de Lisboa.

Augé, M. (2010). *Elogio da Bicicleta*. Edições 70.

Bauber MW, Gaskell G. (2003). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª ed. Editora Vozes.

Botão, A. (2025). *Mensagem do Presidente*. ACCL (2025, 20 de maio)

<https://www.accl.com.pt/mensagem/>

Boyce, C. and Neale, P. (2006). *Conducting In-Depth Interview: A Guide for Designing and Conducting In-Depth Interviews for Evaluation Input*. Pathfinder International Tool Series, Monitoring and Evaluation-2

Castells, M. (2013). *Communication Power*. London: Oxford University Press

Castro, A. (2022). *Quanto o Santo puxa para baixo*. (2022, 15 de novembro). A Voz do Operário.

<https://vozoperario.pt/jornal/2022/11/15/quando-o-santo-antonio-puxa-para-baixo/>

Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide through Qualitative Analysis*. London: Sage Publications.

Coelho, S. (2008). *Participação social e associativismo em Portugal: breves apontamentos de um estudo de caso de uma associação de promoção do Comércio Justo*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Sociologia. <http://hdl.handle.net/10216/54835>

Domingues, M. (2021). *Instagram: refletindo sobre lugares de memória na contemporaneidade*. Revista Brasileira Em Humanidades Digitais, 1(1).  
<https://abhd.org.br:443/ojs2/ojs-3.3.0-9/index.php/rbhd/article/view/6>

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar em Revista, (24), 213-225.  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155017717012>

Escudero, C., Caetano, L., & Reina, E. (2021). *A construção dos conceitos de comunidade, identidade e memória a partir da prática da comunicação comunitária*. Intexto, (52), 97956.  
<https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.97956>

Felizardo, A. & Samain, E. (2007). *A fotografia como objeto e recurso de memória*. Discursos Fotográficos. 3. 205. 10.5433/1984-7939.2007v3n3p205.

Guion, L., Diehl, D., and McDonald, D. (2011). *Conducting an In-depth Interview*. University of Florida. <https://doi.org/10.32473/edis-fy393-2011>

Halbwachs, M. (1950). *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.

Leitão, S., Pereira, G., Ramos, J., Silva, A., Flor, A. (2009). *Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal : colectividades de cultura, recreio e desporto*. [S.l.] : Confederação portuguesa das colectividades de cultura, recreio e desporto

Marques, H. (2025). *Visibilidade e uso de coleções fotográficas em ambientes digitais*. IADE-U - Dissertações de Mestrado

Martins, M. L. (2021). *Pensar Portugal: A modernidade de um país antigo*. UMinho Editora.  
<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.61>

Nações Unidas. (2018). *A/RES/72/272. Dia Mundial da Bicicleta*. Assembleia Geral  
<https://docs.un.org/en/A/RES/72/272>

Nascimben, A. (2019). *Percorrer um País: percepção e memória coletiva do território na fotografia*. FAUP - Dissertação. <https://hdl.handle.net/10216/124013>

Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. Ediciones Trilce.

Nunes, N., Pereira, J. C., Neves, J. S., & Fernandes, S. (Eds.). (2024). *O associativismo popular português no século XXI*. Almedina.

Oliveira, R. (2017). *Memória Individual e Memória Coletiva*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 13, pp. 339-348

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.

Rocher, C. (1992). *Management das Associações*. Instituto Piaget.

Scarpa, E. (2024). *O desporto popular está vivo: A subida da Rampa do Vale de Santo António*. (2024, 16 de outubro). A Voz do Operário.  
<https://vozoperario.pt/jornal/2024/10/16/o-desporto-popular-esta-vivo-a-subida-da-rampa-do-vale-de-santo-antonio/>

Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences*. Teachers College Press.

Silva, J., Costa, R., & Silva, L. (2023). *Fotografia, memória e os lugares de memória*. *Informação@Profissões*, 12(3), 123–144.

Silva, G., Macêdo, K., Rebouças, C., & Alves e Souza, Â. (2006). *Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa*. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(2), 246-257.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361453972028>

## 7. Apêndices

“A Rampa do Vale de Santo António  
É uma rampa de grande inclinação  
É a prova de que o bairro tem na mão  
Toda a força que a si próprio se propõe  
A Rampa do Vale de Santo António  
É uma rampa que eleva o coração  
É a prova de que o povo tem na mão  
Toda a força que a si próprio se propõe

Empedrado acima vão velozes os ciclistas  
Por toda a parte o clamor relampaguista  
A bandeira Mirantense lá no ar  
Moradores e amigos a gritar

(Refrão)

Tem grande valor a Volta à França e Portugal  
Mas em nenhuma parte como a nossa há igual  
As varandas enfeitadas a brilhar  
Moradores e amigos a gritar  
Viva o desporto popular!

(Refrão)”

## 8. Anexos

### Figura 17.

*Folha de Sala - Exposição*

# RAMPA DO VALE, DE SANTO ANTÓNIO


“FORÇA NAS CANETAS” é o lema que incentiva os participantes da Rampa do Vale de Santo António a fazer um último esforço até à Meta.

Esta mostra fotográfica presta homenagem às Coletividades enquanto polos de resistência, numa Lisboa em transformação que tem sido pouco favorável para o associativismo.

A Rampa do Vale de Santo António (1941-1954 e 2021 até hoje) é novamente uma referência no Desporto Popular agregando, tal como as Coletividades, gentes das mais variadas faixas etárias, das mais variadas origens.

As fotos a preto e branco representam as pessoas e vozes do bairro que podem ser ouvidas em [www.rampadovale.pt/bairro](http://www.rampadovale.pt/bairro)

(e.lo) força nas canetas



Projeto no âmbito do Mestrado em Comunicação e Multimédia pelo IADE.

@1170.3XX Paulo Alves

**Figura 18.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 19.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 20.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 21.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 22.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 23.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 24.**

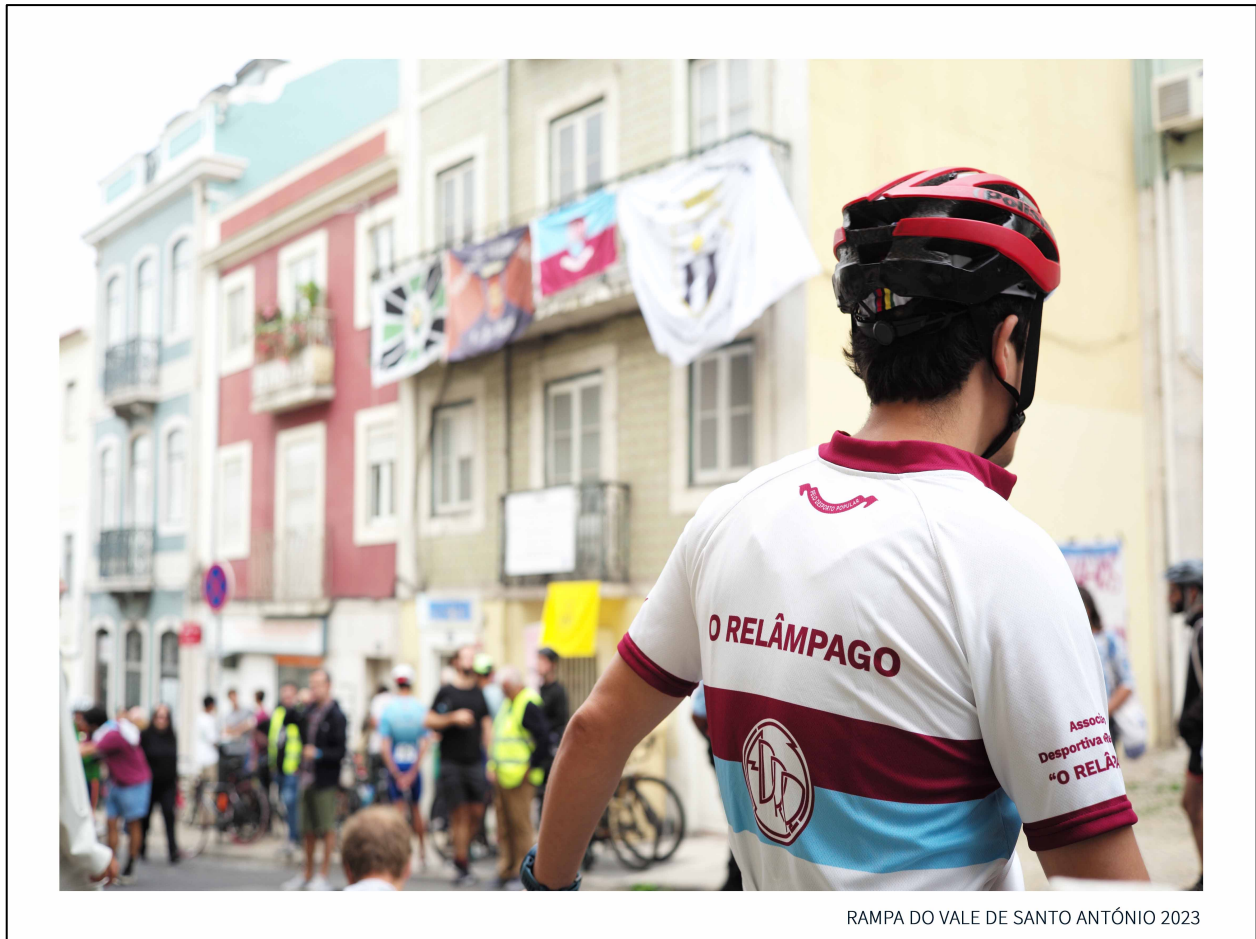
*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 25.**

*Rampa do Vale de Santo António 2023*



**Figura 26.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 27.**

*Rampa do Vale de Santo António 2023*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2023

**Figura 28.**

*Rampa do Vale de Santo António 2023*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2023

**Figura 29.**

*Rampa do Vale de Santo António 2023*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2023

**Figura 30.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 31.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 32.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 33.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 34.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 35.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 36.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

**Figura 37.**

*Rampa do Vale de Santo António 2024*



RAMPA DO VALE DE SANTO ANTÓNIO 2024

Retratos & Testemunhos - Transcrições de áudios realizados entre 21 e 24 de abril de 2025  
[<https://rampadovale.pt/bairro/>]

**Figura 38.**

*Rui Tomaz - 22.04.2025*



RUI TOMAZ

“Chamo-me Rui Tomaz, nasci em 1945, na rua do Vale de Santo António 131 2º. Portanto, há cerca de 80 anos. Moro na rua Afonso Domingues, mesmo aqui por trás da rua do Vale de Santo António. Lembro-me desde miúdo de vir à janela ver a Rampa do Vale de Santo António, corrida por antigos... Fixei os Sportinguistas, não fixei os outros ciclistas. Lembro-me de Pedro Polainas, Américo Raposo, Firmino Bernardino, João Roque, que subiam aqui a Rua do Vale de Santo António todos os anos. Era uma grande festa, porque eu da varanda não saía. Presentemente, foi reativada a Rampa do Vale de Santo António pela Michele, que é Presidente do Mirantense, do qual eu sou sócio número 1. E é bom, porque isto motiva as pessoas, dá, de facto, muita animação à rua, vêm milhares de pessoas assistir, e é, de facto, um evento que é agradável para toda a gente, e muito mais para os naturais aqui da Freguesia. Portanto, sou nado e criado aqui, e aqui continuo estabelecido, e patrocino também, dentro do que posso, a Rampa do Vale de Santo António. Acho que é tudo.”

**Figura 39.**

*Raul Salvador - 22.04.2025*



“Raul Salvador. 27 do 2 de 68. Moro na Rua do Vale de Santo António. A minha relação com o Mirantense... A relação com o Mirantense... A relação com o Mirantense é... é a relação com o bairro. O bairro é o Mirantense. O Mirantense é o bairro. É a família. O Mirantense é a minha casa.

Sou o único funcionário do Mirantense. Funcionário pago do Mirantense. Então, além de ter uma relação... Epá, isto é família, o Mirantense é família. É aquilo que eu acho. O Mirantense é uma família. A gente somos uma família. A gente trabalha em prol do bairro. Somos um clube do bairro que mantém os costumes e tudo o que a gente ambiciona para aqui é manter as pessoas juntas, manter os nossos velhotes ocupados. Manter o espírito do bairro, que é uma coisa que vem-se a perder. A gente tínhamos três clubes aqui na rua, e agora temos um. Todos os clubes foram fechando, foram fechando e esta coisa das associações e coletividades, que antigamente estava muito vincado nos bairros, porque tudo vivia à volta dos bairros, dos Santos Populares, onde o pessoal se encontrava e isso tende a desaparecer. E o Mirantense está aqui há 90 anos e que já esteve quase à beira de fechar. Lá está, com a ajuda de muitos, com a boa vontade de muitos, e com a persistência de muitos, e com a resiliência, se mantém. Para quem é do bairro, para quem vive do bairro, para quem nasceu no bairro... Isto não pode acabar. Não pode! Porque esta é a essência. O bairro é isto e a gente tenta manter o bairro vivo e tem-se visto. Lá está, a Rampa. A Rampa é o quê? É uma coisa que houve e acabou e toda a gente esqueceu. E o Mirantense com o Relâmpago, voltaram a trazer a Rampa para o bairro. No princípio acho que ninguém me dava muito pela Rampa e agora, ao fim destes três anos, é o que se vê. E acho que a Rampa tem tudo para crescer e continuar a manter isto vivo até a essência do bairro. As varandas. As pessoas. É isto. Acho que é mesmo o trabalho, o nosso trabalho. É manter o bairro vivo. Toda a gente sabe que cada vez há menos pessoas que nasceram no bairro, que são de cá, que são naturais de cá, por causa dos alojamentos locais, do turismo. E se não for estas pequenas coisas, que mantenham isso vivo. Imagina se o Mirantense não estivesse aqui! Onde é que os velhotes iam jogar as cartas? Para o jardim? Para o frio? Onde é que as pessoas iam tomar o seu café agora à noite? A gente tem pessoas que vêm aqui que são, é tipo religião. A gente espera por essas pessoas. Muitas vezes quer fechar mas há sempre um vizinho que a gente sabe que ainda não veio. Temos que esperar pelo vizinho que vem tomar o seu café. E ele vem, chega àquela hora. É isto. Por isso que eu digo que o Mirantense é família, não é só um clube, é família. Amizade. Família. Olharmos uns pelos outros. Tentarmos manter vivo este espírito que é o bairro, que tem tendência para... que tem tendência para acabar... e não é bonito. E a Rampa é só mais... rampas e arraiais que a gente faz na rua. Há o arraial em Alfama. Há o arraial na Graça. Mas os velhotos não vão para o arraial da Graça, nem vão para o arraial de Alfama. Porquê? É muita gente, a segurança não é boa. As pessoas não têm a mesma mobilidade que tinham antes. Então o que é que a gente faz? Depois da Graça, depois de

Alfama, fazemos o arraial aqui. Porquê? Para que as pessoas daqui também tenham o seu arraial, também tenham as suas coisas. Para o seu espírito, estamos também virados para as pessoas daqui. Não é só fazer coisas para as massas, é manter isto. É para a Dona Rosa, é para o Senhor Francisco, é o Senhor Manuel. É isto que me move. Estou em família. Além de ser o meu trabalho, não é só o meu trabalho, onde quer que eu vá eu visto a camisola do Mirantense. Porque eu tenho orgulho de ser Mirantense. Eu ando aí com o Mirantense ao peito, mas é por gosto e por orgulho porque o trabalho que o Mirantense faz é... Mas não há nada a fazer. Vejo as coisas que existiam antes, transformadas em coisas viradas para os turistas e não vejo coisas que se mantenham viradas para as pessoas de cá. Isto é para as pessoas de cá, é para toda a gente. É um clube que é para toda a gente, mas principalmente para essas pessoas que já ninguém pensa e que os clubes ainda pensam e trabalham para manter esse espírito. É a camisola que eu visto. É o gosto que eu faço e que eu trabalho todos os dias e faço a minha vitória. E convive-se assim, tipo família. As pessoas não são clientes, são família, são sócios, é só uma família. Continuo a dizer isto, para mim, é família.”

**Figura 40.**

*Luis Madeira - 21.04.2025*



LUIS MADEIRA

"O meu nome é Luís Filipe Alves Madeira, solteiro, sempre solteiro, tenho dois filhos, vim diretamente de Angola para esta rua, para o 83, casa de um tio meu, ao fim de nove meses vim viver aqui atualmente onde é o Mirantense, vivi cá cinco anos, e depois vivi para o 74, que é a

minha morada, já há seis anos, desde que cheguei de Angola, há seis anos, os primeiros seis anos vim viver de Angola, a partir de Portugal, para o Valo Santo António, portanto estou cá há 51 anos, há 45 anos vivo ali no 74, que é a minha morada oficial. No Mirantense comecei a parar há coisas há dez anos, que nunca parava, tias, tios, tudo, não sei, tias, tios, primos, não, esqueça, porque fechou o clube que eu adorava, que era o Bela Vista, toda a gente conhece o Bela Vista, fechou, por causa derivado imobiliário, o indivíduo que comprou, foi um patrão que tem uns 800 apartamentos, é o meu cliente, é o Chorão, pessoa mais chorão que eu vi até hoje, compra coisas baratas, tem 800 apartamentos, há dez anos tinha 500, e comprou o prédio e fechou o clube, correu com o clube. E depois a gente parava numa tasca aqui, toda a gente conhecia que eram os galegos, que era como família, tiveram cá 80 anos também, também foram corridos, eles foram corridos porque quiseram, não quiseram comprar o edifício em si, tinham pessoas que tinham, mas não quiseram, uma renda era tal de 100 euros, era baratinho, e depois foram corridos também graças ao imobiliário. E pronto, depois de uma pessoa intimidada, vim para o Mirantense, gostava, ficava tremendo, ficava nervoso, e toda a gente me conhecia, mas derivado de tios e muitos primos e tias e isso tudo, pronto, detestava que era mesmo assim esse clube. E foi conquistando, foram-me chamando, jogasse nunca e tal, não me deixavam jogar as cartas porque não era sócio, não queria me fazer sócio porque deixava de jogar o snooker, porque gostava de gastar dinheiro, porque as cartas praticamente é barato, desde que comecei a jogar as cartas do snooker praticamente nunca mais quis, porque eu vivo isso, vivo as copas com os velhos, adoram-me, garanto a si que me adoram, porque eu também adoro eles, é uma palhaçada autêntica, pronto, e é assim, e estou aqui graças à presidente atual, que ninguém me confiava em mim, ninguém ia confiar em mim, porque eu sou comerciante e estou sempre no ativo, e pronto, e não queriam que, dizem que fazia disso uma casa de negócios, e pronto, e é assim, e pronto, e estou feliz, adoro isto, vivo o clube, trabalho para o clube, toda a gente sabe que estou cá, quando precisarem ter por acaso, olha, ah Luís, tens aí dinheiro e tal, paga aí essa fatura, pois já te paguei uma fatura, eu paguei o meu dinheiro, está bem, pronto, eu sei que recebo, o clube graças a Deus tem, graças a equipa, a essa presidente, quando apanhou esse clube devia 15 mil euros, há 10 anos atrás, hoje tem um saldo bom, pronto, tinha-se comprado esse espaço, mas na altura a presidente não sabia o que estava a passar, pois isso foi vendido, estava hipotecado, o edifício em si, e pronto, e quem o comprou agora, olha, vai querer depois o triplo da renda, garantidamente. E é assim, o pessoal gosta disso, vem para cá, é tudo bairro, conheço-os todos, conheço-os todos, e tenho trazido gente por aqui, toda a gente sabe

que eu, pronto, conheço, porque a presidente deu-me a conhecer os clubes, que ela uniu os clubes, a nossa presidenta uniu os clubes, quando ela faz grandes eventos, sobras grandes, divide tudo pelos clubes, a união dos clubes todos, escute, é incrível, ela fez mesmo uma coisa incrível, pronto, é isso que eu gosto dela, da admiração dos dois clubes, se não fosse ela e mais o relâmpago, não havia, quis dar trabalho, e trabalho tem eles, dão muita reunião, e aí disse que hoje beijam os pés, porque ela faz, pronto, porque só se via as cartas, e era fazer o Santo António, pronto, o clube vivia, estava a ficar rico, mas não tinha eventos nenhuns, não era um clube, eu acho que era, eu até brinco com eles e dizia que isso era um centro de dia, eu dizia mesmo lá, isso é um centro de dia, isso agora já é um centro de dia, pronto, e são pessoas incríveis, tenho a confiança, brinco com eles todos, eles todos hoje têm confiança comigo, como eu tenho com eles, mas antes eram um tipo ditadores, era horrível, juro, era horrível, não tem nada a ver com hoje, hoje tenho confiança demais, tenho essa liberdade, pronto, comecei a explorar também, e pronto, eles sabem que estou cá para o clube, e no mês de Agosto, por exemplo, aparecemos na revista do Diário de Notícias, porque fechamos sempre e fizemos uma faturação, vai estar aberto, eu vou para onde? Para trabalhar para mim já não me apetece já. E então olha, vim para aqui, vim para o clube, abrimos eu e outro, vimos no mês de Agosto e nunca vi, não fechou, mas esteve sempre cheio e faturou-se bem, faturou-se para a renda, está a ver? Para a renda, água e luz são mil euros de despesas, e ganhamos por isso, se não estivesse aberto, ia-se ao saco, tirar, eu nunca gostei de ir ao saco, já próprio para mim também não gostei de ir ao saco, e foi isso, pronto, e graças a isso aparecemos no Diário de Notícias sobre o mês de Agosto, porque eu tenho casa na terra, mas eu arranco, por exemplo, aqui sábado faço a minha feira, janto, arranco sábado, janto aqui, domingo já estou cá a almoçar em Lisboa, faço 300, 600 quilómetros, depois de um dia de feira, dizem-me como é que consegues fazer 300, é a minha irmã, minha irmã mãe nova, também mora aqui há 50 anos, também nunca parava nesse clube, e é assim, vem o filho dela, vem morar com ela, está em França, vem viver com ela agora, mais um vai começar a aparecer aqui no clube, vem morar aqui para a rua, ontem esteve cá, onde nasceu cá em Lisboa, durante 7 até os 8 meses, depois separaram-se, e pronto, e está cá e quer voltar, vai viver com a mãe, um rapaz com 22 anos, namora com a sobrinha do Otávio Machado, Otávio Lopes, se não me engano, Otávio Lopes, um jornalista muito conhecido da CMTV, ele falava muito de futebol, todo gravatinha, era duro, prontos, foi ele que eu conheci na Feira da Ladra, foi em Viseu, aqueles que conheciam-se, o meu sobrinho, então, “o

meu tio vende na Feira da Ladra”, “o teu tio vende na Feira da Ladra?”, disse, aí eu paro na Feira da Ladra, eu sou o coiso... duas imperiais, café?

Cliente: É, café.

Café? Dois?

Cliente: Dois e um é curto.

Tenho que, como parava lá na Feira, disse, para o meu sobrinho, que parava lá na Feira da Ladra, então o meu sobrinho, “então o meu tio vende lá, é um dos mais conhecidos”, “é um dos mais conhecidos, então mas quem é o teu tio?” “Ah, é o Luis da Feira da Ladra.” “Ah, sim, pronto, claro.” E é meu cliente vai lá, está lá sempre, está sempre, adora comprar relógios esse homem, mas eu só vendo géneros, não é, por isso... café, é o que se passa aqui.”

**Figura 41.**

*Paula Lopes - 22.04.2025*



PAULA LOPES

“Então, eu nasci em 17 de 12 de 1971. Eu estou aqui nesta zona por volta de nove anos. Não é muito mais do que isso. A minha relação com o Mirantense. Eu frequentava o Mirantense. Ângela Paula Lopes. Desculpe o meu nome, Ângela Paula Lopes. Eu frequentava o Mirantense, mas há

três anos atrás convidaram-me para fazer parte da direção. Portanto, este é o meu terceiro ano de direção. Como vogal, primeiros dois anos, e agora como vice-presidente. Não sei o que é que uma vice-presidente faz. Não faço a mínima, mas estou cá. Trabalho, olha, trabalho. Isto, no fundo, é um grupo de amigos que trabalham em conjunto para manter as portas abertas para os velhotes terem onde jogar as cartas. Nós refilemos muito. Eles vão à casa de banho, sujam. Nós refilemos. Nós agora, eu e o Raul, nós estamos assim. Nós damo-nos bem, trabalhamos bem os dois. Estivemos a fazer a comida para os miúdos de junta da freguesia, duas semanas. Correiu tudo lindamente. Porque é assim, as pessoas quando se encaixam a trabalhar, corre tudo lindamente. Depois temos a nossa presidente, não é? Que é uma chata de primeira. Mas nós mandamos mandar o que ela manda em nós. E assim, somos aqueles amigos que, no fundo, queremos isto aberto para podermos oferecer. Somos nós que podemos oferecer algo aos moradores. E a Rampa do Vale foi uma delas. Estive na primeira edição, na primeira subida, que agora é recente, e aquilo é uma vibração terrível. Estive lá a gritar. Gritei tanto. Eu gritei para as pessoas saírem da estrada para não atrapalharem os ciclistas e não sei o quê. Os polícias. É muito giro. É uma coisa mesmo, gira. É vibrante. A pessoa está ali a vibrar. Dá muito trabalho, atenção. Dá muito trabalho. É muito giro.”

**Figura 42.**

*António Lucas - 22.04.2025*



ANTÓNIO LUCAS

"Chamo-me António Lucas, tenho 77 anos, que é uma capicua, como se costuma dizer, moro aqui na Rua Leite de Vasconcelos, sou sócio desta coletividade. Eu, pessoalmente, há meia dúzia de anos, a minha empresa entrou para sócio coletivo há cerca de 20 anos, a esta parte. Posteriormente,

fiz-me eu individualmente sócio de Mirantense, porque alguns colegas aqui na coletividade diziam, por a brincadeira, chalaça, que eu não era sócio de Mirantense, quem era, era a minha empresa, e eu, de duas maneiras, uma para calar as chalaças dos vizinhos e associados, fiz-me sócio há meia dúzia, meia dúzia, talvez há 10 anos a esta parte. Gosto muito desta coletividade, já fui presidente do Mirantense, já fui associado com as funções na área da cultura, presentemente sou o presidente da Assembleia Geral do Mirantense, e gosto muito desta casa, porque há 25 anos a esta parte era uma outra ideia de coletivismo em Lisboa. E eu fiz-me sócio deste clube por uma razão muito simples. Eu instalei-me como a comerciante próximo do Mirantense e vinha tomar café ao Mirantense. Nunca ninguém me pediu seja o que fosse, antes, pelo contrário, as primeiras vezes que entrei nesta casa, eu pedia autorização para vir tomar café e, ao tempo, o presidente desta coletividade, desta maravilhosa coletividade, que é o Mirantense, disse, “*o senhor, sempre que queira vir tomar café, à noite, com a sua esposa, ou outra coisa qualquer, o clube está à sua disposição*”. E eu senti, realmente, a camaradagem, esta sinceridade e fiz-me sócio desta coletividade, sócio coletivo, ou seja, que é a minha empresa que é sócio. Depois disso, também, antes disso, fui também a diretor e presidente da Assembleia Geral de uma outra coletividade, aqui próximo, que se chama Varejense, que é uma outra coletividade que é na Afonso III, ainda hoje existe, ainda hoje vai estar, ainda hoje faz as suas funções para as quais as coletividades têm o dever de a fazer: ensinar os mais jovens, apoiar os mais velhos, dar vida ao bairro, dar dignidade às pessoas que entram para as direções, que não é fácil ser diretor de uma coletividade, não é fácil, porque tem a sua vida familiar, tem a sua vida profissional e, depois, ainda tem que ter a vida da própria coletividade. Mas tudo isto nos dá uma grande alegria e um grande desejo. Eu venho todos os dias, praticamente, à coletividade. Se bem que tenho aqui o meu negócio aqui perto, mas, independentemente disso, dias que não venho ao Mirantense, não é dia para mim. Portanto, eu venho praticamente todos os dias a esta casa. Neste caso específico, temos uma grande novidade há meia dúzia de anos a esta parte, entre outras, temos, nesta altura, futebol, temos outras modalidades e, ultimamente, esta Direção, e muito bem, teve o espírito inicial de proporcionar e trazer novamente a esta casa a Rampa do Vale, em bicicleta. Eu confesso que, de início, como a Presidente da Assembleia Geral, não achei muita graça a esta nova iniciativa da Direção, porque sabia que isto dava um grande... E eu tinha a experiência de outras atividades, quando se começa uma atividade, dá sempre um trabalho enorme. É preciso conhecer-se, é preciso estar-se bem relacionado com autoridades, não só a policial, mas também Junta de freguesia, Câmara de Lisboa,

Polícia Municipal, os vizinhos. Tudo isto dá muito trabalho e, de início, eu fiquei um bocadinho na dúvida. Mas, como vi, senti que havia um grande desejo, um grande empreendedorismo em fazer novamente a Rampa, que deu muito brado em Lisboa, desde 1946, salvo erro, também não disse para não fazerem. Perguntaram-me a minha opinião. Eu disse, se têm interesse, se têm vontade, se têm capacidade, vamos para a frente. A nossa Presidente atual, a Michele Faro, é uma senhora com um grande empreendedorismo, com um grande querer, com um sacrifício muito grande, mas tem conseguido levar o Mirantense para um patamar que muitas vezes já teve. Este clube, há 25 anos, quando eu entrei aqui, era considerado e foi considerado, durante muitos anos antes de mim, o Real Madrid das coletividades, que era conhecido na área metropolitana de Lisboa, que era conhecido assim, por uma razão simples, como nós sabemos em termos futebolísticos, o Real Madrid é o expoente máximo do futebol mundial e o Real Madrid e o Mirantense, em termos de coletividade, também era considerado e é considerado uma das melhores coletividades de Lisboa, ao qual eu tenho imenso orgulho, porque também contribuí um bocadinho ao longo destes 25 anos, passámos por um passo difícil na vida desta coletividade, também com o empenho dos sócios e das direções e de uma comissão que houve nestes últimos tempos para suportar e para levantar a coletividade, que teve uma grande senhora à frente, que foi a Michele Faro, ao qual eu pessoalmente gosto imenso dela, acredito nela, tem sempre o meu aval, se bem que às vezes ficasse um bocadinho na dúvida, mas depois ela consegue-me surpreender e eu gosto de ser surpreendido neste aspeto, tudo que seja de bom, eu gosto. De maneira que, a falar do Mirantense, é para mim um grande orgulho e um prazer enorme, gosto do ambiente desta casa, desde muitos anos que eu frequento esta casa, é um ambiente educado, simpático, humilde, pessoas de bairro, mas há uma característica que eu pessoalmente gosto muito, é que não ouço asneiras dentro da coletividade. Quando fui presidente e hoje sou apresente da Assembleia Geral, não intervenho muito, porque penso que não é a minha função atualmente, como presidente da Assembleia Geral, se um dos diretores não resolver, não solucionar o problema de várias ordens e se eu estiver dentro do clube, eu ajudo e intervenho, mas tenho a noção que o presidente da Assembleia Geral não se deve interpor às ordens e àquilo que os diretores desta coletividade ou outra coletividade fazem. Se me pedirem ajuda, ou se eu entender que o problema é muito grave, então aí atuarei como presidente, mas se não, e felizmente, esta direção e as últimas direções desta parte são pessoas capazes, pessoas eficazes, trabalhadoras, honestas, de tal maneira que o clube, em termos financeiros, está muito bem, porque também é bem gerido, porque também trabalham, porque

também vão para as entidades pedir subsídios para as modalidades, é um trabalho profundo e que eu dou muito valor e já passei por cá, já fui presidente, sei muito bem o quanto às vezes nós tínhamos que perder tempo da nossa vida familiar e profissional para ir à Câmara de Lisboa solicitar isto, para irmos à Junta de Freguesia, para irmos às reuniões da própria ACCL, que é a Associação das Coletividades do Conselho de Lisboa, que somos sócios também, e de outras entidades. Portanto, isto dá muito, muito, muito a trabalho. Mas é gratificante, é gratificante, eu, nesta última subida de bicicleta da Rampa da Vale de Santo António, eu tenho o problema de ter de usar oxigênio, durmo com uma máquina de oxigênio, custa-me um bocado a falar, quando falo muito, custa-me um bocadinho, tenho de socorrer ao oxigênio, mas nesta última subida da Rampa deu-me uma satisfação extraordinária subir a Rampa, enquanto os ciclistas também subiam e ver as varandas bonitas, enfeitadas, como se fosse uma procissão que ia passar, como também é tradição nas aldeias e até aqui na nossa Lisboa, nas grandes cidades, quando há procissões as pessoas põem as suas colchas à janela em sinal de colaboração, respeito, afeto e gosto também. E realmente eu não conseguia, normalmente eu não conseguia subir a Rampa desde o Mirantense até à Sapadores fi-lo, sem problema absolutamente nenhum, deu-me uma enorme satisfação ver as varandas todas engalanadas, todas bonitas e porquê? Porque a direção e a Michele atribuiu, há alguns anos desta parte, um prémio para a varanda mais bonita na subida da Rampa do Vale de Santo António. E eu vi vizinhos, porque já estou aqui há 25 anos, há 30 anos, vi vizinhos conhecidos cumprimentarem e dizerem-me, *“Ó Senhor Lucas, isto está muito bonito, está muito animado, está com um espírito desportivo, de cidade, de bairro, estamos muito felizes com o Mirantense”*. E realmente a mim também deu-me um gozo enorme ouvir estas coisas, é evidente, e por conseguinte a Rampa do Vale, era uma prova que inicialmente se fez na primeira vez completamente a brincar, sem objetivos absolutamente nenhuns, e conseguiu-se impor na cidade de Lisboa esta prova que já é falada desde o norte a sul de Portugal, uma coisa que inicialmente era para dar vida à população, vida à coletividade, uma das várias componentes da coletividade, e é hoje talvez a prova, a modalidade, o ato mais significativo que o Mirantense oferece ao bairro, à população do bairro, aos seus associados, um extraordinário trabalho desta direção.

**Figura 43.**

*António Freire - 23.04.2025*



ANTÓNIO FREIRE

Pronto, o meu nome é António Freire, nasci em Abril de 69, moro aqui na rua já há 56 anos, nasci em casa inclusive, e criei aqui uma relação com o Mirantense porque costumava vir aqui jantar. Entretanto fizeram aqui uma nova direção e pediram-me para fazer parte da direção. Eu ao início

disse que era um bocado complicado, devido ao meu trabalho, porque eu trabalho com agências funerárias, várias agências, e o trabalho aparece, eu posso estar aqui a jantar e de repente ligame, tenho que ir. Mas como insistiram muito, eu acabei por fazer parte do Mirantense. O que é que eu posso dizer aqui mais? Isto aqui é um ambiente familiar, em que tentamos sempre acolher as pessoas aqui do bairro, fazemos vários eventos, como a Rampa do Vale de Santo António, temos duas equipas de futebol, está-se a pensar para o ano também ter uma equipa de futebol feminino, para além disso fazemos os Santos Populares. O jantar do Dia da Mulher é muito importante porque são as velhotas aqui do bairro, que algumas têm que se ir buscar de carro, têm alguma dificuldade em virem para aqui. O que é que eu posso falar mais acerca do clube? Resumindo, basicamente é isto, é um clube de bairro, nós já tivemos aqui uns quatro clubes nesta rua, foram acabando todos, e estamos a tentar que este se mantenha, porque é importante para as pessoas ter uma coletividade, que é coisa que antigamente havia às quatro e às cinco numa rua, hoje há bairros que já não têm coletividades. Por isso tentamos fazer o que está ao nosso alcance, para manter o clube aberto. Não tem sido fácil, já estivemos ali ao lado, resolveram fazer um hostel, teve que se arranjar aqui um espaço, conseguimos aqui este espaço, vamos ver por quanto tempo, porque isto depois ainda mudou de senhorio, vamos ver se este senhorio vai renovar de novo o contrato, esperamos que sim, para manter aqui este espírito de bairro, que acho que é muito importante.

**Figura 44.**

*Vitor Santos - 22.04.2025*



VITOR SANTOS

Então, eu sou Vitor Santos. Sou sócio do Mirantense, sou sócio número 155, neste momento. Sou sócio do Mirantense desde 1983. Trouxeram-me cá para o clube através do Andebol. Um sócio muito antigo, vai ser agora com a nova remuneração que nós estamos a fazer de números, que

estamos a baixar, tínhamos quase 900 sócios e 300 pagantes, e então já não se fazia a nova remuneração há 20 anos ou mais, e eu é que estou encarregue de fazer o abaixamento dos números e a atualização dos sócios, dos associados, e então esse sócio que eu estou a falar vai ser agora o número 3 ou o número 4, é um sócio que desde puto vinha para aí jogar pingue-pongue, que também foi para o andebol e foi meu colega de equipa, que me trouxe aqui para o Mirantense, “*vá espera lá no clube, não sei quanto, vou lá ter contigo*”, e eu vinha cá para o clube à espera dele e às tantas, naquele tempo, nem todas as pessoas podiam entrar no clube, só entravam sócios. Ao contrário do que é hoje em dia, que já temos uma abertura para as pessoas possam aproveitar o clube, mesmo sem ser sócio, naquele tempo eram só sócios, e então eu vinha para aqui à espera dele e sentia-me constrangido porque, pá, “*quem é que o gajo está ali, não sei quanto, é amigo do latas pá*”, não sei quanto, pá, isto é pá, quanto é que se paga para ser sócio aqui no clube? É pá, paga-se 20 escudos por mês, não sei quanto. 20 escudos, 10 cêntimos hoje em dia. É pá, dá aí uma proposta que eu entro para sócio. Entrei para sócio em 83, a minha filha nasceu em 82, em 83. Durante muitos anos, pronto, andei com ele uns 5, 6 anos, 7 anos que andei com ele como colega de equipa, fazemos dupla, é uma dupla de arbitragem. Depois, quando deixei de andar com ele, estive uns, sei lá, uns 10 anos que deixei de cá vir ao clube, vinha cá todos os anos em janeiro pagar as cotas, nunca deixei pagar as cotas, portanto, nunca fui eliminado. E depois voltei a frequentar e entrei na família, pronto, comecei a conhecer as pessoas, comecei a frequentar o clube assiduamente. Já recebi o emblema de 25 anos, estou quase nos 50, portanto, estou quase nos 50 anos de sócio. Em 97 convidaram-me para vice-presidente de uma direção que tinha ficado desfalcada de dois elementos e eu entrei para vice-presidente. Depois disso, já pertencia mais dessa direção, que era do António Marques, pertenci à direção do Carlos Souza, à direção da Lina, da Lina Cortes e agora à direção da Michele, portanto, já em 4 direções, sempre como vice-presidente. Claro que eu, com estes anos todos, conheço muita gente. Eu, aqui no clube, a vertente onde eu mais me dediquei foi na pesca desportiva, porque eu gosto muito de pescar, desde puto que eu vou à pesca. E aqui o clube que não tinha pesca desportiva de Rio, que é uma pesca desportiva de Rio não de Mar, conheci muita gente porque isto tinha uma grande equipa de pesca desportiva, federados inclusivamente, e campeões alguns. E eu comecei e através deles todos comecei a conhecer a malta que representava aqui a pesca, não sei quanto, fazíamos tertúlias da pesca e isso tudo. E hoje em dia, pronto, não sou o maior, mas sou das pessoas que conheço a maior parte dos sócios, mais a mais, com o meu trabalho, com a atualização da numeração de sócios e isso tudo,

perguntar às pessoas mais antigas: “*Quem é fulano, que é aquele, que é aqueloutro*”, vou conhecendo. Ainda agora faleceram, na semana passada, dois sócios antigos, o 101 e o 240, que hoje em dia seriam o 20 e tal e o 70 ou coisa assim do género. Pronto, e então eu tenho estado cá, como disse, já em diversas direcções e isto tudo é uma família. O que me leva a andar aqui no clube é a união, a família. A minha mulher vem aí ajudar aos almoços das tardes de Fado, das passagens de ano. Pronto, nós somos uma família, nós conhecemos todos como uma amizade, pronto, acarinhámos e acudimos uns aos outros porque, pronto, nós conhecemos, somos quase família. Tenho família que não me dou com eles tanto como com os sócios aqui de Mirantense, que não me são nada, mas o Luís aqui, é quase que a minha família. Pá Luís, pá, preciso daquilo, pá, ajuda ali, pá, eu vou lá. Pronto, isso é uma família. O associativismo, eu comecei no associativismo, algures, em 1972, já lá vão uns anos, era um puto com 15 anos, por aí assim, mais ou menos, que eu nasci em 57, comecei em 72 porque precisavam de uma pessoa que pertencesse aos órgãos sociais do clube para nós formarmos uma equipa de andebol e então empurraram-me a mim. É um clube que já não existe, já acabou, que era o Real Clube de Lisboa, ali no Bairro Alto, formámos lá uma equipa de andebol, começámos lá, andámos a jogar por aqui, pagávamos do nosso bolso, o clube não dava, só dava o nome, pagávamos o nosso bolso, jogávamos. Depois, em 77, tirei o curso de árbitro, gostava daquilo, apareceram colegas que tiraram o curso de árbitro, comecei a andar com eles, tirei o curso de árbitro, fui árbitro desde 77 até 2009, fui árbitro nacional, apitei as primeiras divisões, e segundas, e terceiras, e aquelas porcarias todas (...). Conheci muita gente, graças a Deus, gente boa. Em 2009 terminei a minha carreira como árbitro, continuei e ainda estou ligado ao andebol, à Federação Portuguesa do Andebol, Federação de Andebol de Portugal nesta altura, como observador, classificar os árbitros, etc. Este vai ser o meu último ano, vou terminar este ano, vou terminar este ano porque o Michele me empurrou também, o Mirantense já não tinha futebol há 40 anos, começámos com futebol no ano passado na Inatel, ficámos em quarto lugar na nossa série, foi muito bom, primeiro ano, ao fim dos 40 anos, ficámos em quarto lugar, e este ano, como a coisa não foi pequena este ano, continuámos com a equipa da Inatel e metemos uma equipa da AFL. A AFL é federado, é federado, quem é que vai para a AFL? Vitor Santos. E então tenho estado a acompanhar a equipa da AFL no futebol, tenho encontrado muita malta do futebol que esteve ligado ao andebol, não ajuda muito, mas pelo menos nós sentimo-nos melhor, mais à vontade. Este ano, na Inatel, nós estamos bastante bem classificados, estamos em segundo lugar a um ponto primeiro, estamos na final da taça da Inatel, que é a taça de Portugal, mas da Inatel,

estamos na final, estamos apurados, vamos jogar a final. Na AFL, é o ano de estreia, é o ano de aprendizagem, e é o ano em que nós não ganhámos ainda nada. Tivemos, no campeonato todo, temos três empates, temos duas derrotas, nós estamos a aprender, nós estamos a aprender. Para o ano, para o ano, a coisa vai ser diferente, este ano é só mesmo para aprender. Mas isto é um clube que, com estas situações todas, dos *futebóis*, da pesca desportiva, da sede onde nós temos aqui para os sócios as cartas, o dominó, o pingue-pongue, o snooker, as setas, estas coisas todas, nós temos uma coisa muito importante que é, nos nossos atletas do futebol, ao domingo que é o dia de jogo, nós abrimos às nove da manhã, temos aqui pessoas a fazer almoço e a tratar de tudo, de forma que os jogadores chegam aqui às onze horas, onze e tal, chegam aqui, divertem-se um bocado, almoçam, partimos para os jogos, no fim do jogo, quando o jogo acaba, regressamos à sede, convivemos, comemos uns empadas, jogamos snooker, quer dizer, fazemos disto uma família, isto é um todo, isto é, estamos a trabalhar em prol, porque há muitos jogadores que têm muitas dificuldades, nem toda a gente é rica, nem toda a gente vive bem, há pessoas, alguns que saem daqui e levam comer para casa, porque têm necessidades, e nós compreendemos, e nós ajudamos, e nós damos de boa vontade. Nós estamos em 2025, em 2016, na sede aqui ao lado, na rua, aquilo que é mais abaixo, no 15, que nós fomos despejados, porque não tínhamos condições para continuar lá, porque o prédio foi vendido e nós não comprámos e tivemos de ser despejados, nós, perdi-me aqui um bocadinho, em 2016, fizemos uma Assembleia Geral, com um ponto único: “Encerramento do clube”. Isto ia fechar, ia fechar. O clube tinha muitas dívidas, o passivo, pá, fora do sério. Naquela Assembleia Geral, onde eu estive presente, estive também a Michele, e mais onze, não vou dizer agora o nome deles todos, faz parte da nossa história, éramos 13 pessoas que nos juntámos e dissemos, “*pá, não, fechar não, vamos tentar fazer alguma coisa*”, foi decidido por aqueles mais velhos que nós e que eu, “*pá, não vale a pena, isto está totalmente acabado*”. E não acabou! Não acabou que nós nos juntámos, naquele dia, naquele momento, conseguimos arranjar dinheiro para pagar duas rendas em atraso, o pessoal escrutinaram e juntaram e deram o dinheiro ali, no bolso deles, ali, pagaram naquele momento, ali, para pagar duas rendas em atraso, das não sei quantas tinham atraso, naquela Assembleia Geral, “*é pá, isto está muito difícil, é de cinco ou seis mil euros, têm dívidas, não sei quanto, e pagamentos atrasados*”, pá, e nós pá, vamos para a frente, e juntámo-nos ali, fizemos uma comissão, comissão, diziam eles, comissão de gestão, e eu sempre bati, não é gestão, é administrativa, “*não, comissão de gestão*”, não é gestão, é administrativa, porque é uma diferença muito grande, e depois lá os mais iluminados, “*pá, está*

*bem, administrativa é melhor, pois assim, podemos fazer mais coisas, porque também se havia algumas coisas”,* porque eu também sabia algumas coisas, e então fizemos uma comissão administrativa, e fomos fazer o levantamento, e os tais cinco ou seis mil euros que eles diziam que tinha, que estavam com o passivo, é mentira, nada disso, o passivo não eram cinco ou seis mil euros, eram uns 30 e tal mil euros, assim de repente, que naquela altura, comparado com o tempo de agora, era muito mais difícil. E nós fomos para a frente, demos o corpo às balas e fizemos o que está o Mirantense hoje. O Mirantense está com uma tesouraria saudável, graças a Deus, estamos bem, já olham para os balanceiros, *“é pá, tanto dinheiro, pá, estamos”,* pois, tanto dinheiro, mas alguém trabalhou por isso, não fui eu, fomos todos! Estamos com uma tesouraria saudável, temos duas equipas de futebol que dão gastos que as pessoas não fazem a mínima ideia, 15 em 15 dias, todas as semanas, dar aqui o almoço a 20, 30 pessoas, jogadores, quando vão para a bola no fim, vêm. Pagar inscrições, pagar policiamento, pagar seguros, pagar campo, isto é uma coisa, mas pronto, mas temos futebol, porque isto é o Mirantense Futebol Clube, atenção que o Barcelona copiou as nossas cores. Nós temos as cores do Barcelona? Não! O Barcelona tem as nossas cores. E nós estamos a meia dúzia de dias de fazer 90 anos, nós nascemos no dia 1 de maio de 35. Dia 1 de maio, 1 de maio, dia do trabalhador. Porque é que foi dia 1 de maio? Porque isto é um clube que as pessoas, pessoas pobres, pessoas simples, do bairro, sempre revoltadas! Naquele tempo, naquela sede ali antiga, quando apareceu a televisão, as pessoas pagavam 5 tostões, 5 tostões era um quarto de cêntimo, para ver televisão, as pessoas reuniam-se ali no clube para confraternizarem, naquele tempo era muito difícil, as coisas eram muito difíceis, *“ah, o tempo de Salazar é que era bom”,* está bem, está bem, quem não viveu esse tempo! Não tenho nada contra o Salazar, mas tenho muito contra o Salazar, porque naquele tempo havia muito pobre e pobreza. O Mirantense sempre ajudou as pessoas mais pobres do bairro, sempre, enquanto eram nos natais, dava prendas aos filhos dos sócios, ajudava as pessoas com, eu lembro, com cabazes, com coisas, pessoas que não tinham o que comer, que não tinham o que comer, isto era muito difícil, era muito difícil. Eu, felizmente, não fui nada abastado, mas não passei fome, mas havia muitas pessoas que... Pronto, mas o Mirantense deu a volta a isto tudo, estamos numa sede nova, conseguimos dar a volta, temos uma sede aqui apetrechada, aqui em condições, recebemos as pessoas sócios ou não sócios, especialmente os sócios que são sempre bem-vindos e pagam a sua cota, os benefícios em relação aos outros não são muitos mais, mas é o prazer dizer que sou Mirantense, que isto é muito

importante, e estamos aqui com a ideia de estar muito mais tempo e de fazer muito mais pelos sócios, pelas pessoas, pelo bairro e por todos em geral.

**Figura 45.**

*Eupremio Scarpa - 23.04.2025*



Chamo-me Eupremio, sou italiano, nasci no dia 8 de fevereiro de 1969. Quando decidimos fundar um clube de Desporto Popular, em maio de 2021, nomeadamente a Associação Desportiva Recreativa “O Relâmpago”, nós sempre tivemos muita curiosidade, muito interesse e carinho pela

história do associativismo e das antigas coletividades que sempre íamos visitar, também antes de ter fundado o clube. Entre os vários sócios fundadores, há pessoas mesmo que estão a dedicar tempo nas pesquisas históricas sobre o desporto popular, e o futebol em particular, entre os quais sou eu, nós gostávamos, e gostamos de visitar as coletividades, visitar as sedes, ir falar com os sócios antigos e coisas assim, e um dia, neste fatídico ano de 2021 da nossa fundação, decidimos ir visitar o Mirantense Futebol Clube, que por acaso fazia anos no nosso mesmo dia, dia 1 de maio, naturalmente mais velhinhos, o Mirantense é de 1935, e já tínhamos um bocado assim o mito, aquela cena da mística do Mirantense. O Mirantense estava em um período, em uma altura muito complicada, porque tinham sido despejados da belíssima sede que eles tinham, e estavam em uma fase realmente de reorganização e até poderia dizer de afirmação de novo daquela que é o papel da coletividade no seu próprio bairro. Eles não quiseram sair do bairro, porque tinham outras possibilidades para ir para outras sedes, mas bateram os pés e disseram, “É *Mirantense, Rua do Mirante, essa é a nossa zona de implementação, nós queremos ficar aqui*”, e isso para nós era muito importante, e viemos aqui mesmo para homenagear o Mirantense, e viemos cá com um simples diploma de aniversário, mas tivemos a fazer um bocado de trabalho de casa, ou seja, eu e o João Carlos, que é um dos sócios fundadores, somos os dois ratos da biblioteca, como os outros nossos amigos sócios fundadores chamam, e tínhamos descoberto, aliás foi o João em particular, que o Mirantense nos anos 40 organizava uma prova emblemática de ciclismo popular, que era a Subida da Rampa do Vale de Santo António. Nós começamos a fazer algumas perguntas, e os sócios começaram a contar histórias, foram buscar um caderno com recortes de jornais antigos. A prova realizou-se entre 1941 e o último foi em 1954. A partir daí vimos as fotos, começamos a delirar, a dizer que era uma coisa que devia ser feita de novo, íamos organizar de novo, e estivemos lá a picar mesmo, o Mirantense, a dizer, vamos lá, nós ajudamos, vamos lá organizar de novo, e conseguimos superar, ultrapassar um bocado as primeiras resistências óbvias de um clube que ainda por cima, como eu disse, estava em uma fase particular da vida deles, mas quiseram aceitar esse desafio, e a partir daí foi essa grande aventura da nova edição da Rampa. Em 2021 houve a primeira, em que participaram só 67 atletas, mas mais do que a prova foi esse envolvimento do bairro todo, e de novo sentir, o Mirantense sentir a importância que tem, que tinha, que continua a ter na ligação com a população, com a comunidade. A Rampa foi um sucesso não tanto pela prova em si, desportiva, mas porque envolveu o comércio local todo, a comunidade, os vizinhos, portanto foi uma festa muito bonita, e com o passar dos anos aumentou sempre mais em participantes, em

envolvimento da comunidade, voluntários, tanto que chegamos em 2024 a ter mais de 100 voluntários a participar na organização da prova. E quero sublinhar também, também teve uma menção honrosa num prémio de voluntariado da Confederação Portuguesa do Voluntariado. Isso é uma coisa muito importante, porque é um prémio que muitas vezes está ligado a atividades e tipo de voluntariado um bocado existencialista, paternalista, e nós fomos lá mostrar uma coisa muito mais comunitária, participativa, e foi um prémio, acho muito bonito, merecido. Portanto, estamos à espera da próxima, que vai ser ainda melhor do que as outras, e continuar com esse espírito, que realmente o Mirantense para nós é mesmo um exemplo de como deve ser uma coletividade, uma associação de bairro. Ligação com a comunidade, proximidade, entreajuda. Quero só sublinhar uma coisa, até aproveito, imagina que o Mirantense historicamente esteve sempre fechado, por exemplo, no mês de agosto das férias, mas nos últimos anos percebeu que muita gente, e a população dessa zona é realmente envelhecida, muita gente tinha só como referência o Mirantense, e não só como referência de convívio, referência de um lugar fresco, onde tinha ar-condicionado, imagina, uma coisa tão simples. Portanto, o Mirantense decidiu de estar aberto durante o mês de agosto, só para as pessoas mais idosas poderem ter um cantinho de frescura e de convívio durante o mês de agosto. Portanto, nós somos orgulhosos de ser, nós dizemos sempre que somos os irmãos mais novos do Mirantense, que é uma referência do desporto popular, completamente.

**Figura 46.**

*Vasco Alves - 23.04.2025*



O meu nome é Vasco Alves, nasci dia 11 de dezembro de 1985, sou um dos sócios fundadores da Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago” e do grupo dos fundadores sou aquele que já tinha um interesse que praticava, digamos de uma forma totalmente amadora, o ciclismo. Então,

de uma forma natural, quando surgiu a ideia de propor ao Mirantense reativar esta prova, trazê-la de volta, acabei por estar nessa equipa logo desde o início. Não vou agora estar aqui a repetir aquilo que o Eupremio já disse sobre a relação que temos desenvolvido com o Mirantense, que é uma coletividade irmã, temos uma relação muito próxima e têm sido anos muito gratificantes mesmo, a nível humano e de trabalho conjunto. Mas, em relação à prova em si, o que eu posso dizer é que quando conseguimos convencer o Mirantense a reativar a prova, meio que houve ali uma divisão de tarefas inicial, sendo o Mirantense um clube que está aqui no bairro há 90 anos, quase 90 anos, eles ficaram mais responsáveis pela burocracia que envolve organizar uma prova destas, desde o contacto com a Junta de Freguesia, o contacto com as forças de saúde, com os bombeiros, com a polícia, etc, etc, e nós, sendo também a associação mais jovem, acabámos por ficar com a responsabilidade, digamos, da produção da prova em si, de fazer a prova acontecer a nível prático. Agora, acontecia que nós não tínhamos experiência absolutamente nenhuma, tínhamos só muita vontade, e então a prova em 2021 inicia-se o trabalho com uma chamada para a Federação Portuguesa de Ciclismo, a perguntar como é que se faz, como é que se organiza uma prova de contra-relógio de rampa. Falámos, obviamente, na história da prova e queríamos reativá-la. Acabámos por ser direcionados para a Associação de Ciclismo de Lisboa, que é a associação distrital, e foi um... tem sido um trajeto de aprendizagem, estamos a aprender enquanto fazemos, todos os anos tentamos de alguma forma melhorar aquilo que temos feito. A prova tem tido um crescimento exponencial, que nos tem surpreendido a todos desde o primeiro ano. Ainda me lembro quando, no primeiro ano, tínhamos um limite máximo de 60 ciclistas, até o dia anterior tínhamos só 30, estávamos todos a pensar que isto ia ser um... bem, não ia ser um fracasso, mas que ia ser um pouco abaixo das nossas expectativas. Na última noite, 30 pessoas inscrevem-se ou 37, ficámos com 67 participantes, que já era acima daquilo que nós tínhamos previsto. Ficámos todos contentes, foi um dia mesmo muito bonito, mesmo para o Mirantense, porque eu penso que ninguém do clube, na altura, mesmo os sócios mais velhos, se lembravam da Rampa, lembravam-se de ouvir falar da Rampa, mas não estiveram cá e, de repente, reviver esse momento que todos eles tinham ouvido falar, mas que nunca na verdade tinham vivido e ver o bairro assim, foi uma coisa... foi muito tocante mesmo, foi muito emocionante, nesse primeiro ano, perceber a forma como aquilo tocou as pessoas do clube também. E daí, desde então, temos trabalhado de uma forma mesmo muito unida e eu penso que a própria maneira como a cidade de Lisboa está, neste momento, com toda esta crise de habitação, com toda esta... bem, com esta gentrificação brutal e

super acelerada, eu penso que a prova veio de alguma forma também colmatar ali uma coisa que eu acho que infelizmente está a desaparecer não é, que as pessoas usufruam do espaço público sem fins comerciais. As pessoas vêm para a rua para desfrutar dos seus vizinhos, da sua rua e eu penso que isso também é uma das razões que tem trazido tanta popularidade à prova. A nível de ciclismo, também tem tido... pronto, eu acho que em todos os aspetos a prova tem crescido de uma forma muito impressionante e muito inesperada. Neste momento, a prova tem 130 participantes, para o ano vai ter mais, estamos a tentar sempre que possível aumentar o número de inscritos porque todos os anos temos que dizer que não, a quase... bem, no último ano foram 100 pessoas que infelizmente tivemos que dizer que não podiam participar porque tínhamos o número de inscrições máximas já atingido. Pronto, é uma coisa que nós não estamos propriamente felizes, é uma coisa que nós estamos a tentar até discutir com as próprias pessoas que participam, vamos agora em breve fazer uma assembleia aberta em que vamos ouvir, pronto, opiniões de pessoas que participaram e que não participaram e tentar, pronto, como temos feito sempre, tentar melhorar a prova, tentar que a prova seja mais justa e também tentar que seja cada vez um dia mais bonito e acho que tem sido mesmo com o aumento, com o aumento mesmo muito, muito grande até ao nível das pessoas que vêm ver. Penso que temos conseguido gerir a coisa de uma forma... pronto, de uma forma mais ou menos competente. Agora neste último ano conseguimos finalmente, por exemplo, colmatar o facto de não haver, digamos, almoço, então convidámos muitas associações como o Coletivo da Vida Justa, como a Associação Quitambo, como as modalidades do Relâmpago, o próprio Mirantense, de forma a que toda a gente pudesse cozinhar e também angariar algum dinheiro para as suas causas e pronto, e acho que em todos os aspetos estamos a tentar, estamos a tentar a cada ano melhorar sem nunca perder o... sem nunca perder aquilo que nos guia que é, digamos, não ceder à... à... como é que eu hei-de dizer? Às possíveis pressões de tornar isto um evento lucrativo, ter grandes marcas. É uma coisa que nós não temos qualquer tipo de interesse, queremos que a coisa se mantenha apoiada pelo comércio local. É um evento totalmente voluntário, como é que eu ia dizer? Todos nós trabalhamos de forma voluntária, ninguém aqui faz qualquer tipo de lucro e eu penso que é essa... que é essa... essa forma de fazer as coisas que mantém a prova tão forte e que mantém os vizinhos, os vizinhos e os moradores tão próximos da organização e tão próximos das pessoas que participam. Há uma força que eu acho que nos une, que é essa confiança e essa... e essa... pronto, e essa vontade de fazer um dia de grande festa e um dia de... bonito, muito bonito, de desporto popular.

**Figura 47.**

*Carlos Alves - 21.04.2025*



Ora, muito boa tarde. Chamo-me Carlos Alves, nasci em 16 de novembro de 67. Sempre vivi aqui, portanto, na rua do Vale de Santo António. Onde estive durante muito mais tempo o Mirantense

Futebol Clube, que vai fazer, no próximo dia 1 de maio, 90 anos. Porque o Mirantense nasceu em 1935, no dia 1 de maio de 1935. Então faz 90 anos no próximo dia 1 de maio.

Em 2006 fui convidado para ser diretor também do Mirantense Futebol Clube, no qual estive na direção durante mais de dois anos. Portanto, geralmente somos nomeados para dois anos, às vezes prolonga-se durante mais tempo. Estive em duas direções e algumas comissões administrativas. E conheço um pouco do clube, que também teve equipa de futebol 11, teve jogadores de ténis de mesa que participaram em jogos internacionais, provas de atletismo. Portanto, nos anos de 2008, 2009, até talvez 2016, tivemos bastantes atletas, cerca de 100 atletas das várias faixas etárias, a fazer provas de atletismo. Também se iniciou equipa de futebol com crianças. Atualmente existe uma equipa de futebol, mas agora a nova direção é que poderá se manifestar acerca dessa situação. Portanto, uma equipa de futebol 11, que está em um campeonato, não sei se é da 4ª ou da 5ª divisão, não faço a mínima ideia. Mas pronto, no fundo é isso. Entretanto, o Mirantense também teve provas de... geralmente existiam, mais antigamente, agora não, os torneios de sueca, dominó e snooker. Inter-sócios e inter-colectividades. Atualmente isso, que eu saiba, não existe, embora se possa jogar snooker no Mirantense, às vezes ténis de mesa e matraquilhos. Em 2021, com a parceria de uma outra coletividade, que agora não estou a recordar o nome... O Relâmpago. Obrigado. Tomou-se a iniciativa de voltar a iniciar a prova de ciclismo da Subida da Rampa do Vale de Santo António. Começou a ter algum sucesso aqui no bairro, ou na freguesia de São Vicente, chamando as pessoas, ciclistas, pessoas que vieram participar por causa do convívio entre pessoas, e do crescimento de mais pessoas e de outras associações, chamando também alguns elementos de comunicação social, quer seja de rádios ou de jornais, e da própria Rádio e Televisão Portuguesa e da SIC, que também esteve aqui a fazer a reportagem. Não sei se é mais ou menos. Não me lembro de dizer mais nada.

**Figura 48.**

*Masud Majumber - 22.04.2025*



Olá, meu nome é Mohamed Massoud. Eu sou de Bangladesh e agora sou português. Então é melhor eu falar em inglês, porque o senhor está aqui comigo para saber sobre a Rampa do Vale de Santo António. Então, eu penso festival é um evento muito bom, não só para esta rua, mas também para

esta freguesia. Eu acho que a maioria das pessoas da freguesia conhece o que é a Rampa do Vale de Santo António. No dia anterior, as pessoas esperam e querem celebrar o momento. A Rampa começa, creio, às 10 horas mas as pessoas começam a chegar a partir das 7. Então, vai ser um dia cheio nesta rua. Mas obrigado ao Mirantense, obrigado a todos os sócios, e obrigado à organização do evento e à presidente do Mirantense, e também à equipa organizadora. Também obrigado à Câmara Municipal de Lisboa e à Junta de Freguesia de São Vicente por ajudar nesta Rampa.

**Figura 49.**

*Silvana Duarte - 24.04.2025*



SILVANA DUARTE

Olá, o meu nome é Silvana Duarte, nasci dia 23 do 11 de 76. Morei sempre na rua do Vale de Santo António, a minha mãe ainda lá mora. Entretanto quando casei e comprei casa tive a sorte de conseguir voltar para a minha rua. O que é que eu me lembro do Vale de Santo António de criança?

Lembro-me de haver quatro coletividades, lembro-me que havia uma parte de baixo do Vale de Santo António, uma parte do meio, uma parte de cima. Eu como era menina não podia ir para a parte de baixo onde é o Mirantense agora. Curiosamente quando comprei casa, comprei casa ao pé do Mirantense, para mal dos pecados da minha mãe, que pronto, agora faço parte da outra parte da rua. Atividades que nós tínhamos na nossa rua, para além de andarmos de bicicleta numa rua com dois sentidos de trânsito, que hoje é impensável. Como é que havia tão poucos carros, ou como é que nós éramos tão inconscientes? Mas era certamente a falta de carros, para além de andarmos de carrinhos de rolamentos, de bicicleta, de jogarmos à bola, fazíamos um peditório todos os anos para o Santo António. Lembro-me que havia uma rivalidade gigantesca entre os clubes, portanto, o meu irmão, por exemplo, jogava pingue-pongue pelos Sempre Unidos, portanto, e jogava contra a equipa do Mirantense, aquilo era uma cena super renhida. E eu não tenho assim grande... de atividades que houvesse no bairro, talvez o carnaval era uma coisa também bastante vivida pelos miúdos e pelos adultos que frequentavam as coletividades. Portanto, os meus pais, apesar de não frequentarem as coletividades, deixavam-me ir, porque eu ia com a vizinha, com a amiga da vizinha, portanto, havia sempre alguém à espreita do que é que os miúdos andavam a fazer. Assim mais coisas, não me lembro assim de nada. A minha relação com o Mirantense, como eu estava a dizer, era inexistente, porque eu não podia ir lá para essa parte do bairro, da rua. Agora, agora que eu moro lá perto, tenho percebido que eles, para além de fazerem muitas atividades com as pessoas ali no bairro, têm realmente ali um carácter social importante. Eles têm que ser todos muito bons, de certeza, porque as pessoas não deixam de lá ir, e se os outros clubes fecharam todos e eles se mantêm, têm que ter, de certeza, alguma coisa que os diferencie dos outros. Eu sou sócia do Mirantense há um ano. Ainda não fui buscar o meu cartão, mas tenho que ir. Foi a primeira vez que entrei no Mirantense, neste Mirantense novo. Portanto, no antigo ainda fui lá umas vezes jogar matraquilhos e uns snookers, mas neste novo a primeira vez que entrei foi para me fazer sócia. Relativamente à prova, lembro-me de estar em casa e de não perceber o que estava acontecendo na rua, porque comecei a ouvir muito barulho e quando vim cá à janela vi montes de bicicletas e montes de pessoas, mas não fazia a mais pequena ideia do que estava a passar. Tenho percebido que aquilo de ano para ano tem cada vez mais pessoas, a música é sempre muito boa, muito agradável, e tenho percebido também que há pessoas de idades diferentes, que no primeiro ano eram quase só adultos e agora não. Já há muitos miúdos a participar também na prova. (...) Não, eles o ano passado subiram. (...) Não me lembro assim de mais nada. No primeiro ano gostava de

ter ido comer uma cachupa, mas quando lá cheguei já não havia. Ah, uma coisa importantíssima! Deixam a rua imaculadamente limpa a seguir à prova. Imaculadamente limpa, que é uma coisa muito engraçada. E gostava que fizessem um arraial de Santo António. É uma coisa que eu gostava que fizessem.

**Figura 50.**

*Jorge Brenha - 24.04.2025*



JORGE BRENHA

Olá, o meu nome é Jorge Brenha. Eu nasci em 25 do 2 de 1975, tenho 50 anos atualmente. E eu comecei a ter contato com a rua do Vale de Santo António, por causa da minha mulher, que é a Silvana, há 24 anos, mais ou menos metade da minha vida, apesar de só viver lá há 13. Ou viver

lá há 13, mas o só também é bom, porque eu gosto de lá viver. Nestes 13 anos, há muitas diferenças ali no próprio bairro. Quando cheguei lá há 13 anos, encontrei uma rua quase sem vida. O comércio que tinha existido na altura que a Silvana nasceu, que a minha sogra foi para lá viver, que havia todo o comércio por aquela rua, não existia. Os clubes, o único, eu creio que não, por acaso não, estava aqui enganado. Quando eu fui para lá, existiam 3 clubes, 3 associações, que eram o Mirantense, o Sempre Unido e aquele de frente para a nossa casa, que como fechou, eu não me consigo recordar do nome... o Bela Vista, a Silvana estava aqui a ajudar. Mas a rua estava muito descaracterizada, morta, tinha pouca gente, muito envelhecida, continua um bocadinho envelhecida, mas com outra vida atualmente. As mudanças todas que aconteceram em Lisboa, as coisas voltaram a ter outra dinâmica. No início, como eu estava a dizer, quando comecei a frequentar a rua havia esses 3 clubes, que eu por acaso fui aos 3, Cada um com a sua dinâmica, cada um com as suas pessoas, cada um com as pessoas que moravam um bocadinho mais perto, ou se identificavam mais com aquele clube e não com o outro, por mais variadas razões. E neste momento existe o Mirantense. Eu ainda conheci o antigo, não sei se era a sede, se era só o mesmo local que eles tinham, não sei se desde sempre se não, mas muito envelhecido também mas que, na minha perspetiva, que eu não sou de Lisboa sou de Évora, um verdadeiro local de clube. O aspeto interior é de um clube, com as medalhas, as taças, as mesas de snooker, o velhinho a jogar damas, aquele ambiente. Esta nova sede tem características diferentes, eu também estive lá, reconheço poucas vezes e não consigo avaliar muito bem a dinâmica que se passa ali. Consigo avaliar de passagem, ir lá um dia ou outro, sei que tem uns matraquilhos, sei que tem uma mesa de snooker também. Mas é sempre um lugar onde as pessoas se juntam. Há uma coisa muito curiosa que eu acho engraçada, que às vezes estou ali à janela, que é ver nas alturas de férias pessoas que são imigrantes e o ponto de encontro é o Mirantense. Acho que é engraçado, eu reparo que as pessoas não são de cá, que os amigos vêm e a vão ter ali. Todas estas coisas são importantes para a vida das pessoas, dos bairros, da sociedade em geral. Relativamente à prova da Rampa, eu creio que o meu cunhado já me tinha falado da prova, ou da Rampa, não se chama tanto prova porque é mais um momento que não é de competição, mas um momento de convívio. Já me tinha falado da Rampa, eu nunca tinha assistido e um dia, da janela como o Silvana estava a dizer, assistimos à prova toda, nós foi num momento meio de Covid, não saímos muito à rua, mas naquele dia teve um momento de felicidade para nós, porque tivemos ali a ver uma coisa diferente daqueles dias todos em que estávamos mais fechados. E a partir daí já tive contacto, não sei bem como, com

fotografias, não sei se fui eu que fui procurar, acho que fui eu que fui procurar na internet, fotografias antigas da prova com a rua cheia, a rua ainda sem ter pavimento, a rua em terra, as pessoas de um lado e do outro. Acho que vi o Sporting, eu não sou do Sporting, mas o Sporting é um clube que, como tinha ciclismo desde a fundação, eu creio que alguma das fotografias tem um atleta do Sporting a subir a Rampa, com uma das bicicletas antigas, e percebi que a prova também era antiga e era importante e que este reavivar da Rampa enche de orgulho das pessoas que moram lá e as pessoas que vêm de fora também ficam muito admiradas com o que é que se está ali a passar, porque as pessoas vão passando, está sempre gente a passar naquela rua, uma rua que tem muito movimento e as pessoas ficam curiosas e sempre ficam a conhecer a rua e ficam a conhecer as pessoas da rua, porque param um bocadinho. E eu acho que aqui, tudo bem que começaram há 3 anos, 4 anos, mas acho que a divulgação, eu sei que depois não se consegue comportar porque com tantas pessoas que quererão ir ver, mas a divulgação um bocadinho mais, porque era importante para o clube, para as pessoas que vão participar sentiam-se também mais importantes, para as pessoas da rua que viam a sua rua também, uma coisa que é da rua delas, bem da minha também, não é? E acho que sim, é por aí.

**Figura 51.**

*Michele Faro - 24.04.2025*



MICHELE FARO

O meu nome é Michele Boulier Faro, tenho 44 anos, nasci dia 16 de Agosto de 1980 e sou a Presidente do Mirantense Futebol Clube, este coletivo incrível de homens e mulheres que faz do Mirantense uma, como costumam dizer e têm apelidado daqui há uns tempos para cá que é uma

aldeia do Asterix. Dizem que nós somos os resistentes, até porque já ouvi uns testemunhos dos colegas meus de direção, nós na nossa rua tínhamos 4 clubes e neste momento só o Mirantense consegue sobreviver. Com momentos baixos, também já ouvi o meu Vice-Presidente a dizer e a referir o último momento dramático deste clube, em que havia uma assembleia para a dissolução do clube e que logo ali um coletivo de homens e mulheres com muita vontade, com muito amor, com muita dedicação ao clube disseram que não e conseguimos reerguer o Mirantense como clube. Também havia algumas vozes que diziam que nunca iríamos ser capazes e que não valia a pena, inclusivamente usaram uma frase que era “*fechar com dignidade*”. E nós, pessoas que amamos o movimento associativo popular, o clube, o bairro, dissemos que não, que não podia fechar com dignidade, que não havia dignidade nenhuma em deixar fechar um clube como o Mirantense, com uma história tão rica e tão importante aqui na cidade de Lisboa. Nós tivemos a tal mudança de sede, isto não é novidade nenhuma, nós temos assistido a uma gentrificação massiva na cidade de Lisboa, a lei das rendas veio rebentar por completo com o mercado imobiliário, os nossos vizinhos mais novos, os filhos dos nossos vizinhos, os nossos sócios mais novos foram empurrados para as periferias e assistimos também a um tentar empurrar da nossa malta mais velha para a casa dos filhos inclusivamente, chegamos a ter conhecimento de sócios que vinham com cartas de senhorios a aconselhar a irem morar para a casa dos filhos, que era mais seguro. Portanto, dentro do Mirantense sempre fizemos tudo aquilo que estava ao nosso alcance para apoiar esses sócios que estavam em situação mais complicada, nem sempre conseguimos arranjar soluções que fossem as que se pretendiam, mas tendo em conta todo este panorama que há na cidade de Lisboa, onde os muito ricos conseguem comprar casa e viver e os muito pobres não têm e os filhos do bairro não conseguem ter um lugar, no entanto ainda há aqui uma meia dúzia de resistentes que arregaça as mangas e vai à luta e continua a dinamizar e a tentar trazer e voltar a trazer o espírito do bairro que neste momento já está muito enraizado à volta da comunidade Mirantense. Somos e funcionamos como uma família, cuidamos uns dos outros, não podemos permitir que haja um nosso que caia e a gente não o vá levantar, seja ele quem for e tentamos fazer tudo para que as nossas gentes se sintam bem. O “Presi”, isto é, o Eupremio, falou de uma situação que era que Mirantense tradicionalmente fechava no mês de Agosto, este ano decidimos manter aberto para que a nossa malta mais velha pudesse estar ao fresco e ter condições de enfrentar um verão que é bastante rigoroso aqui na nossa cidade e entretanto isto é um bocado a história do Mirantense, mãos dadas uns nos outros, braços dados uns aos outros, a tentar lutar por uma cidade em que não se perca este

espírito de bairro e para não sermos só meros figurantes na nossa cidade, esta Disneyland em que a cidade se tornou, onde parecemos figurantes da nossa própria cidade, estamos aqui nós a provar que não e que fazemos os nossos convívios e tentamos promover ao máximo a proximidade e juntar até novas realidades que vêm aparecendo ao nosso bairro. O Mirantense, é um espaço multicultural onde cabem todas as nacionalidades, todas as orientações sexuais, tudo e mais alguma coisa, portanto são pessoas, não há cá distinções de acordo com qualquer tipo de variável, toda a gente é bem-vinda. Eu sou fruto da imigração, portanto não podia olhar para a vida de outra forma e acho que é assim que o movimento associativo popular deve estar, que é uma casa de todos para todos. O Mirantense teve a sua atividade desportiva parada durante 40 anos, voltámos no ano passado a ter uma equipa do Inatel e este ano voltámos, passado 40 anos, às competições oficiais na AFL. Não somos os maiores, é verdade, os resultados desportivos não são os que gostaríamos que fossem, mas estamos muito orgulhosos do percurso daqueles jovens que estudam, que trabalham e às 10 da noite vão treinar até à meia-noite sem faltar aos treinos. Portanto o empenho, a dedicação, o orgulho que têm em vestir o equipamento do Mirantense é uma coisa que me deixa a mim também muito orgulhosa. Depois temos malta que vai para lá jogar pingue-pongue, setas, snooker, lá está a nossa malta mais velha às tardes todas que passam no clube a jogar as cartas, desde a sueca à copa e ao dominó. O que dizer mais sobre a nossa atividade? Acho que não há mais nada. Depois há aquele famoso evento na cidade de Lisboa que eu vou confessar, eu quando vejo, eu já conhecia uma pessoa do Relâmpago, que era o meu camarada de partido, o Pontinha, e sabia que o Relâmpago era assim, malta bacana e tudo bem, e bora lá, e tinham sempre muita vontade de arregaçar as mangas e ir à luta. E certo dia, no dia 1 de maio, entram pela sede adentro com um papelinho azul, papel, uma folha A4 azul, que era uma cartolina que tinha nada mais nada menos do que a Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago”, que felicita o Mirantense pelo seu aniversário. E nós, obrigado e tal, porreiro e tal, eu na altura era Presidente da Assembleia Geral, sempre os recebi muito bem lá no clube, e vem o desafio de, “*olha, nós estivemos aqui a pesquisar e nos anos 40, 50, havia aqui uma prova de ciclismo na rua*”, e eu virei as costas e disse, “não quero saber, não quero saber, vais-me arranjar trabalho, eu estou a tentar recuperar, estamos aqui a tentar recuperar e a viabilizar o clube financeiramente, pá, não quero saber”, “*não, mas olha, houve e tal*”, e depois lá, aqueles ratinhos de biblioteca, que é o caso do Eupremio e o João Silva, trouxeram-me recortes e eu vi as imagens, a parte dos jornais, e eu era assim, “caraças, isto era mesmo incrível”. E então, enquanto Presidente da Assembleia Geral,

cheguei ao pé da direção e disse, “olha, está em um grupo de jovens, numa coletividade, pá, fazem anos no mesmo dia que nós, dia 1 de Maio, dia do trabalhador, pá, só pode ser um bom prenúncio, esta coletividade chegar ao Mirantense, pá, vamos arriscar?” “*Não, não vamos fazer nada disso, não temos capacidades, não temos sequer know-how para o fazer*”, e eu disse, “é pá, está bem, então não fazem, eu faço com eles”. E na altura, com um diretor apenas, o Zé Paulo, agarrámos esta tarefa de, em parceria com o Relâmpago, fazer a prova a Subida da Rampa do Vale de Santo António. O que é que eu percebo de bicicletas? Nada. O que é que eu percebo de contra-relógio? Nada. Mas havia gente que percebia, portanto, dentro das nossas possibilidades, cada um ficou responsável pela sua parte. O Vasco, que era ligado ao ciclismo, agarrou e disse, “*bem, eu vou contactar a Associação de Ciclismo*”, e foi mesmo do género, “*olha, há esta prova, como é que isto se faz?*” Foi mesmo do zero. E pronto, e assim foi, o Mirantense ficou responsável pela parte institucional, não é? Porque isto não é só chegar aqui e fazer um evento desportivo, há muita burocracia, muito papel, muito, bem, “bullshit” a dar com pau. E toma muito tempo, e vêm os papéis para trás, e depois recorremos, portanto, inclusivamente houve um ano que fizemos a Rampa, acho que foi a segunda edição, sem a licença da Câmara, ok? E as forças policiais foram lá e autuaram-me, a mim, como representante do Mirantense, decorreu um processo, levei uma coima de não sei quanto, pedi para pôr em trabalho comunitário e pronto, assim foi. E pronto, e temos vindo a desenvolver a Rampa do Vale de Santo António. De ano para ano, tentamos sempre melhorar e vamos aprendendo com as edições anteriores, fazemos, isto leva muito tempo, muitas reuniões, não é? E vamos desenvolvendo a prova sempre com melhorias face à edição passada. Há aqui um facto curioso, que no primeiro ano estávamos muito receosos em relação à participação, não é? E à última da hora inscreveram, eu já não me lembro, foram uma série de ciclistas e acabámos por ter acima daquilo que a gente estava à espera. Agora, mais inscrições houvessem, mais pessoas a poderem participar, mais pessoas entrariam, porque em duas horas esgotámos as inscrições. Estamos aí também a tentar fazer de alguma forma diferente, vamos ter aí no dia 11 de maio uma conversa com os amantes da Rampa, na tentativa de procurar também soluções, porque também parece injusto que haja gente que todos os anos tenta participar e não consegue, e nós não nos sentimos bem com isso também. É uma coisa que nos preocupa e como tentamos ao máximo, de uma forma democrática, de tentar recolher os contributos de quem participa e de quem beneficia da prova que neste momento já não é do Mirantense, já não é do Relâmpago, nem do bairro. É da cidade de Lisboa, não é? Portanto, sempre na tentativa de fazer mais e melhor, nós e os nossos

manos mais novos, não é? Porque nós fazemos 90 anos no dia 1 de maio e o Relâmpago, nós olhamos sempre ao Relâmpago como os nossos miúdos, não é? Estamos sempre, “olha os garotos, o que é que eles estão a fazer, olha, pronto,” não é? É aquele sentimento de irmandade muito grande, de grande responsabilidade até e estamos sempre a torcer pelo Relâmpago, porque a palavra, se eu pudesse definir o meu sentimento em relação ao Relâmpago, só tenho uma palavra, que é amor, não sinto outra coisa, amor e orgulho, porque é aquilo que eu sinto em relação a eles, porque do nada, lançarem-se para esta coisa que é o movimento associativo numa cidade que é a cidade de Lisboa, não terem sede, o porta-bagagens do carro de um, o porta-bagagens da carrinha do outro, isto é de valorizar e era das entidades que têm poder de decisão na cidade de Lisboa de lhes darem uma sede num bairro histórico que é aí que é o ponto forte da intervenção deles é aqui mesmo, e devia haver alguém que olhasse para o Relâmpago com respeito pelo trabalho que eles fazem e é isto, basicamente.

Entrevista do autor à Radio Relâmpago, por Sara Figueiredo Costa - Episódio 4 (30.06.2025)

**Figura 52.**

*Rádio Relâmpago*



*Nota.* <https://adrrelampago.pt/radio-relampago/>

SFC - Esta exposição das fotografias da subida da Rampa do Vale de Santo António é uma coisa que nasce inserida no teu projeto de trabalho para uma cadeira de mestrado, para uma tese de mestrado, como é que...

PA - Projeto de mestrado. Olá.

SFC - Projeto final.

PA - Projeto final de mestrado, Comunicação e Multimédia, pelo IADE. Apresentei a proposta aos Professores, eles viram o meu entusiasmo e deram-me o ok. Então, para mim, foi ótimo, porque adoro ciclismo e descobri, como disse, a prova, a Rampa, em 2023 e apaixonei-me por isto, pelo público, pela prova em si, pelo ambiente, pela parte que - lá está - do desporto popular. Ou seja, não houver aqui nada comercial, ou seja, é tudo muito genuíno e as pessoas na rua a falar e a confraternizar, os pequeninhos de berço, até o seu mais idoso, toda a gente a participar. E as varandas também enfeitadas dão um colorido fantástico à rua. Estive a fotografar em 23, voltei em 24 a fotografar e quando surgiu então a oportunidade de eu, digamos, colocar a hipótese da Rampa do Vale de Santo António ser o meu projeto de mestrado, foi aceite, e então eu cheguei junto do Vasco e do Eupremio, lancei o desafio para fazer o *website*, acima de tudo com a memória, parte da memória fotográfica, o arquivo fotográfico.

SFC - Pois, porque essa é uma das valências, digamos assim, desta exposição, que tem este lado das fotografias e dos materiais que estão expostos agora no Mirantense e que poderão eventualmente ir para outros lugares, mas depois tem esse lado virtual que fica ali um arquivo, um registo de uma série de materiais que não são só as fotografias que tu fizeste, tem uma série de outras coisas mais.

PA - Tem a parte toda do arquivo fotográfico de 1941 até 1954, jornais, recortes de jornais, fotografias, notícias, que o Eupremio já tinha isso tudo catalogado ou documentado, o que me facilitou imenso o trabalho, só que eles já estavam, isto foi quase ou sobre azul, ou seja eu tinha este projeto e eles tinham este mesmo projeto na cabeça deles, não tinham era muito tempo para o fazer e então conjugaram-se aqui uma série de fatores. O Vasco esteve lá em casa, talvez em três ou quatro serões andamos por ali a tentar fazer as coisas, depois remotamente organizávamos ali o site, trocávamos ideias e sim, a parte de arquivo está toda no *website*, pode ser consultada, a parte da Era Moderna de 2021 a 2024 também está toda, desde o cartaz, às classificações, aos *briefings*, as fotos do dia. E o que é que podemos encontrar mais no *website*? A parte que me deu muito prazer fazer é a parte do bairro.

SFC - Porquê?

PA - É o contacto com as pessoas. É ouvir aquilo que elas têm para dizer. E lá está, eu não estava à espera de receber tanto, honestamente, tanto amor, tanto humanismo num mundo que hoje em

dia anda a quatrocentos à hora, ninguém liga a ninguém, pode estar uma pessoa caída no chão, olham e se calhar tiram uma foto e colocam numa rede social, não intervêm, não querem saber. Aqui não! As pessoas querem saber umas das outras, cuidam umas das outras, e aqui o Mirantense cuida dos seus, e a parte social e a parte humana ultrapassa completamente aquilo que é, na cabeça de muitas pessoas, uma associação desportiva, ou um clube desportivo de futebol, ainda por cima, não é? O futebol está muito associado a um determinado modus operandi, vamos chamar-lhe o que quisermos. Agora, eles têm então os clubes na AFL e na INATEL, e têm também esta parte da Rampa, foram desafiados pela malta do Relâmpago, e muito bem, em boa hora, e aceitaram o desafio. E ter ouvido várias pessoas, moradores, comércio local, malta do Relâmpago, malta do Mirantense, deu para perceber aqui o grande envolvimento de todos eles. E uma moradora, a Silvana, que mora aqui por cima do Massud, disse que uma coisa que a malta, que os moradores reparam é que no dia a sair à prova, a rua está limpa, não há vestígios, toda a gente se junta para limpar a rua. Um evento que mete já milhares de pessoas. Isto não é em todo o lado. Há um grande dar-de-si, há um grande altruísmo nisto tudo.

SFC - Ou seja, digamos que se calhar chegar ao cimo da rampa em primeiro não é de toda a questão mais relevante nisto.

PA - Não. Não mesmo, não mesmo.

SFC- Tu és um fã de ciclismo? Não sei se desde sempre. Mas tu fazes ciclismo ou és um fã de ver ciclismo? Como é que é?

PA - Então, vamos lá. Eu sou fã de ciclismo. Vou de bicicleta para o meu local de trabalho, que também não é muito longe. Não sou o geek dos KOM, não tenho Strava, não tenho nada disso. Ando numa fixa neste momento, dá-me um imenso gozo. Estive ligado a um fabricante de bicicletas cá em Portugal. Fui o... como é que se chama aquilo? O market manager de uns alemães. Nessa altura contactei com gente fantástica. Clientes, outros colegas meus de outros países. Mas o ciclismo... Eu nasci em França e eu lembro-me do meu pai me levar a ver etapas da Volta à França.

SFC - Pois isso é todo um...

PA - Isto fica aqui a semente que um dia mais tarde vem... Germina. A minha filha é fã do Mathieu van der Poel. A minha filha vê o ciclocross, vê as clássicas e vibra com aquilo tudo também. Ou seja, é uma coisa que passa depois de geração em geração. Da forma que nós também vivemos um pouco, enquanto pais, da forma saudável ou não que vivemos aquilo, os miúdos depois seguem ou não os nossos... sei lá, os nossos passos ou as nossas...

SFC - Claro, se só lhes falarmos do lado da competição, é só isso que vai ficar. Mas se abirmos para outras coisas... Então, mas e... Tu não conhecias nem o Relâmpago, nem o Mirantense?

PA - Eu sou de Castelo Branco e moro em São Domingos de Rana desde 2013. A minha filha já nasceu aqui em baixo. Não, não conhecia ninguém do Relâmpago, não conhecia ninguém do Mirantense. Até há... talvez 2, 3 meses atrás, quando lancei... Ou seja, eu seguia-os nas redes, fui à procura dos contactos. Enviei contacto com a proposta. “Sou Paulo, estou a fazer um projeto assim e assim. Gostava que fosse sobre a Rampa”. Expliquei aquilo que eu pretendia. E inicialmente até pensei em fazer tipo um site *dummy*. Ou seja, eu tinha umas ideias sobre o site e era só para eles darem, digamos, o aval já que eu ia usar o nome deles. E o Vasco disse logo “*Não! Usas o nosso website e nós fazemos isso. E lançamos isso depois ao público*”. E eu fiquei, “uau, fantástico”.

SFC - Mas portanto, fizeste este trabalho fotográfico nos últimos 2 anos da Rampa mas sem falares com ninguém. Ou seja, vieste porque ouviste falar, mas quem é que te falou da Rampa? Foi alguém que te disse? Viste no jornal? Como é que isso aconteceu?

PA - Então, quem me falou da Rampa, um colega meu, um amigo meu, o João Clemente está ligado à Cicloficina. E ele sabe que eu sou o “maluquinho” das bicicletas. E gosto muito, e gosto, adoro. E ele, “*pá Paulo, pá, tens que vir aqui à Rampa. Aqui no Vale de Santo António*”. Eu falei, “ó João, isso é onde pá? Nunca ouviu falar.” “*É pá, tens que vir, isto é muito fixe pá, é a malta toda na rua.*” E eu, “pá, bora.” Então, peguei na máquina, que eu gosto muito de fotografar também, peguei na máquina, trouxe um vizinho meu, o Bruno, e viemos fotografar para aí. Estava a chover, andámos rua acima, rua abaixo. E vimos o ambiente realmente fantástico. Então, ali a meio onde está a faixa do Força nas Canetas. Aliás, o meu projeto mestrado chama-se **(e.lo) força nas canetas** e eu depois já vou explicar o que é o **(e.lo)**. E viemos fotografar, e no ano seguinte, em 24, regressámos. Mas eu quando vim cá fotografar, eu nem sequer sabia que ia entrar em mestrado. Eu só entrei em mestrado em Outubro. Já depois desta edição de 24. E ao longo das aulas é que eu fui amadurecendo a ideia. E pronto, mas não conhecia ninguém. Nem sequer quando tirei as fotos, foi com o intuito de as publicar. Ou seja, eu partilhei-as na altura com o Vasco, mas enviei a galeria numa de... “*não, olha, estão aqui, se querem usar*”. Nunca foi para imprimir para fazer exposição. Surgiu isto, que eu fiquei muito agradecido e tem sido, para mim, tem sido receber muito amor das pessoas. Não tenho outra palavra para explicar mesmo.

SF - Então o nome do teu projeto de mestrado é o **(e.lo) força nas canetas**, é isso?

PA - **(e.lo) força nas canetas.**

SFC - E porquê?

PA - O **força nas canetas** porque aquela faixa que ali está sempre mais ou menos a meio da Rampa, na parte mais íngreme, dá aquele ânimo final e ali junta sempre muita gente. Há sempre alguém que dá ali um incentivo, seja a gritar, seja a empurrar. E acho piada o nome. O **(e.lo)** vem do elo da própria corrente, da bicicleta, mas também o elo depois que as pessoas criam entre si a ligação, a união, a participação. Então achei piada juntar ali, é quase uma brincadeira com a palavra. E o nome do projeto vem daí. O elo, o elo enquanto união, acima de tudo a união. E aqui nota-se muito a união.

SFC - Então e agora para 2025? Vamos contar contigo a tirar fotografias ou a subir a Rampa? Como é que vai ser?

PA - Eu gostava de ser ambas, mas se tivesse de escolher apenas uma, seria tirar fotografia. Gosto muito. Pelo ambiente, atenção. Porque tem um ambiente que eu não quero perder nada do ambiente. Mas se calhar, se for a pedalar também tenho outra visão da coisa. Não sei, ainda não sei.

SFC - Pelo menos até meio, enquanto ainda consegues respirar. Depois a partir de certa altura deve ser mais difícil.

PA - Sim, sim, sim. Mas há sempre quem ajude. Eu tenho ali uma foto fantástica. Eu não sei quem são, porque não tenho as pessoas identificadas. Não conheço, nem falo depois com as pessoas. Tenho ali apenas o Edgar que conheço pessoalmente. Mas tenho ali uma foto tirada a um senhor, creio eu que será o pai da rapariga que está em cima da bicicleta. Por sua vez, ele está com o que deve ser a neta ao colo e está a empurrar a pessoa que está na bicicleta. É poderoso. É poderoso.

*E-mail* de 18 de fevereiro de 2025 com o assunto:

“Projeto de Mestrado - **(e.lo) força nas canetas** [Pedido de Colaboração]”

Caros elementos do Mirantense F.C. e ADR "O Relâmpago",

Paulo deste lado.

Estou a frequentar um Mestrado em Comunicação e Multimédia, no IADE e pretendo desenvolver o meu Projeto Profissional "**(e.lo) força nas canetas**" com incidência na Rampa do Vale de Santo António, no Mirantense F.C e na ADR "O Relâmpago" e ainda nos moradores dos códigos postais #376, #377, #378, #379, #380, #381 e #382.

Descobri - através de um amigo (João Clemente da Cicloficina) - a Subida da Rampa do Vale de Santo António, em 2023.

Dizer que fiquei apaixonado pelo evento, é dizer pouco. Tenho lido entrevistas, ouvido o podcast, acompanhado o percurso das vossas Coletividades.

Sou um apaixonado pelo ciclismo desde que me conheço. Em pequeno, o meu pai levava-me ver etapas do Tour de France. Em 2016 percorri, de moto, alguns dos locais míticos do ciclismo mundial (Tourmalet, Aubisque, Aspin, Mont Ventoux, Alpe D’Huez, Stelvio, Giau). Deliro com as Clássicas da Primavera, com o ciclismo de Pista, com o Ciclocrosse, com as Grandes Voltas.

Ter "encontrado" o vosso evento, aqui perto de casa (moro em São Domingos de Rana, apesar de ser de Castelo Branco) fez-me "nascer" uma nova alma. Um dos meus passatempos é a fotografia e sigo alguns fotógrafos de ciclismo que são - para mim - uma referência. Tenho registos fotográficos da RVSA de 2023 (<https://tinyurl.com/2du62yh4>) e de 2024 (<https://tinyurl.com/mwa587hz>).

Como **desafio**, o Projeto **(e.lo) força nas canetas** pretende:

- Registrar testemunhos (áudio, fotografia e vídeo) de moradores;
- Criar arquivo fotográfico das edições de 1941 a 1953 e de 2021 até à presente data, ficando as edições de 2025 e posteriores em formato de colaboração participativa (upload de fotos e vídeos);
- Promover uma exposição multimédia na sede do Mirantense F.C.;
- Produzir um protótipo de boné;
- Criar plataforma (*website*) para ser a ligação entre passado, presente e futuro.

Como **metodologia**, tenho previsto:

- Realizar entrevistas aos membros do Mirantense F.C e ADR "O Relâmpago";

- Captar testemunhos de moradores, relativamente às coletividades e à RSVA em particular;
- Captar sons e imagens do quotidiano da Rua do Vale de Santo António, as gentes e o comércio local;
- Agregar o conteúdo multimédia num *website*.

Como **cronograma**, estabeleci:

- Fevereiro e Março: recolha de registos (fotos e notícias de imprensa) entre 1941 e 1954 e ainda de 2021 até 2024;
- Março: captura de sons e imagens, testemunhos, entrevistas;
- Maio: exposição multimédia na sede do Mirantense F.C. , apresentação de boné, lançamento do *website*.

O *website*, com identidade "**(e.lo) força nas canetas**", terá 5 secções:

**(bai.ro)**

- curta-metragem da Rua do Vale de Santo António e seus moradores e comércio local;
- subdivisão em sete códigos postais (#376, #377, #378, #379, #380, #381 e #382) onde constarão testemunhos áudio e fotografias de moradores (que podem - ou não - ser associadas das Coletividades mas sempre com a RSVA como foco principal da narrativa) e ainda da rua em si e locais de comércio tradicional.

**(ram.pa)**

- hiperligação para o *website* ([www.rampadovale.pt](http://www.rampadovale.pt))

**(co.lec.ti.vo)**

- entrevista a membros do Mirantense F.C. e hiperligação para página do *FaceBook* (<https://www.facebook.com/p/Mirantense-Futebol-Clube-100063532482359/>)
- entrevista a membros da ADR "O Relâmpago" e hiperligação para o *website* (<https://adrrelampago.pt/>)

**(me.mó.ri.a)**

- arquivo multimédia 1941 a 1954
- arquivo multimédia 2021 a 2024

**(hi.no)**

- hiperligação para o *YouTube* (<https://www.youtube.com/watch?v=JyiHmfok9C4>)

Outras formas de contributo passam pela presença em redes sociais com a finalidade de recolher informação:

"(e.lo) força nas canetas" tem presença no *Instagram* (<https://www.instagram.com/1170.3xx/>) e ainda tem uma comunidade no whatsapp para possíveis partilhas de testemunhos ou registos fotográficos ou outros. (<https://chat.whatsapp.com/LxSa2qCNeAfHqu1UaTjBoA>)

Pretendo, dependendo da vossa disponibilidade, esclarecer alguma questão da vossa parte relativamente a este projeto.

Segue em anexo a Proposta de Projeto que foi já discutida com o meu orientador de Mestrado.

Fico ao vosso dispor e espero encontrar-vos brevemente.

Bem hajam,

Paulo Alves